

# MEDIAÇÃO COMO PESQUISA E PRÁTICA DOCUMENTÁRIA

As plantas como mediadoras  
no Programa Educativa do Museu  
Nacional da República | 2021



# MEDIAÇÃO COMO PESQUISA E PRÁTICA DOCUMENTÁRIA

As plantas como mediadoras  
no Programa Educativa do Museu  
Nacional da República | 2021

Brasília  
Tuia Arte e Produção  
2021

# SUMÁRIO

<b>7</b>	<b>ABERTURA</b>	<b>106</b>	<b>2. TEXTOS DA EQUIPE DE MEDIAÇÃO</b>
9	Programa Educativa do Museu Nacional da República: estratégias para o enfrentamento do distanciamento social	109	Museu Cogumelo: tecendo redes por meio das plantas
15	Educativa: vivências partilhadas	127	Confluências entre mediação cultural e educação ambiental
19	Introdução	136	Contatos com um acervo recortado
<b>22</b>	<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	150	Histórias para suspender o céu
25	O Museu	165	Um breve ensaio sobre como escrever "Cerrado"
26	Eixos de pesquisa e atuação		
27	Plantas como mediadoras		
28	Metodologia		
30	Composição e formação continuada da equipe de mediação		
32	Pesquisas e ações de mediação		
35	Pesquisa do acervo		
40	Pesquisa com a escola		
42	Pesquisa-brincadeira		
43	O coco da Árvore Perguntadeira		
45	Respostas das crianças		
47	O Material Educativa		
50	Experimentação do Material Educativa		
58	Universidade, escola e museu		
60	Ciclos Formativa		
72	Oficinas		
74	Cartas para adiar o fim do mundo		
77	Acervo de plantas		
79	Ver de perto as plantas do MuN		
87	Rádio Educativa		
89	Jogo do Rio Melchior		
92	Acessibilidade		
94	Educativa em números		

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil.

Mediação como pesquisa e prática documentária  
[livro eletrônico] : as plantas como mediadoras  
no Programa Educativa do Museu Nacional da  
República / organização Cayo Honorato, Viviane Pinto.  
Brasília, DF : Tuía Arte e Produção, 2021. PDF.

ISBN 978-65-994654-2-0

1. Artes 2. Ciências sociais 3. COVID-19 - Pandemia  
4. Cultura 5. Mediação 6. Museus - Aspectos educacionais  
I. Honorato, Cayo. II. Pinto, Viviane.

22-98924

CDD-306.4709

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes e cultura : Sociologia : História 306.4709  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# ABERTURA

# PROGRAMA EDUCATIVA DO MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA: ESTRATÉGIAS PARA O ENFRENTAMENTO DO DISTANCIAMENTO SOCIAL

Os museus de arte, tal como os conhecemos hoje, surgiram no século XIX. Antes disso, a exposição de coleções de obras de arte, antiguidades, objetos arqueológicos, entre outros, era realizada em gabinetes de curiosidades ou em salas de palácios da nobreza. A partir do século XX, os museus passaram a ser reconhecidos como espaços educativos — ainda que não formais —, como as escolas e as universidades. Os museus, antes considerados lugares onde se encontram “coisas velhas”, locais de construção de narrativas oficiais e vinculadas às elites, buscaram então intensificar a relação museu-público, transformando a noção de arte — e sendo transformados por ela —, além de enfatizar a dimensão pedagógica de utilidade social desses equipamentos culturais. O reconhecimento do potencial educativo dos museus impactou a maneira como são construídas as narrativas das exposições, o acesso e a relação dessas instituições com o público. Os museus,

assim, parecem mais próximos de nós, ainda que continuem a representar um lugar de poder.

O Museu Nacional da República, localizado em Brasília e administrado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF), é uma instituição inaugurada já no século XXI, inserida nas reflexões mais atuais do campo da museologia. Neste ano, em 2021, completou 15 anos de fundação. Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos, a serviço da comunidade e do seu desenvolvimento, com a missão de elevar e revelar, ao maior número de pessoas possível, a arte e a cultura visual contemporânea, com vistas a seu incentivo, à sua difusão e a seu reconhecimento pleno como bem cultural universal, que deve ser preservado e democratizado.

Pautado pela liberdade de expressão, este museu visa ainda abrigar manifestações culturais que contribuam para a pesquisa e a experimentação das diversas linguagens artísticas e culturais,

assim como seu fomento, sua difusão e a facilitação de seu acesso, por meios formativos e informativos ágeis, globais e socioeducativos.

O Museu Nacional da República, doravante MuN, dispõe de um acervo em construção, composto por, aproximadamente, 1.400 obras produzidas no Brasil, desde meados do século XX até os dias atuais. Além desse acervo permanente, o museu recebe e realiza exposições temporárias de artistas de relevância nacional no campo das artes visuais.

Seu edifício icônico, projetado por Oscar Niemeyer (1907-2012), em formato de semiesfera, tem sua concepção arquitetônica condizente com a monumentalidade das escalas da Esplanada, alinhando-se com o modelo estético modernista, como as outras edificações do Complexo Cultural da República, onde se insere.

O edifício do museu é, portanto, elemento de um conjunto, de uma unidade conceitual e formal da estética arquitetônica escolhida para a capital do Brasil, a qual contou com o projeto urbanístico do arquiteto Lúcio Costa (1902-1998). Esse plano urbanístico foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1987. Além disso, o equipamento é tombado em âmbito federal pela Portaria nº 55 de 2017 e inscrito ex officio no Livro de Tombo do

Distrito Federal, conforme a Lei nº 47/1989.

Para dialogar com esse contexto arquitetônico, por ter sido projetado por um arquiteto renomado e por apresentar características formais tão autênticas e inovadoras, o edifício pode ser considerado também, por si só, uma obra de arte monumental. Uma instalação que, por ser um museu, abriga, em seu interior, outras obras de arte. Essa combinação e essa coexistência de potenciais estéticos, formais e conceituais entre o edifício e suas coleções agregam uma singularidade ímpar ao MuN.

Além disso, sua localização privilegiada, no centro do Plano Piloto, próxima à rodoviária, bem como o fato de ser um museu público e com entrada gratuita, tornam o MuN bastante acessível a um público numeroso e diversificado. Em 2019, antes da pandemia de Covid-19, foram registrados 306.567 visitantes no ano, o que inclui uma quantidade expressiva de estudantes das redes pública e privada de ensino. Ainda em 2019, calculou-se que 251 instituições de ensino foram oficialmente atendidas pelo Museu, totalizando 13.279 estudantes. Vale ressaltar que esses dados se referem somente às visitas agendadas, não considerando as visitas espontâneas e sem aviso prévio, muito recorrentes. Essas visitas são mediadas por arte-educadores e objetivam o fortalecimento da educação patrimonial, promovendo conhe-

cimento de maneira construtiva à experiência do público. A educação em museus, além de complementar o currículo formal, é exercício de afetividade e preservação da memória e do patrimônio cultural. Nesse sentido, o programa educativo do MuN é uma ação essencial à sua função social.

#### AÇÕES EDUCATIVAS E ESTRATÉGIAS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UMA POLÍTICA INSTITUCIONAL

O Museu Nacional da República tem como um de seus princípios fundamentais o reconhecimento e a efetivação de seu papel educativo, em conformidade com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e com a Lei Complementar Distrital nº 934, de 7 de dezembro de 2017 (Lei Orgânica da Cultura). Além disso, a consolidação de um programa educativo no Museu tem por objetivo ampliar o acesso da população à fruição da arte, aos bens e aos serviços culturais, promover a sensibilização e a formação artística e cultural, a capacitação e o aperfeiçoamento profissionalizantes, além de complementar a atividade escolar e ordinária.

No ano de 2019, o Museu Nacional da República criou, em colaboração com a Subsecretaria de Fomento e Incentivo Cultural (SUFIC) da SECEC-DF, uma linha para ações educativas, que foi publicada no Edital FAC Ocupação 2019. A inclusão dessa linha de fomento permitiu acolher projetos

diversificados para a construção de um programa educativo com a participação da comunidade.

A análise técnica e de mérito cultural dos projetos foi realizada por comissões de julgamento específicas, conforme publicado em 13 de junho de 2019, no Diário Oficial do DF. A seleção foi feita por pareceristas credenciados, conforme prevê o Art. 38 do Decreto nº 38.933, de 2018.

Entre dois projetos selecionados, tivemos a satisfação de receber o Programa Educativa, cuja abordagem do acervo relacionou-se a questões ambientais e a questões de saúde, valendo-se de uma curadoria que teve como mote as plantas. Assim, a proposta das ações de mediação cultural do Programa Educativa foi motivada a partir de obras do acervo do museu que, de alguma forma, evocam plantas. Como a apresentação do programa elucidada em seu website, as plantas são abordadas sob diferentes prismas: “da simbologia das árvores à ligação da crise sanitária com a destruição ambiental, passando pelos fitoterápicos, pela agroecologia e pelas ‘vozes vegetais’, nas artes visuais e nas vidas das pessoas”. São as plantas que ensinam.

A pandemia do novo coronavírus provocou a interrupção de diversas atividades cotidianas e a necessidade de uma reorganização do trabalho para o atendimento ao público através dos recursos digitais e da internet. A parceria

estabelecida em confluência de objetivos entre o Programa Educativa e o Museu Nacional da República, desde a adaptação do plano de trabalho aos novos (e velhos) desafios, permitiu a implementação de estratégias para manter a função e a missão sociocultural desse equipamento, compreendendo as limitações e os alcances dessas ações.

De maneira criativa, a reformulação da mediação cultural por meio dos ambientes virtuais foi feita de maneira criteriosa e crítica pelo Programa Educativa. Buscou-se estabelecer uma relação com as mídias digitais que não se baseou em um conceito de substituição, mas sim de acréscimo, encarada como mais uma das possíveis ferramentas de fruição, de compartilhamento de conhecimento, de contato, de produção artística e de mediação efetivamente dialógica.

A ideia de um edifício-obra-monumento que abriga obras de arte traz consigo aspectos muito interessantes para a percepção do Museu como um espaço que possibilita experiências estéticas múltiplas, impossíveis de serem transpostas em toda sua complexidade para um meio digital, virtual. O contato direto com as obras de arte, a imersão na arquitetura, o contato com outras pessoas, bem como a dimensão física e conceitual do espaço são elementos fundamentais para as infinitas experimentações e vivências possibilitadas pela potência da visita a um museu.

De uma maneira que ainda não conseguimos dimensionar, estamos passando por uma revisão transformadora. Além de estar diante de novas dinâmicas e rotinas de trabalho no mundo real e no espaço físico, os museus estão se dando conta de que há todo um novo espaço virtual a ser ocupado. Entretanto, deparamo-nos também com as dificuldades tecnológicas de nossas estruturas e com as limitações de acesso pelo público, uma vez que a internet democratiza, conceitualmente, o acesso à informação, mas, na prática, ainda estamos longe de garantir o acesso universal e amplo às tecnologias no Brasil — o que dilata ainda mais as distâncias socioeconômicas de acesso.

Por isso, foi tão relevante a parceria com os projetos selecionados pelo FAC. O desenvolvimento de um programa educativo, conduzido em mídias digitais, revelou as qualidades e as potencialidades da associação entre arte, cultura e tecnologia, fundamental para a atualização dos museus. A experiência do distanciamento social e a atuação do Programa Educativa, ao longo do ano de 2021, permitiram a reflexão, a produção e a partilha de saberes através de soluções digitais pertinentes e preocupadas com a acessibilidade dos públicos.

**Sara Seilert**

Diretora do Museu Nacional da República

# EDUCATIVA: VIVÊNCIAS PARTILHADAS

Este é um projeto pensado e desenhado a muitas mãos — para alcançar muitas outras. A Educativa Museu Nacional desejou e trabalhou para construir caminhos de diálogo entre áreas do conhecimento e, sobretudo, entre pessoas.

Ao longo de 2021, o mundo enfrentou desafios que há muito se enunciavam — e se concretizaram de maneira incontornável. Nesse contexto, o Museu Nacional da República reforçou sua confiança na importância social da arte e da educação e recebeu este projeto educativo.

Em nossos primeiros passos, vimos que a iniciativa se tratava de conectar pessoas em torno de um projeto pedagógico, de modo que os participantes contribuíssem a partir de suas experiências em áreas que ultrapassassem o lugar-comum da mediação cultural. Buscamos, assim, educadores com atuação em botânica, antropologia, curadoria, museologia, educação popular. Buscamos também produtoras, consultoras,

comunicadoras, designers, intérpretes de Libras, técnicas. Convidamos escolas, professoras, artistas, ativistas, pesquisadoras e, por fim, encontramos mais que a encomenda: pessoas conectadas por um interesse genuíno em conhecer interlocutores e em criar fissuras em práticas que há muito não comportam a diversidade de modos de viver e de saber o mundo. As vivências e o labor de cada uma das pessoas que participou deste projeto se imprimem nas ações que aqui foram gestadas e iniciadas. Às vezes adubo, às vezes chão; outras semente, outras ainda oxigênio: trajetórias nutrizes se mesclaram nessa construção.

Foram muitos os desafios de um trabalho com decisões e fazeres partilhados — na proximidade do cotidiano e na artificial distância dos corpos em meio à pandemia. Um dos papéis da Tuíá foi criar condições para que as atividades e o traçado deste projeto pudessem alcançar muitos dos seus auspiciosos objetivos, o que

foi realizado com responsabilidade e comprometimento.

A confiança e o acolhimento do Museu Nacional permeou todo o nosso projeto. A convicção na importância de um projeto educativo, em uma instituição de tamanha relevância no Distrito Federal, mostrou-se no cotidiano com a diretora do Museu, Sara Seilert, e as incansáveis Morena Reis e Taís Castro, museóloga e fotógrafa sem as quais a pesquisa do acervo não poderia ter sido realizada. A elas, nosso muito obrigada.

Esta publicação busca retornar à esfera pública o caminho trilhado pela equipe e por nossos públicos e parceiros, fortalecer elos na pesquisa em mediação cultural e chamar para perto pessoas com quem possamos partilhar desejos, práticas, interesses e esperanças ao pensar o lugar dos museus e de seus educativos neste momento — bem como a invenção dos que virão.

**Bruna Neiva**

Tuía

# INTRODUÇÃO

Esta publicação reúne escritos, relatos e documentações diversos como parte do que foi produzido na experimentação da ideia de mediação cultural como pesquisa, prática documentária e produção compartilhada de conhecimentos, no âmbito do Programa Educativa do Museu Nacional da República (Educativa), ao longo de 2021.

A Educativa desenvolve atividades públicas de educação e mediação cultural, buscando ampliar o uso social e o papel educativo do museu aos diversos públicos. As atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2021 buscaram promover reflexão, produção e partilha de saberes em relação a diferentes temas: arte, cultura, mediação, patrimônio, meio ambiente, saúde e sociedade. Para tanto, a programação contou com diversas ações de mediação cultural, realização de encontros formativos, produção de materiais educativos e documentação da agência dos públicos.

A Educativa é viabilizada por um projeto pensado e aprovado

em edital público, promovido pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF) para desenvolver um programa com uma série de atividades educativas no museu. Essas envolvem uma equipe multidisciplinar com 18 pessoas, que trabalham diretamente como educadoras, mediadoras, formadoras, produtoras, comunicadoras, intérpretes de Libras, bem como equipes administrativa e técnica de transmissão, áudio e vídeo.

Como fruto da mediação como pesquisa e prática documentária, esta publicação é pensada como um modo de inscrever, na esfera pública, aquilo que foi produzido no trabalho de mediação cultural. Por isso, acreditamos que ela pode interessar sobretudo a quem trabalha no espaço das relações entre arte e públicos, no campo da mediação cultural em museus e em exposições de arte — um campo de pesquisa e atuação específico, que, no Brasil, consolidou-se a partir dos anos 1990, mas que se viu diante de

inúmeros desafios e transformações com a pandemia de Covid-19.

A publicação está dividida em três partes. Na primeira, apresentamos o Programa Educativa, seus eixos de atuação e metodologia de pesquisa, assim como cada uma das pesquisas e ações mediativas desenvolvidas. Na segunda parte, constam os textos de cada um(a) dos(as) mediadores(as) do Programa, que apresentam suas reflexões sobre as pesquisas e as ações em que mais estiveram envolvidos(as). Na terceira parte, à maneira de um epílogo, apresentamos uma breve reflexão sobre questões que surgiram no desdobramento da Educativa.

**Viviane Pinto**

Educativa Museu Nacional

1

# APRESENTAÇÃO

# O MUSEU

Fundado em 2006, o Museu Nacional da República (MuN) é um dos principais espaços de exposição de artes visuais do Distrito Federal (DF). Antes da pandemia de Covid-19, contabilizava uma visitação aproximada de mil pessoas por dia, com um público bastante diverso em termos etários, econômicos, geográficos e sociais. Sua localização estratégica, próxima à Rodoviária do Plano Piloto — um dos pontos de maior circulação de pessoas de diferentes regiões administrativas do DF e entorno — e sua entrada gratuita são fatores que convidam o público a conhecer o prédio e as exposições em cartaz. Além disso, o MuN é um projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, sendo também um ponto turístico da cidade que recebe pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo.



Imagem 1: Museu Nacional. Fonte: Educativa

# EIXOS DE PESQUISA E ATUAÇÃO

Com a pandemia de Covid-19, os museus estiveram entre os primeiros espaços que foram fechados para visitação. Para os programas educativos, a situação trouxe inúmeras restrições e desafios. Um deles foi a necessidade de atuação nos meios digitais, sem reduzi-los a um simples veículo de divulgação.

Diante desse contexto, um ponto de partida do Programa Educativa foi sua própria reformulação, decorrente da necessidade de se repensar o trabalho de mediação cultural e todas as atividades que tinham sido pensadas e propostas antes da pandemia, quando esse trabalho de mediação acontecia de forma inteiramente presencial, no espaço das relações entre arte e públicos do museu.

Com a pandemia, o Programa Educativa teve de ser todo repensado para acontecer no ambiente virtual. O projeto anterior se estruturava em torno de eixos comuns ao trabalho de um programa educativo: arte, patrimônio, públicos e mediação cultural. Com a reformulação, o projeto passou a contemplar também os eixos ambiental, digital e saúde.

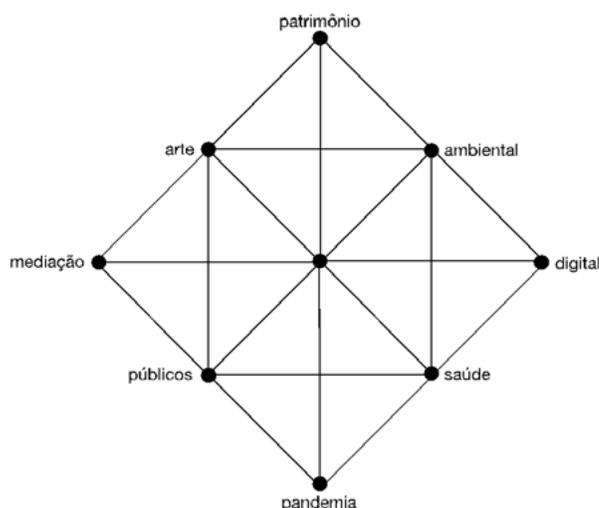


Imagem 2: Eixos do Programa Educativa. Fonte: Educativa

# PLANTAS COMO MEDIADORAS

Qual seria o papel da arte, do museu e de seus educativos neste momento? Partimos dessa pergunta, considerando que arte e museu podem, significativamente, pensar e atuar em diferentes aspectos da vida cotidiana e das relações sociais em tempos de pandemia.

Desde o contato físico como fator de contágio à perda do olfato como sintoma da doença, passando pela advertência sobre as aglomerações, a pandemia levanta questões estéticas, cognitivas e políticas, que o Programa Educativa busca desdobrar com diferentes interlocutores e públicos interessados.

De algum modo, porém, a pandemia não chegou sem avisar. São diversos e antigos os alertas científicos e dos povos originários, que apontam para mudanças em nossas relações com o mundo, tais como a crise ecológica, o aquecimento global, os desastres ambientais. Nesse contexto, ganham relevância questões de saúde pública e questões ambientais de ordem planetária. Os museus, assim como outras instituições culturais, estão tendo que aprender a existir em uma nova realidade. São inúmeros os desafios e as novas orientações para o trabalho de mediação com o “giro digital” dos museus, que, a partir disso, precisam estar nas redes sociais para se conectar com os públicos.

Na reformulação do projeto da Educativa, assumimos a natureza e, mais especificamente, as plantas como orientação para as pesquisas e outras ações com os públicos. Pensamos as plantas como mediadoras, pois elas têm uma capacidade de articular os diversos eixos de atuação da Educativa. As plantas são importantes não só pelo que produzem, mas também pelo que podem nos ensinar. É por meio delas, com elas e a partir delas que pensamos e propomos grande parte de nossas ações. Com as plantas podemos falar tanto das artes quanto da vida.

# METODOLOGIA

Desde antes da pandemia, no eixo mediação, já trabalhávamos com os conceitos de mediação cultural como pesquisa, prática documentária e produção compartilhada de conhecimento. Nessa perspectiva, o museu participa de uma rede em interlocução com outros atores, sendo um agente social entre outros. Assim, os públicos são entendidos como sujeitos praticantes de cultura, em vez de simples destinatários ou beneficiários. A imagem a seguir, um diagrama das tipologias de rede concebido pelo engenheiro Paul Baran, no início dos anos 1960, ajuda-nos a explicar esses conceitos.

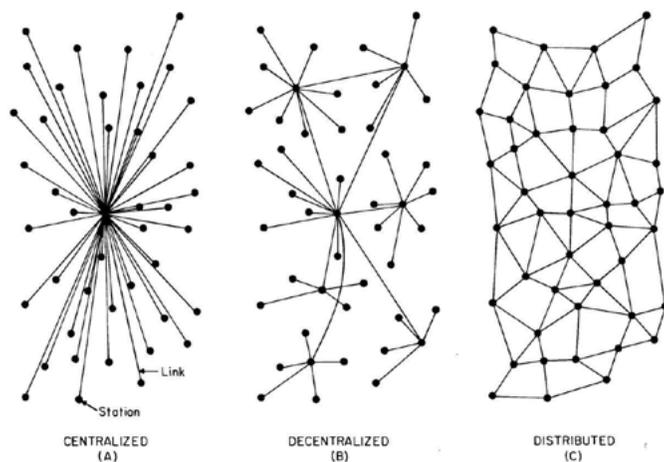


FIG. 1 — Centralized, Decentralized and Distributed Networks

Imagem 3: *Diagrama* das tipologias de rede. Fonte: Paul Baran (1964)<sup>1</sup>

Na rede centralizada, à esquerda, a mediação pensa o museu como um polo irradiador de conteúdos, dentro da lógica de que a produção de poucos (museu e artistas) é distribuída para muitos. Na rede distribuída, à direita, o museu atua de forma interdependente com outros agentes,

1. BARAN, P. **On distributed communications**. RAND Corporation, 1964. Disponível em: <<https://bitly.com/fcm4H5>>. Acesso em 5 nov. 2021.

abrigo uma articulação entre muitos do que também é produzido por muitos. Essa articulação não está dada e precisa ser observada, reagregada, discutida e desdobrada. Eis a perspectiva da mediação como prática documentária: ela não só reconhece os públicos como praticantes da cultura, mas também as dinâmicas culturais possibilitadas pela internet.

Na mediação como prática documentária é indispensável o registro, a sistematização e a organização das informações e conhecimentos compartilhados, no sentido de possibilitar uma comunicação pública e material do trabalho. Essa dimensão é muitas vezes esquecida no trabalho da mediação, que, por vezes, ignora a conversa com outros públicos, de outros tempos e espaços, para além das exposições.

A mediação como pesquisa corresponde a uma tentativa de diálogo mais horizontal com os públicos. Para isso, concebemos e nos desafiamos a praticar uma abordagem baseada nas quatro perguntas subsequentes:

1. Quais perguntas são para nós, educativo e museu?
2. Quais perguntas não podemos responder sozinhos?
3. Quais perguntas nós só poderemos responder com os públicos?
4. De que modo elas também são perguntas para os públicos?

O recurso ao uso de perguntas é frequente no trabalho educativo em museus como estratégia para disparar o diálogo. Muitas vezes, o trabalho de mediação vai até onde se disponibilizam certas perguntas. O fato de não se acompanharem as respostas que são dadas às perguntas que são feitas compromete a própria ideia da mediação ser um lugar de produção do conhecimento.

Assim, propomos que haja algum acompanhamento, de modo que o diálogo pretendido seja efetivo. Nesse processo, entendemos que conhecimentos são construídos e compartilhados de maneira multidisciplinar e colaborativa. Desse modo, entendemos que a mediação não se reduz a um serviço de difusão de conteúdos. Do mesmo modo, entendemos que os públicos formulam narrativas, discursos e posicionamentos a respeito da arte e da vida.

# COMPOSIÇÃO E FORMAÇÃO CONTINUADA DA EQUIPE DE MEDIAÇÃO

As(os) mediadoras(es) do Programa Educativa desenvolvem ações, pesquisas e publicações de mediação cultural com os diferentes públicos do Museu; atuam em uma equipe de trabalho cooperativa e interdisciplinar a partir de suas áreas de formação e experiências; participam de reuniões de trabalho e encontros de formação continuada; realizam tarefas de criação, registro, estudo, reflexão, escrita e compartilhamento das atividades desenvolvidas.

Para a composição da equipe de mediação, foi aberta uma chamada pública, em janeiro de 2021, para profissionais que, entre as exigências, precisariam morar no DF e ter formação e/ou experiências em pesquisa e produção em uma ou mais das seguintes áreas: mediação cultural, educação, ensino de arte, curadoria, história da arte, antropologia, sociologia, meio ambiente, botânica, comunicação, audiovisual e acessibilidade. Em 10 dias de divulgação da chamada para as cinco vagas ofertadas, recebemos 476 inscrições. Com a pandemia, muitos programas educativos foram reduzidos ou extintos, e esse quadro só reforçou a nossa responsabilidade em desenvolver um trabalho que pudesse testemunhar a importância dos educativos neste momento.

A formação continuada da equipe é uma base do Programa Educativa, sendo este um meio que nos permite aprofundar os saberes necessários ao desenvolvimento das atividades propostas de mediação cultural. A imagem a seguir mostra um dos momentos iniciais de nossa formação, em que realizamos uma visita ao Viveiro I da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), localizado no Park Way. Com Adevalter Jovêncio do Nascimento, funcionário da Novacap, conhecemos o processo de coleta, beneficiamento e germinação de sementes, assim como o processo do plantio, o cuidado e a distribuição de mudas que a Novacap desenvolve.



Imagem 4: Registros da visita à Novacap. Fonte: Bruna Neiva

# PESQUISAS E AÇÕES DE MEDIAÇÃO

A programação da Educativa contou com diversas ações de mediação cultural, encontros formativos em formato de webinários e oficinas, documentações e materiais educativos em site, áudios e vídeos, além desta publicação. Nos sociogramas do projeto, realizado ao longo de 2021, as ações e os interlocutores da Educativa podem ser vistos de forma relacionada.

Sociograma 1 — Os pontos verdes se referem às ações; os marrons, aos interlocutores. As ligações em laranja se referem a ações pontuais; as ligações em azul, às ações longitudinais. Aqui vemos principalmente a relação entre a pesquisa do acervo e a Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz) na produção de materiais educativos e em encontros formativos.

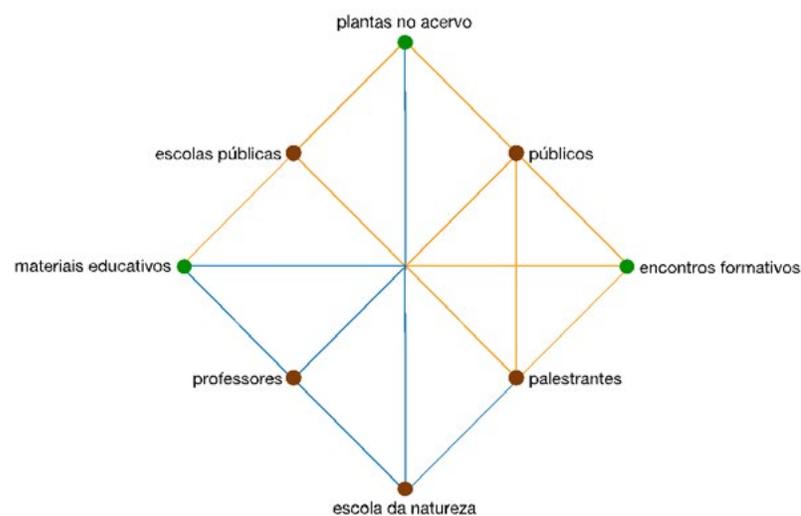


Imagem 5: Sociograma 1. Fonte: Educativa

Sociograma 2 — Aqui vemos um conjunto de oficinas e ações mediativas com plantas nas artes e na vida, que promoveram conversas e interlocuções com os públicos, algumas de modo pontual, outras de modo longitudinal.

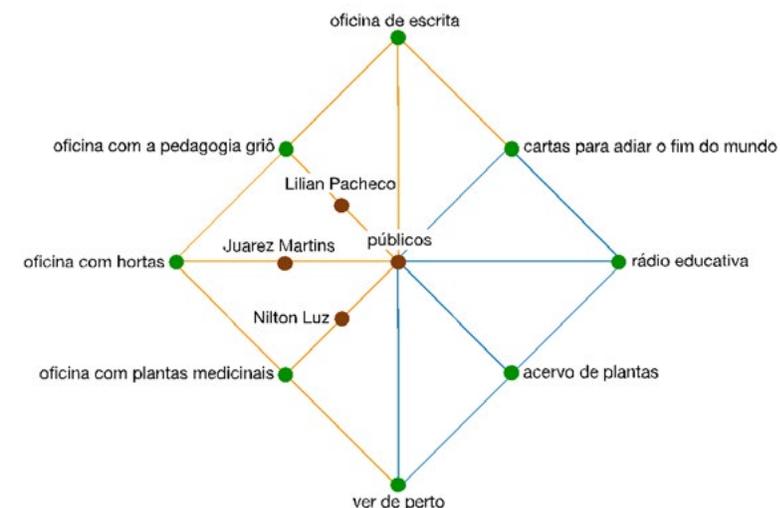


Imagem 6: Sociograma 2. Fonte: Educativa

A definição das oficinas e das ações mediativas, bem como das(os) convidadas(os) para os encontros formativos com os webinários se deu no processo da mediação como pesquisa e prática documentária.

Logo no início das pesquisas, para apresentar o Programa Educativa em formato audiovisual, escolhemos as plantas, o cogumelo, as árvores e as formigas para representar as mediadoras, isto é, o Museu, a Escola e os públicos. O vídeo Conheça o Programa Educativa do Museu Nacional da República apresenta as plantas mediadoras Caliandra, Pequi, Sucupira-branca, Candombá e Jenipapo, além das pesquisas e ações em que estão envolvidas.<sup>2</sup>

A Caliandra desenvolve a pesquisa das plantas no acervo do museu, com saberes da história da arte e da curadoria em espaços culturais. A Caliandra é uma flor vermelha, de cor viva e com pétalas espetadas. A Sucupira-branca

2. O vídeo pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=XQ2SEuYzRmo>

e a Pequiadeira são conhecedoras do ensino da arte e da educação em museus e espaços culturais. Elas desenvolvem pesquisas em diálogo com a escola, seus estudantes e educadores, pensando a produção de materiais educativos. Elas são árvores do cerrado. A Sucupira-branca dá sementes alaranjadas, e a Pequiadeira dá frutos amarelos e arredondados, com espinhos no interior. A Candombá é especialista em questões ambientais. Pesquisa e pensa as ações voltadas para o mundo das plantas. Candombá é um arbusto do cerrado, de folhas finas e verdes, voltadas para cima e para baixo. O Jenipapo, com seus conhecimentos em sociologia e antropologia, desenvolve a pesquisa com os públicos, considerando seus repertórios e saberes diversos, enquanto praticantes de cultura. O Jenipapo é uma árvore grande, dá frutos redondos e macios.

O vídeo também registra a centralidade da pandemia (representada pela mamona vermelha) para nossas reflexões, a questão norteadora da Educativa — sobre qual seria o papel da arte, do museu (cogumelo) e de seus educativos neste momento —, além de nosso interesse em compartilhar com os públicos (formigas) olhares para a vida cotidiana e para as relações sociais em tempos de pandemia.



Imagem 7: Ecosistema Educativa. Fonte: Educativa

## PESQUISA DO ACERVO

Ao atuar no espaço das relações entre arte e públicos do museu, o Programa Educativa pensa sobre preservação, memória e acervo, partindo da compreensão de que o patrimônio cultural seria um bem comum a todas as pessoas e que, portanto, precisa ser pensado de modo conjunto com os públicos.

O Museu Nacional da República Honestino Guimarães (MuN) foi inaugurado em 2006. Seu acervo foi se formando principalmente por meio de doações, que acontecem de várias formas: prêmios e salões de arte que têm a doação como contrapartida, doações viabilizadas pela relação direta entre museu e artista/produção e até doações resultantes de apreensões pela Polícia Federal. Em 2021, a coleção do MuN possuía mais de 1.400 obras de arte, entre modernas e contemporâneas, nos mais variados suportes e formatos, incluindo desenhos, pinturas, esculturas, fotografias, vídeos e instalações.

Uma das pesquisas propostas pela Educativa começa com uma incursão no acervo do MuN perguntando se ali existiam “plantas”. A decisão pode parecer inusitada, mas pretende especular sobre uma possível “vegetalização” do acervo e das ações de mediação, considerando uma perspectiva das plantas na reflexão sobre o patrimônio artístico e cultural.

Como dissemos, pensamos que as plantas têm uma qualidade agregadora, capaz de abrigar as múltiplas articulações entre os diversos eixos de atuação do projeto. Como programa que se propõe a aprender com as plantas, refletimos sobre a importância de se reconhecer a capacidade de atuação da natureza e sua centralidade para enfrentar a crise climática, ambiental e ecológica em curso.

Nossas motivações para a pesquisa do acervo do MuN foram:

- pensar a arte e o museu sendo atravessados pelas histórias e vidas das pessoas, no período pandêmico, tendo as plantas como mediadoras;
- fomentar conversas e o exercício de contar histórias, relacionando-as com as plantas do acervo;

- construir com os públicos histórias com ou a partir das plantas do acervo do museu.

Entre cerca de 1.400 trabalhos de arte no acervo do MuN, identificamos 225 obras em que as plantas aparecem de diferentes maneiras, como:

- representação: quando as plantas aparecem retratadas, seja em um desenho, seja em pintura ou fotografia;
- material: quando a obra é feita de materiais com origem vegetal, como folhas, fibras naturais, madeira, entre outros;
- ideia: quando o pensamento acerca das plantas se faz presente, mesmo que elas não estejam de fato no trabalho, nem como representação, nem como material, estando, por exemplo, no título da obra;
- ausência: quando as plantas estão presentes pela falta, por exemplo, quando as obras discutem mudanças ambientais, refletem acerca da produção de lixo, da expansão da ocupação urbana ou mesmo da industrialização das plantas.

### 1. REPRESENTAÇÃO



### 2. MATERIAL



### 3. IDEIA

Meu jardim calcinado ou homenagem à Bikini, do artista Marcelo Lago



### 4. AUSÊNCIA

I.E.D. (improvised explosive device), dos artistas Gisela Motta e Leandro Lima



Imagem 8: Primeiro momento da pesquisa do acervo. Fonte: Educativa

Entre as categorias identificadas previamente, antes de conhecer o acervo, também existia a ideia de que as plantas poderiam aparecer como “programa”. O trabalho Restauro (2016), de Jorgge Menna Barreto, foi um exemplo inicial para nos ajudar a entender o lugar dessa categoria. Em Restauro, Jorgge articula um sistema a partir do restaurante da 32ª Bienal de São Paulo, que passou a funcionar como extensão das agroflorestas para dentro do pavilhão, assim como para dentro dos visitantes, que, nesse processo, participavam de uma escultura ambiental em curso. Neste momento de escrita, em que retomamos essa categoria que não foi identificada no acervo do MuN, podemos especificá-la melhor com a ideia das plantas como um “sistema operacional” ou “modus operandi”, ou seja, como aquilo a partir do qual as artes podem operar e desenvolver suas atividades como plantas.

Em um segundo momento da pesquisa no acervo, resolvemos olhar novamente para o conjunto de obras, com olhar e escuta abertos para entender quais formulações, narrativas e histórias essas obras poderiam nos mostrar. Chegamos a uma rede de questões, distribuídas em três eixos principais, com várias possíveis ramificações e conexões entre si:

- Planta e sociedade: reúne questões sobre a relação entre arte, sociedade, território e natureza.;
- Planta e indivíduo: investiga possíveis relações entre sujeitos e natureza, olhando para o contato íntimo, pessoal e afetivo dos indivíduos com as plantas;
- Ecossujetividade: duas palavras se juntam, ecologia e subjetividade, para pensar a concepção de que o meio ambiente e os seres naturais não humanos atuam “intencionalmente” sobre o mundo, como se fossem pessoas.

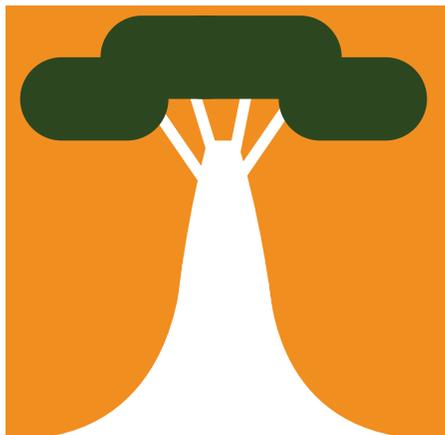
Partimos dos eixos do Programa e da rede de assuntos identificados com a pesquisa do acervo para desenvolver algumas de nossas ações, tais como: os materiais educativos, as ações de mediação *Acervo de plantas*, *Ver de perto* e *Cartas para adiar o fim do mundo*, além de webinários, rodas de leitura e oficinas. Por exemplo, com a ação *Acervo de plantas*, abordamos a rede de questões do eixo planta e indivíduo; com a ação *Cartas para adiar o fim do mundo*, abordamos a rede de questões do eixo ecossujetividade; com os webinários, as rodas e oficinas do 1º e 2º Ciclos Formativa, abordamos sobretudo, mas não apenas, a rede de questões do eixo planta e sociedade.

Foram muitos os desafios impostos pela pandemia para o desenvolvimento da pesquisa do acervo de modo presencial. Logo no início do projeto, em fevereiro de 2021, tivemos o segundo *lockdown*, em Brasília, de modo que nossa principal ferramenta de pesquisa e fonte de informação foi uma planilha de obras disponibilizada pela própria direção do MuN. Assim, tivemos de desenvolver a maior parte da pesquisa do acervo sem o contato presencial com as obras.

É importante dizer que o Museu Nacional da República atualmente conta com uma equipe de museólogos que está fazendo um mapeamento do acervo, atualizando a planilha de informações das obras dentro de um padrão mais atual da museologia, complementando informações acerca do estado das obras, bem como fotografando e digitalizando o acervo para gerar uma base de dados a ser disponibilizada por meio da Tainacan. Esta é uma plataforma de código aberto para WordPress voltada para a criação de repositórios digitais, utilizada pelo Instituto Brasileiro de Museus — IBRAM. Porém, como esse trabalho está em andamento, não foi possível contar com essas informações durante nossa pesquisa.

Das 225 obras “com plantas” do acervo, selecionamos 40 obras para obter imagens em boa qualidade, contando para isso com a colaboração de Taís Castro, que é responsável pela produção fotográfica e audiovisual do MuN. Para além dos critérios circunstanciais, relativos à disponibilidade e ao direito de uso de imagem, o que fundamentou essa priorização foram as relações que as obras apresentaram com aqueles eixos, os objetivos dos materiais educativos e das ações mediativas *Acervo de plantas*, *Ver de perto* e *Cartas para adiar o fim do mundo*, que serão detalhadas adiante.

# PESQUISA COM A ESCOLA



Uma base essencial da mediação proposta pela Educativa é o “pensar e fazer com” para além do “pensar e fazer para”. Por isso, propusemos uma interlocução com a Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz) para a construção conjunta de materiais educativos, considerando os professores e as crianças da escola como copesquisadores.

A EPNBraz existe desde 2014 e, em 2017, foi reconhecida pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) como referência em educação ambiental, conforme Portaria nº 428/2017. Em outras palavras, a escola é referência por sua atuação e mobilização da comunidade para um olhar afetivo sobre a cidade e a importância da preservação ambiental, integrada aos saberes e culturas locais. Além

da educação ambiental, a escola trabalha com outros três eixos: educação em artes, educação física e educação patrimonial.

A interlocução com a EPNBraz aconteceu desde o início do Programa Educativa, em fevereiro de 2021, com encontros virtuais regulares entre as equipes de educadores. Nesses encontros, a equipe da Educativa pôde conhecer o Projeto Político Pedagógico da EPNBraz, que propõe a natureza como centro das ações educativas e valoriza o brincar como prática cultural infantil. Por sua vez, os educadores da EPNBraz puderam conhecer e acompanhar o desenvolvimento do Programa Educativa. Em colaboração, pensamos a pesquisa e a produção do Material Educativa, além das ações de sua experimentação.



Imagem 9: Print do primeiro encontro virtual de apresentação da EPNBraz à equipe da Educativa, realizado pela educadora Simone Rosa, em fevereiro de 2021. Fonte: Educativa

# PESQUISA-BRINCADEIRA

Considerando o conceito de mediação como pesquisa, prática documentária e produção compartilhada de conhecimentos, o Programa Educativa desenvolve materiais educativos em interlocução com a EPNBraz, para serem compartilhados com outras escolas e educadores.

Nesse processo, desenvolvemos o que chamamos de pesquisa-brincadeira, uma metodologia de copesquisa entre crianças e educadores. A pesquisa inspirou-se em práticas da Pedagogia Griô e em estudos da área da Sociologia da Infância que vêm discutindo o protagonismo infantil em práticas pedagógicas.

Tendo por orientação a centralidade das crianças e a potência da contação de histórias como recurso lúdico, as mediadoras da Educativa, Geovana Freitas e Lua Cavalcante, inventaram um coco de roda, que conta a história da Árvore Perguntadeira e traz diversas perguntas sobre o cotidiano e os modos de brincar das crianças. A ideia foi nos aproximarmos dessas infâncias para melhor elaborar os materiais educativos, tendo estudantes e educadores como copesquisadores desse processo.

# O COCO DA ÁRVORE PERGUNTADEIRA

As mediadoras da Educativa criaram e gravaram uma música, o coco da Árvore Perguntadeira<sup>3</sup> e as educadoras da EPNBraz desenvolveram orientações pedagógicas para experimentá-lo com seus estudantes. Depois disso, as educadoras da EPNBraz e do Programa Educativa receberam e analisaram as respostas das crianças. Estas foram as orientações pedagógicas que as crianças receberam pelo WhatsApp:

Bom dia, pessoal, como vocês estão?

Espero que da melhor forma possível!

Hoje é sábado, um dia bem especial, e quero apresentar duas pessoas queridas:

A geo e lua. Elas são educadoras do museu nacional e conhecem uma árvore muito especial. Sabe qual? 🌳?

A árvore perguntadeira!

Isso mesmo, uma árvore muito sabida, porque é curiosa. Afinal de contas, quem quer saber tem que perguntar, não é mesmo?

A geo e a lua vão contar melhor a história da árvore perguntadeira. Estão preparados(as) para responder estas perguntas? Atenção!!!

Respira fundo, procura um lugar confortável na sua casa. Se precisar, peça ajuda a alguém mais velho e... Ouvidos abertos para escutar o áudio que mandamos a seguir.

---

3. Disponível em: <https://www.educativamuseunacional.com.br/pesquisa-com-escola/>

Se você quiser, pode ouvir e ler as perguntas (se precisar, não deixe de pedir ajuda a alguém mais velho):

*Você tem tempo para brincar?*

*Eu vim aqui lhe perguntar*

*O que mais gosta de fazer?*

*Eu to querendo saber*

*Quem tá aí pra te cuidar?*

*Eu vim aqui lhe perguntar*

*Quais sons rodeiam você?*

*É o que eu quero entender*

*Quais plantas costuma olhar?*

*Eu vim aqui investigar*

*Quais brincadeiras já inventou?*

*A arvorezinha perguntou*

*Se inventou, quer ensinar?*

*Vamo adorar brincar*

*O corpo gosta de mexer?*

*Barulho gosta de fazer?*

*Se histórias gosta de contar?*

*Eu vim aqui lhe perguntar*

*Como a escola deve ser?*

*Vamos tentar entender*

*Internet gosta de usar?*

*Como gosta de navegar?*

Viu como a árvore perguntadeira quer mesmo te conhecer?

Se gostou do coco, pode ouvir novamente, quantas vezes você quiser!

Para responder, você pode mandar um vídeo, um desenho, áudio, poema, música.... Do jeitinho que você quiser!

Capriche e use sua criatividade, a sua resposta é muito importante! Não esqueça de dizer/escrever seu nome e turma.

Se precisar de alguma ajuda, é só me chamar.

Você pode acessar a atividade-exemplo por este link: <https://www.Youtube.Com/watch?V=oqzkruf7tmu>

## RESPOSTAS DAS CRIANÇAS

As crianças responderam à atividade da Árvore Perguntadeira em um contexto de aulas exclusivamente remotas. Os educadores da EPNBraz relataram uma queda na participação das crianças no contexto remoto, ressaltando as dificuldades quanto ao acesso à internet, principalmente das crianças moradoras de área rural, e a necessária mobilização e parceria das famílias no processo pedagógico das crianças. Portanto, as pessoas adultas responsáveis pelas crianças também foram mediadoras da atividade com a Árvore Perguntadeira, a partir das orientações pedagógicas que receberam da escola.

Recebemos cerca de 20 respostas das crianças, em diferentes formatos, algumas por vídeos e fotos, outras por meio de desenhos e poesia. Nas respostas das crianças, notamos uma intimidade com a natureza, com muita presença de frutas, flores e animais, como pés de manga, jabuticaba, melancia, girassol, cavalo, cães, micos e passarinhos. Foi uma surpresa, em meio à “digitalização da vida”, vê-las apresentando, na maioria dos casos, brincadeiras com ou na natureza. Percebendo essa diversidade de relações com a natureza, as educadoras organizaram as respostas em três eixos:

- brincadeiras com natureza, em que o corpo (entendido como natureza) é o brinquedo, tais como brincadeiras de correr e de pegar;
- brincadeiras a partir da natureza, em que o suporte do brincar é a grama, a terra, espaços abertos e naturais, assim como no desenho de Gleiton (4º ano A do INCRA 06), onde uma árvore aparece como protagonista e suporte de brincadeiras, ou como na fotografia do quintal onde brinca Davi (1º ano B do INCRA 06);
- brincadeiras de natureza, em que os brinquedos são elementos da natureza, tal como no relato de Alice (2ºAno A do INCRA 06), que disse gostar de ouvir os sons dos passarinhos e dos micos.



Imagem 10: Respostas das crianças. Fonte: EPNBraz

## O MATERIAL EDUCATIVA

Para a produção do Material Educativa,<sup>4</sup> buscamos relações entre as produções artísticas das crianças da EPNBraz e as produções artísticas do acervo do Museu Nacional que contêm plantas, sugerindo a existência de diferentes planos de construção e expressão artística.

Nessa pesquisa com a escola, chegamos a seis proposições de atividades/brincadeiras que promovem o contato com as plantas e a natureza. São elas: *Fauna Mágica*, *Cata-vento de folhas*, *Tintas naturais*, *Plantinha de batata-doce*, *Inventário de sementes* e *À sombra de uma árvore*. Um critério que nos fez trabalhar com a ideia de natureza-brinquedo se refere ao questionamento do uso massivo do plástico na composição de brinquedos. Buscamos em sementes, flores, galhos, folhas e pigmentos preciosos recursos por suas infinitas possibilidades de composição, textura, cheiros e formatos.

### Fauna Mágica

Você já pensou em inventar novas criaturas? Que tal utilizar os elementos da natureza para essas criações? Você pode experimentar a criação de insetos ou outros seres imaginários com gravetos, sementes, frutos, pétalas e tudo que você encontrar na natureza ao seu redor.

#### PASSO A PASSO

**Passo 1:** Colete os materiais naturais que você encontra ao seu redor – podem ser pequenos frutos, sementes, galhos, pedras; procure os elementos que já caíram das árvores. Pense na forma que essa criatura terá;

**Passo 2:** Como em um quebra cabeças, escolha os materiais que se parecem com a forma desejada;



HORA DE BRINCAR!

Atenção para a faixa etária:  
De 5 a 8 anos precisam de um adulto para recolher os materiais, sementes e galhos porfiados, sementes que podem ser enfiadas.  
Mais de 8 anos podem realizar a atividade sozinhos.  
Grau de dificuldade baixo.

4. Disponível em: [http://educativamuseunacional.com/wp-content/uploads/2021/09/Educativo-v6\\_WEB-96dpi.pdf](http://educativamuseunacional.com/wp-content/uploads/2021/09/Educativo-v6_WEB-96dpi.pdf)

## Cata-vento de folhas

Os ventos se movimentam em diversas intensidades e direções, podendo ser brisa leve e refrescante ou ventania que bagunça nossos cabelos. Nós não podemos ver a forma do vento, mas existe um jeito de perceber a sua velocidade. Para isso, podemos utilizar um catavento. Você pode fazer um catavento utilizando folhas grandes de plantas. Procure ao seu redor por folhas maiores que a palma de sua mão. Por exemplo, pode ser a folha da Mangueira. Veja como fazer um catavento de folhas seguindo as imagens a seguir.



### HORA DE BRINCAR!

Atenção para a faixa etária:  
De 3 a 4 anos precisará de um adulto para escolher dos materiais, e manusear a folha.  
Atenção a galhos pontiagudos.  
Mais de 5 anos podem realizar a atividade sozinho.  
Grau de dificuldade médio.

## Tintas Naturais

A natureza oferece matéria-prima abundante para colorir nossa vida. Os pigmentos naturais podem ser extraídos de elementos da natureza, feitos a partir de cascas, raízes, folhas, frutas, pétalas e até verduras. Ao lado, vemos três pigmentos que, ao serem misturados com água, viram tintas e podem ser usados em papel comum para se fazer pinturas.



### HORA DE BRINCAR!

Atenção para a faixa etária:  
De 3 a 5 anos precisará de um adulto para auxiliar o processo.  
Mais de 5 anos podem realizar a atividade sozinho.  
Grau de dificuldade baixo.

## Plantinha de Batata-doce

Batatinha, quando nasce, espalha a rama pelo chão. A batata doce, além de ser um alimento nutritivo e de fácil acesso é um tubérculo que dá lindas folhas. Muitas pessoas usam na decoração de casas.

Você poderá acompanhar o desenvolvimento de seus raminhos assim! Escolha uma batata doce e corte suas extremidades. Coloque a batata doce em um copo transparente. Você pode colocar alguns palitos na batata doce, para que ela não fique totalmente imersa. Para isso, peça o auxílio de um adulto. É importante enchê-lo de água até a metade, espere alguns dias até começar a ver o crescimento das raízes e ramos. Troque a água duas vezes por semana, para que ela não guarde larvas de mosquitos.

As folhas da batata doce também são comestíveis. Elas são ricas em nutrientes e vitaminas. Você pode convidar um adulto para te ajudar a colher e refogar as folhas, criando um saboroso acompanhamento para as refeições.

Você pode registrar o crescimento das folhas da batata por meio de desenho ou fotografia.



### HORA DE BRINCAR!

Atenção para a faixa etária:  
Todas as idades precisarão de auxílio de uma pessoa adulta para cortar da batata-doce e manusear os palitos.  
Grau de dificuldade médio.

## Inventário de Sementes

No Brasil existem mais de 7.000 espécies de árvores. Dentre elas, há algumas muito conhecidas, como a Mangueira, e outras mais raras, como o Mogno. A destruição das matas, com a derrubada desenfreada de árvores, causa impactos negativos no nosso cotidiano e demonstra um afastamento de nossa própria natureza, que deveria ser de harmonia com todas as plantas. As árvores, além de dar muitos frutos, são capazes de filtrar o ar e regular a temperatura dos ambientes. Elas também abrigam diversos animais e insetos, que colaboram para o equilíbrio da fauna e da flora. Muitas pessoas, preocupadas com o reflorestamento, guardam sementes recolhidas do chão para plantarem em outros espaços.

Inspirações nessa prática, faremos um Inventário de Sementes!



### HORA DE BRINCAR!

Atenção para a faixa etária:  
De 3 a 5 anos precisará de um adulto para auxiliar na escolha das sementes e pesá-las nos sacinhos.  
Mais de 6 anos podem realizar a atividade sozinho. Eventualmente podem precisar de ajuda na escrita e impressão.  
Grau de dificuldade baixo.

## À sombra de uma árvore

As crianças da Escola Parque da Natureza de Brazlândia amam brincar com as árvores. As árvores são como grandes casas, que abrigam insetos, animais e se tornam lugares aconchegantes para descansar e brincar. No Cerrado, temos árvores com troncos retorcidos e que se espalham pelo espaço à procura de luz. Esses troncos se tornam ótimos suportes para vários tipos de brincadeiras. As brincadeiras que as árvores abrigam podem ser brincadas sozinho, em grupo e com a ajuda de pessoas adultas.



### HORA DE BRINCAR!

Atenção para a faixa etária:  
De 3 a 5 anos precisará de um adulto para auxiliar na escolha das brincadeiras e para sentir os troncos das árvores.  
Mais de 6 anos podem realizar a atividade de subir em árvores com o auxílio de pessoas adultas.  
Grau de dificuldade médio.

O Gleiton usa a árvore para brincar de piqui-esconde. Nessa brincadeira, você conta até dez, cobrindo o rosto com o braço apoiado em uma árvore, enquanto outras pessoas se escondem. A depender do tamanho da árvore que você encontrar, outras brincadeiras podem surgir.

Por exemplo, outro jeito de brincar com as árvores do Cerrado é explorando suas formas e, sempre

com a supervisão de um adulto, escotando seus galhos mais resistentes, explorando as texturas e observando o que se encontra por entre os troncos.

Em seu desenho, Leonardo retrata uma árvore muito parecida com as do Cerrado. Ela tem vários galhos, ótimos para experimentar a brincadeira de subir em árvores.

Imagem 11: Capa das proposições do Material Educativa. Fonte: Educativa

Pensamos que o Material Educativa pode ser experimentado em diversos contextos educacionais, tais como escolas de tempo integral, centros de educação infantil, creches, espaços comunitários e residências. Sua elaboração pensa as culturas infantis e a natureza como centro da experimentação. Nesse espírito, convidamos crianças a partir de 3 anos, com adultos que possam auxiliar na leitura, para um olhar mais afetuoso, íntimo e pausado para a natureza.

# EXPERIMENTAÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVA



EXPERIMENTE NOSSO  
**MATERIAL EDUCATIVA**

Acessível em Libras

Apresentação do material com o Programa Educativa

Terça-feira  
31/8 • 19h30

Ao vivo pelo Zoom  
Inscrições pelo Sympia

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

FAC FUNDO DE APOIO À CULTURA  
tuia  
MUSEU NACIONAL DE ETOLOGIA  
Secretaria de Cultura e Economia Criativa  
GDF

Imagem 12: Divulgação da apresentação do Material Educativa. Fonte: Educativa

No dia 31 de agosto de 2021, realizamos um encontro virtual síncrono para apresentar a pesquisa e a produção de materiais educativos com a EPNBraz para escolas, professores, educadores e demais pessoas interessadas, com o objetivo de que esses materiais pudessem ser experimentados por outras escolas e educadores.<sup>5</sup> Na ocasião, também apresentamos a ação *Cartas para adiar o fim do mundo*, que promove a criação e a escrita de histórias com elementos da natureza — a qual será apresentada adiante. Foi uma surpresa receber o relato de uma educadora que já estava experimentando o material:

Só pra dizer que o material, além de provocativo, é extremamente inspirador. A “Fauna Mágica” está tendo uns desdobramentos comigo aqui infinitos. Eu não sou docente,

5. O encontro pode ser acessado aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=nfDXmB1YyPE>

eu sou artista plástica com formação em produção cultural, e meu acesso ao Educativo é justamente na produção de oficinas durante as minhas exposições. Eu já trabalho com tinta natural, com muda [sic] e as ervas, sementes são utilizadas para produção de obras sensoriais, mas a “Fauna Mágica” me tocou bastante porque as possibilidades que tenho de criação com públicos, seja infantil ou adulto, é imensa. Então fica aqui o meu agradecimento pelo compartilhamento desse material maravilhoso e dizer também que já mandei minha carta, que minha remetente já sabe que é uma montanha maravilhosa aqui do Rio de Janeiro. E, nossa, é outra experiência extraordinária, então obrigada por tudo. (Mozileide, 2021)

Em parceria com a EPNBraz, desenvolvemos duas experimentações do Material Educativa com estudantes da Escola Classe Incra 06. Uma em contexto 100% remoto, com os estudantes que participaram como copesquisadores, e a outra em contexto presencial, com cerca de 60 estudantes, divididos em 6 grupos com até 10 crianças.

Na experimentação remota, a escola enviou um vídeo explicando e solicitando às famílias que gravassem, em áudio e vídeo, as reações das crianças durante a atividade. Interessava-nos perceber como as crianças se relacionam com o material, bem como quais são os interesses e desafios na sua experimentação.

A mãe de um aluno mandou um áudio contando que gostou do material, porque ele a permitiu rememorar muitas brincadeiras que ela fazia na infância, como a atividade do *Cata-vento de folhas*. Ela lembrou que, quando criança, “tinham que inventar e criar suas próprias brincadeiras e brinquedos, na falta de recursos financeiros dos pais”, que “as bonecas eram feitas com espiga de milho, as bolas eram feitas com meia de roupa velha”. Por isso, ela avaliou ser “muito bom trazer essas brincadeiras para as crianças de hoje em dia”, pois muitas vezes as pessoas não têm conhecimento desse tipo de brinquedo, uma vez que “ficou automático comprar brinquedos de marca ou da moda”. A mãe contou ainda que, apesar de já ter os materiais da natureza em casa, na correria do dia a dia, tinha esquecido dessas brincadeiras da própria infância. Ela avalia que, “se o material for introduzido nas escolas, com as crianças que estão começando a aprender e criar suas próprias

brincadeiras e brinquedos”, tem certeza de que “vai ter um resultado muito gratificante para os pais e professores”.

Para a experimentação presencial, tivemos dois encontros. O primeiro foi no dia 17 de agosto, entre as educadoras(es) da Educativa e da EPNBraz, para o planejamento da realização da atividade, considerando sobretudo o contexto da dinâmica escolar formal em pandemia e nosso interesse comum de dialogar com as crianças a partir da experimentação do material, atentando para seus limites e potencialidades. Diante de nossas condições objetivas, decidimos por experimentar a atividade *Fauna Mágica* por esta ser avaliada pelo grupo como a ação com maior capacidade de execução naquele contexto.



Imagem 13: Registro de encontro organizativo na EPNBraz para experimentação do Material Educativa na Escola Classe INCRA 06. Fonte: Viviane Pinto

No dia 24 de agosto, durante a experimentação do material pelas crianças da Escola Classe Incra 06, realizamos um primeiro momento de acolhimento, sensibilização do corpo, seguido de proposição, realização e registro da atividade/brincadeira *Fauna Mágica* e, ao final, de uma roda de conversa. Os registros que fizemos dessa roda serviram para produzir um episódio da *Rádio Educativa*, outra ação mediática que apresentaremos.





Imagem 14: Registros da experimentação do Material Educativo. Fonte: Viviane Pinto

As crianças receberam a proposta de atividade/brincadeira com entusiasmo. De modo geral, percebemos que as crianças menores, do 1º ao 3º ano, foram mais espontâneas no desenvolvimento da atividade. Já as crianças do 4º e 5º anos iniciaram mais tímidas. O processo de experimentação nos mostrou alguns estranhamentos e bloqueios criativos, que associamos sobretudo ao distanciamento social. Nesses casos, as educadoras encontraram diferentes formas para estimular o processo criativo das crianças.

A educadora Simone, percebendo o bloqueio das crianças antes de iniciar a atividade da *Fauna Mágica*, propôs um exercício de criatividade com um elemento natural que poderia se transformar conforme a imaginação de cada um. A educadora iniciou o exercício pegando um elemento que estava no centro da roda e o transformando em outra coisa, utilizando um movimento. Desse modo, um graveto podia se transformar em um pente e, assim, cada criança experimentou imaginar possibilidades de criação com um elemento natural. Uma outra educadora, percebendo o bloqueio de um estudante, iniciou uma conversa com ele perguntando sobre o bicho que estava na sua máscara, uma aranha, estimulando-o a pensar como seria aquele bicho se ele fosse feito com aqueles elementos da natureza dos quais dispunham.



Imagem 15: Registros da experimentação do Material Educativo. Fonte: Viviane Pinto

Percebemos que as crianças ampliaram as possibilidades de brincadeiras, inventando criaturas com as mais variadas cores, formas, tamanhos e histórias, extrapolando a proposição inicial. Nessa última foto, o estudante Miguel criou o “Lagartão” e, durante cerca de sete minutos de conversa com a educadora, contou sobre seu processo criativo, como o lagarto vive e se relaciona com outros tipos de lagartos, com os predadores, com os humanos e com as plantas. Quando perguntado como o ser criado se chamava, ele não hesitou em responder e apresentá-lo:

La-gar-tão! Ele é muito forte. Ele é muito rápido. E é muito fácil de se esconder. Só entrar aqui nesses meios das plantas. Onde não nasceu planta. Ele vira bolinha. Entra aí no meio. Os animais falam: “hum, aqui o bichinho”. Fala: “Cadê o bichinho”. E pronto, vai embora. E ele ficou aqui no meio. Mas, se os animaizinhos estiverem batendo muito nele, aí ele se esconde. Ele se protege. Ele tem umas garrinhas pra ele se proteger.

Quando perguntado sobre o que o inspirou a criar o Lagartão, o estudante explicou:

Por causa que ele ficou muito bonitinho. A cabecinha dele, eu encontrei uma bolinha aqui, ninguém precisou? Aí falei pro meu amiguinho se ele precisava. Ele falou não. Aí eu peguei pra mim.

E como será que o Lagartão se alimenta?

Ele só pega as plantinhas que ele acha e algumas plantinhas que estejam bem novinhas. Algumas velhinhas, algumas novas, ele come, mas ele também se alimenta pelos insetinhos. Besouro que voa, que ele espera eles escutar. Daí fala, na hora que ele chegar, ele finge que fica em câmera lenta e pula assim, bem rapidão. Pum.

Quando a educadora pergunta se ele já aprendeu alguma coisa com o Lagartão, ele responde o que aprendeu sobre peixes do mar:

Sim. [...] sei nome de peixe, tubarão, que eu não sabia, aprendi com ele. [...] Eu sei baleia jubarte, tubarão, peixe-palhaço. Aquele peixinho do mar que parece uma zebrinha. Aquele lá que tem um espinhozinho assim. E tem uma boquinha, e tem a zebra, um preto, um branco.

Por fim, ele dá nome a cada uma das plantas, mostrando-as no detalhe:

Chamo esta daqui: sem respiração, prendedora, fedozinha, venenosa. Não, essa daqui é a caçadora. E essa daqui venenosa.

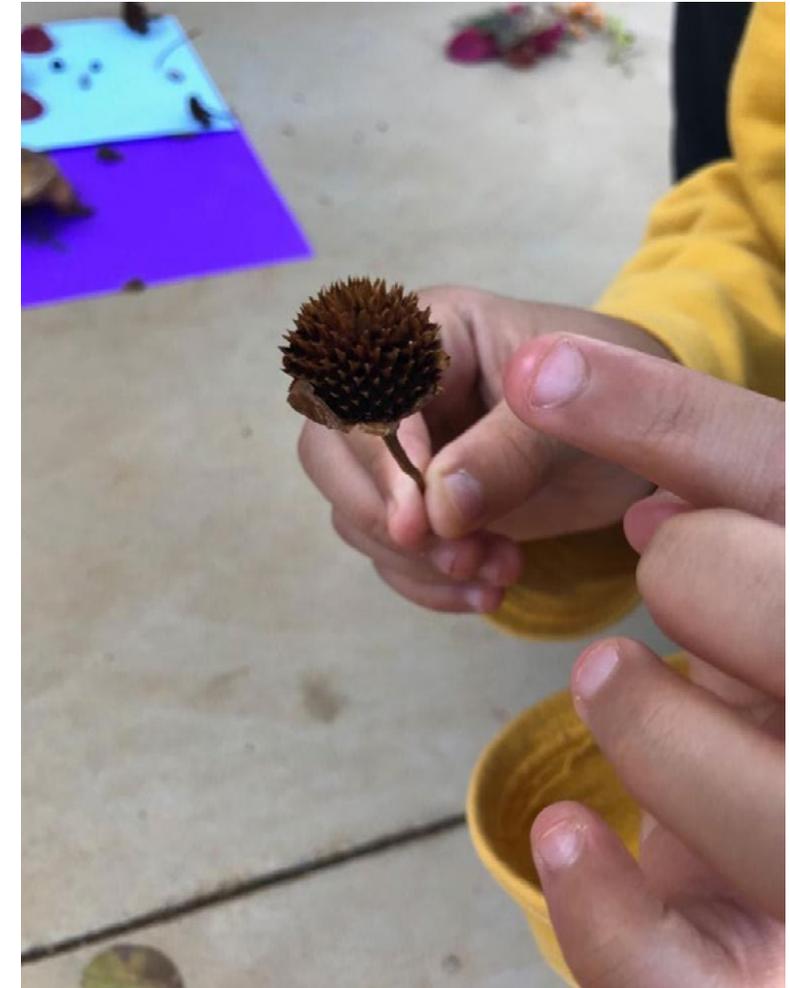


Imagem 16: Registro da experimentação do Material Educativa. Fonte: Viviane Pinto

O texto *Confluências entre mediação cultural e educação ambiental* apresenta outras reflexões sobre a pesquisa com a escola.

# UNIVERSIDADE, ESCOLA E MUSEU

A relação entre Universidade de Brasília, escola EPNBraz e Educativa Museu Nacional iniciou por meio de um projeto de extensão aprovado pelo Programa Integração UnB + Escola (por Edital Conjunto DEX/DEG/CIL no 01/2021 — Licenciaturas em Ação/2021). O projeto de extensão previu bolsas para dois estudantes da Licenciatura em Artes da Universidade de Brasília, para a experimentação dos materiais educativos com a comunidade da EPNBraz e com outras escolas e públicos do Museu Nacional.

O professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, Cayo Honorato, propôs o projeto *Programa Educativa do Museu Nacional de Brasília na Escola Parque da Natureza de Brazlândia*, em parceria com a coordenadora pedagógica do Programa Educativa, Viviane Pinto, contando, como bolsistas, com Eugênia Versiani e Mateus Raynner, estudantes da Licenciatura em Artes da UnB. O relato de Mateus Raynner traz as participações e aprendizados com o projeto:

Foi possível, enquanto extensionista, inserir-me no seio do projeto e na elaboração do material educativo. O viés da produção desse material seguiu uma série de discussões e debates sobre as “plantas” no Museu, na Escola e nas Artes Visuais. Nessa inserção, foram realizados tanto acompanhamento de projetos em andamento dentro da Educativa MuN e na Escola, quanto a colaboração criativa e criadora nessas produções. A primeira atividade de fato realizada, após um período de ambientação, foi a criação do Material Educativa com a EPNBraz. Os estudantes extensionistas colaboraram para as discussões e reuniões com a equipe do educativo e com os educadores da escola, participaram também da escolha e da elaboração de textos e partes escritas sobre os artistas do acervo do MuN e os artistas-crianças copesquisadores desse material. Foi elaborado um plano de experimentação, no qual, devido à pandemia, o grupo apenas pôde participar de forma remota e acompanhar relatórios

da experimentação presencial com os alunos da EPNBraz. Houve também tanto um encontro virtual com educadores e pessoas interessadas na realização da experimentação do material quanto uma atividade desenvolvida pela Educativa MuN junto ao Programa Educativo do Centro Cultural Banco do Brasil, em que foi divulgado o material produzido. Desses encontros, surgiu um grupo de troca de mensagens no WhatsApp para reunir pessoas interessadas. Os extensionistas realizaram contato individual e personalizado com cada um desses membros com intuito de avaliar interesses e tecer diagnósticos. Como resultado, possuímos, além do material produzido, a produção de uma planilha com informações dos interessados, planos de trabalho e sugestões de desdobramentos possíveis. Transversalmente a estas atividades, o grupo se reunia diretamente com a equipe Educativa MuN via chat online e remoto, acompanhando as atividades, realizando intervenções, participando de reuniões e colaborando com propostas e pontos de vista. Durante a Semana de Extensão da Universidade de Brasília, ambos os extensionistas produziram vídeos para a divulgação e publicidade do projeto.

# CICLOS FORMATIVA

Os Ciclos Formativa do Programa Educativa do Museu Nacional contaram com 10 rodas de leituras e 10 webinários. Estes são atividades formativas online transmitidas ao vivo pelo canal do YouTube do Programa Educativa. Eles são voltados para o diálogo com educadoras(es), artistas, pesquisadoras(es) e interessadas(os) em pensar conosco as plantas na vida e nas artes. Partimos de reflexões sobre o papel da arte, do museu e dos educativos neste momento, para abordar questões de patrimônio, mediação cultural, públicos, cultura digital, meio ambiente e saúde.

As rodas de leitura são encontros online síncronos conduzidos pelas mediadoras do Programa Educativa e realizados antes de cada webinário em torno do estudo e da discussão de materiais de pesquisa sugeridos pelas(os) convidadas(os). Como método de pesquisa e preparação para os webinários, nas rodas estimulamos o compartilhamento de reflexões e questões a partir da leitura desses materiais.

As rodas de leitura constituíram um momento público de pesquisa e preparação para os encontros formativos. Antes delas, a equipe de mediação leu e conversou entre si sobre os mate-

riais sugeridos por cada uma(um) das(os) convidadas(os). Cada webinário foi mediado por duas pessoas da equipe. Na agenda de trabalho, as mediadoras tinham tempo reservado para o estudo e a sistematização de registros com tópicos de leitura, citações, temas e questões de mediação. Cerca de 3 citações com ideias e imagens centrais para as conversas com as(os) convidadas(os) eram destacadas para a equipe de produção e comunicação produzir postagens nas redes sociais, divulgando as rodas e os webinários.

O 1º Ciclo Formativa aconteceu de 3 de maio a 23 de junho de 2021, com Ailton Krenak, Giselle Beiguelman, Mercedes Bustamante, Jorgge Menna Barreto e Alejandro Cevallos. O 2º Ciclo foi de 2 a 30 de setembro, com Antônio Bispo, Léa Tiriba, Ana Carolina Carmona, Bruno Moreschi e Gleyce Kelly Heitor. Como etapa importante da mediação como pesquisa, os encontros e as atividades formativas do 1º e do 2º Ciclo tiveram diversas conexões entre si e com os eixos do Programa. Neles foram levantadas reflexões e questões para o desenvolvimento das frentes de pesquisa e das ações mediativas do Programa Educativa. Segue a programação completa:

TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<b>O que podemos aprender com a natureza?</b> 5/mai	<b>Ailton Krenak</b> É ativista indígena da etnia Krenak, fundou em 1988 a União das Nações Indígenas, e, em 1989, o movimento Aliança dos Povos da Floresta. Dirige o Núcleo de Cultura Indígena, na Serra do Cipó, Minas Gerais. Em 2016, recebeu o título de Professor Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde leciona, na especialização, as disciplinas “Cultura e História dos Povos Indígenas” e “Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais”. Foi roteirista e apresentador das séries de TV “Índios no Brasil” (MEC, 1998/99), “Vídeo nas Aldeias” e da série “Taru Andé — O Encontro do Céu com a Terra” (Canal Futura, 2007). É apresentador da série “Fronteiras Fluidas — Noctua” (Ancine, 2018). É também jornalista e escritor, com livros e artigos publicados em diversas línguas, além do português.	<b>Pandemia, humanidade e natureza</b> Diante do desafio de refletir sobre os temas da pandemia, humanidade e natureza, o pensador Ailton Krenak nos convoca a experimentar uma mudança nas nossas formas de contato com a Terra. Para isso, propõe uma experiência de fricção com a vida, como maneira de não vivermos no piloto automático, abertos ao que podemos aprender com a natureza, aos caminhos para a construção de uma forma de estar no mundo mais alinhada à cultura do Bem Viver.



TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<b>Museus e seus educativos no meio digital</b> 12/mai	<b>Giselle Beiguelman</b> <p>Pesquisa preservação de arte digital, arte e ativismo na cidade em rede e as estéticas da memória no século 21. Desenvolve projetos de intervenções artísticas no espaço público e com mídias digitais. É professora Livre-docente da FAU/USP e foi coordenadora do curso de Design de 2013 a 2015. Entre seus projetos recentes, destacam-se Memória da Amnésia (2015), Odiolândia (2017) e a curadoria de Arquinterface: a cidade expandida pelas redes (2015). É membro do Laboratório para Outros Urbanismos (FAU/USP) e do Interdisciplinary Laboratory Image Knowledge – (Humboldt-Universität zu Berlin). Autora de diversos livros e artigos sobre arte e cultura digital, suas obras integram acervos de museus no Brasil e no exterior, como ZKM (Alemanha), Yad Vashem (Israel), Latin American Collection, Essex University (Inglaterra), MAC-USP e Pinacoteca do Estado de São Paulo. Foi editora-chefe da Revista seLecT (2011-2014) e é colunista da Rádio USP e da Revista Zum.</p>	<b>Cultura digital e pandemia</b> <p>No momento em que a pandemia acelerou a dinâmica de plataforma dos museus, da arte e da vida, uma questão que já se anunciava tornou-se ainda mais urgente: o que museus e seus educativos podem fazer no ambiente digital? Diante desse cenário, a professora Giselle Beiguelman compartilha suas reflexões, recorrendo também a temas como as especificidades e os desafios da preservação de obras artísticas produzidas com meios digitais, a peculiar temporalidade vivida nas redes sociais e como ela cria a memória no campo da cultura contemporânea.</p>



TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<b>A destruição da natureza e a pandemia</b> 19/mai	<b>Mercedes Bustamante</b> <p>É graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestre em Ciências Agrárias (Fisiologia Vegetal) pela Universidade Federal de Viçosa e Doutora em Geobotânica pela Universität Trier. É professora da Universidade de Brasília, membro do corpo editorial do periódico Oecologia (Springer Verlag), membro dos Comitês Científicos Internacionais dos programas LBA e IBGP e da coordenação da rede de pesquisa ComCerrado (MCT). Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em Ecologia de Ecossistemas, atuando principalmente nos seguintes temas: cerrado, mudanças no uso da terra, biogeoquímica, mudanças ambientais globais.</p>	<b>Pandemia e meio ambiente</b> <p>O Cerrado é o segundo maior bioma do Brasil, se estendendo por nove estados. A professora Mercedes Bustamante nos convida a refletir sobre as formas como escolhemos nos relacionar com esse imenso reservatório natural de água e biodiversidade e sobre a sua depredação. Quantos males o desmatamento e a degradação podem trazer e que relações há entre a destruição da natureza e a pandemia que nos desafia hoje?</p>



TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<b>As plantas como tema para a arte e a educação</b> 26/mai	<b>Jorgge Menna Barreto</b> É artista e pesquisador. Professor no Instituto de Artes da UERJ, Rio de Janeiro, e Doutor em Poéticas Visuais em Artes pela USP, São Paulo. Recentemente concluiu um Pós-doutorado na UDESC, Florianópolis, onde se dedicou a investigar relações possíveis entre agroecologia e as práticas site-specific em arte. “Restauro” consistiu na criação de um sistema articulado a partir de um restaurante-obra na 32ª Bienal de SP que funcionava como uma extensão de agroflorestas para dentro do pavilhão e para seus visitantes. Possibilitou assim a participação do público em um processo complexo de regeneração da paisagem que ocorre nesse tipo de cultivo. “Restauro” propõe uma pedagogia da floresta que pode ser lida a partir da arte, mas não se restringe a ela.	<b>Arte, mediação e natureza</b> Compreendendo que é da vida que se extrai a matéria da arte e da educação, o artista e educador Jorge Menna Barreto discute de que maneiras a natureza se apresenta como tema e mediadora para o fazer artístico e a troca educativa. Discute também como essas práticas podem refletir os diferentes modos de pensar que as plantas nos ensinam e propõem, como as reconhecemos, como companheiras, e não meros instrumentos, do pensar e do fazer.



TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<b>Mediação comunitária e os desafios da colaboração</b> 23/jun	<b>Alejandro Cevallos</b> É graduado em artes pela Universidad Central del Ecuador, antropologia visual e documentário etnográfico pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. De 2011 a 2015, coordenou o Departamento de Pesquisa Comunitária e Mediação Comunitária da Fundación Museos de la Ciudad. Em 2016, participou do projeto “Dias de Estudio” com cocuradoria de Sofia Olascoaga, no âmbito do projeto “Incerteza Viva”, da 32ª Bienal de SP. Em 2017, participou do projeto “Sociología de la Imagem”, de Silvia Rivera Cusicanqui, em La Paz. Entre 2016 e 2019, trabalhou na organização de oficina de bordado e educação popular junto a María Elena Tasiguano e à Associação de Trabalhadores Runacunapac Yuyay independente do Mercado San Roque. Colabora com a University of the Arts dando seminários sobre métodos de pesquisa. É membro da rede Another Roadmap — Escola de Pesquisa sobre educação popular e comunitária e suas possíveis relações com o campo da educação artística e da mediação cultural. Atualmente, coordena o Museu da Cidade de Quito.	<b>Museu, educação e comunidade</b> Pensando que o significado atribuído a ideias como criatividade ou educação está condicionado ao contexto cultural e comunitário de quem o define, que desafios são decorrentes do diálogo e da colaboração entre diferentes sistemas de saberes e compreensão do mundo? Diante dessa interrogação e da proposta de pensar o papel articulado entre museu, educação e comunidade, o educador Alejandro Cevallos debate e compartilha conosco suas experiências no campo da mediação comunitária com comunidades e trabalhadoras do comércio popular de Quito, Equador.



TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<p><b>Interações com a natureza e produção de significados compartilhados</b></p> <p>2/set</p>	<p><b>Antônio Bispo</b></p> <p>Ativista político e militante de grande expressão no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra, Nêgo Bispo é atualmente membro da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI) e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Tem ensino fundamental completo e faz parte da primeira geração da família de sua mãe que teve acesso à alfabetização. Tem um grande apreço pela escrita poética, pois, desde muito cedo, precisou desenvolver sua habilidade de traduzir para a linguagem escrita das cartas os sentimentos, as sabedorias e as vivências de seus parentes e vizinhos. Poeta, escritor e intelectual que prefere ser chamado de relator de saberes, é autor de inúmeros artigos e poemas, bem como dos livros “Quilombos, modos e significados” (2007); e “Colonização, Quilombos: modos e significados” (2015). Também foi professor e mestre convidado do projeto Encontro de Saberes, na Universidade de Brasília.</p>	<p>Questão disparadora: De que maneiras a biointeração permite a narração de histórias que orientam a transformação dos modelos de interrelação com a natureza?</p> <p>Sinopse: O ativista, pensador e líder quilombola Antônio “Nêgo” Bispo abre os webinários do 2º Ciclo Formativa, convocando-nos a pensar comunidades autossustentáveis e o papel que as formas de interação e manejo da natureza podem desempenhar na reoxigenação do corpo humano, que encontra dificuldades em reaprender a respirar diante da crise pandêmica. A partir da ideia de biointeração, incita-nos a compreender o lugar dos elementos naturais nas dinâmicas de produção coletiva de significados e de reprodução da vida, das culturas, das identidades e das comunidades.</p>



TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<p><b>O papel dos espaços educativos no retorno à escola em pandemia</b></p> <p>9/set</p>	<p><b>Léa Tiriba</b></p> <p>É educadora ambientalista e professora na Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), onde coordena o Núcleo Infâncias, Natureza e Artes (NiNa) e o grupo de pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GiTaKa). É graduada em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Faz parte do Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (Mieib), do Movimento Articulação Infâncias-RJ, do Fórum Permanente de Educação Infantil do Rio de Janeiro. (FPEI-RJ) e da Associação de Educadores da América Latina e Caribe (Aelac-Rio).</p>	<p>Questão disparadora: Considerando a urgência de pensar uma escola pós-pandêmica e os efeitos do distanciamento social, o que a escola pode fazer agora que esteja atrelado à relação com a natureza?</p> <p>Sinopse: Convidamos a educadora Léa Tiriba a pensar coletivamente sobre quais podem ser os papéis dos espaços educativos em relação ao retorno presencial à escola, e como a discussão sobre natureza pode contribuir para trocas entre múltiplas espécies. Considerando os diversos materiais elaborados e publicados pela educadora Léa Tiriba, observamos que sua produção acadêmica aborda extensivamente o papel da escola como espaço de estreitamento de laços entre seres humanos e a natureza. Como Programa, sentimos o desejo de aprofundar a conversa sobre o papel dos espaços educativos não escolares, especialmente os museus, em uma colaboração ativa sobre questões que envolvem educação, natureza e pandemia.</p>



TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<b>As plantas nas artes</b> 16/set	<b>Ana Carolina Carmona</b> É arquiteta e urbanista, Mestre em artes visuais e doutoranda na área de Paisagem e Ambiente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), sob a orientação do Prof. Dr. Vladimir Bartalini. É também professora no curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), onde ministra disciplinas de paisagismo e desenho. Publicou recentemente o livro “Pequeno guia da botânica modernista”, no qual apresenta 19 plantas que, no modernismo paulista das décadas de 1920 e 30, são transformadas em verdadeiros “símbolos vegetais”, apontando para novas e instigantes relações entre natureza e cultura.	Como a representação artística da vegetação demonstra relações entre humanos, natureza e cultura? O Programa Educativa convida a doutoranda na área de Paisagem e Ambiente, Ana Carolina Carmona, autora do “Pequeno Guia da Botânica Modernista”, a refletir sobre o lugar das plantas nas representações artísticas e as interações entre homem, natureza e cultura.



TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<b>Arte e documentação nas plataformas digitais</b> 23/set	<b>Bruno Moreschi</b> É artista, pós-doutorando da FAU/USP e Doutor em Artes pela Unicamp, com passagem pela University of Arts of Helsinki (CIMO Fellowship). Suas investigações relacionam-se a sistemas e a decodificações de seus procedimentos — incluindo (mas não só) as artes visuais e seus espaços de legitimação. Realiza experiências em IA a partir de práticas expandidas de crítica institucional e de estudos sobre camadas humanas em infraestruturas digitais. Seus projetos são reconhecidos por Van Abbemuseum, 33ª Bienal de São Paulo, Rumos, Funarte, Capes e Fapesp. É pesquisador do projeto Histories of AI: Genealogy of Power (Universidade de Cambridge) e pesquisador sênior do Center for Arts, Design and Social Research (CAD+SR).	Com a plataformização dos acervos cada vez mais avançada, como isso impacta a experimentação dos museus pelos públicos e sua prática de documentação? Diante da urgente tarefa de pensar os impactos da cultura digital sobre o sistema de arte e os museus, convidamos o artista e pesquisador Bruno Moreschi para refletirmos juntos sobre de que maneiras a experimentação dos museus pelos públicos se transforma com a plataformização acelerada pela pandemia, assim como as práticas documentárias e as camadas humanas que estão por trás da ideia de automação digital.



TÍTULO	CONVIDADA(O)	TEMA/QUESTÃO/SINOPSE
<p><b>Qual o papel da arte, dos museus e seus educativos neste momento</b></p> <p>30/set</p>	<p><b>Gleyce Kelly Heitor</b></p> <p>É graduada em história (UFPE) e Mestre em museologia e patrimônio (Unirio-Mast). Tem experiência com elaboração, implementação e acompanhamento de projetos em mediação cultural, educação e programas públicos em museus, exposições e demais instituições de arte. Foi Coordenadora de Ensino da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (2019) e professora substituta do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás (2017–2018). Atuou como coordenadora pedagógica do Programa CCBB Educativo Arte e Educação (2018); integrou a equipe de implementação da Escola do Olhar — Museu de Arte do Rio, onde foi assessora e coordenadora pedagógica (2012–2017) frente aos projetos Escola e Museu, Acessibilidade e Inclusão, Ações Educativas e Formação Continuada de Equipes. Foi contemplada com a bolsa de qualificação profissional da CAPES para o Intercâmbio Acadêmico IBRAM — Escola do Louvre, oferecida pelo Instituto Brasileiro de Museus, que viabilizou um período de estudos e estágio, respectivamente, na Escola do Louvre e na Diretoria de Mediação e Programação Cultural do Museu do Louvre (2016).</p>	<p>Qual o papel da arte, dos museus e seus educativos neste momento?</p> <p>O Programa Educativa entende que arte e museu podem pensar e atuar em diferentes aspectos da vida cotidiana em tempos de pandemia. Convidamos a educadora e pesquisadora Gleyce Kelly Heitor para refletir sobre o papel da arte, dos museus e seus educativos neste momento. Gleyce pesquisa as relações entre os museus, a arte contemporânea e a educação, as interfaces entre a museologia e o pensamento social brasileiro e as relações entre os museus e práticas pedagógicas populares.</p>



Tabela 1: Programação dos webinários. Fonte: Educativa

No site [Educativa Museu Nacional](http://educativamuseunacional.com) é possível acessar cada um dos webinários, bem como os materiais indicados por cada um(a) dos(as) convidados(as) para as rodas de leitura e os materiais produzidos pela equipe de mediação com as citações para as postagens mediativas.<sup>6</sup>

6. Endereço eletrônico <http://educativamuseunacional.com>

# OFICINAS

As oficinas são encontros formativos online que promovem saberes e fazeres com plantas nas artes e na vida. Buscamos interlocutores interessados em compartilhar saberes elaborados com as plantas e pensamos o formato de cada oficina em conjunto com convidados, que detêm pesquisa e atuação nos assuntos tratados.

Com o agricultor urbano Juarez Martins, propomos a oficina *Hortas contra o caos*, acompanhada de uma série de 12 vídeos curtos, abordando tópicos diversos. Juarez é especialista em Gestão Ambiental (UEG), tem formação em Gestão de Hortas Pedagógicas e é pós-graduando em Cultivo Biodinâmico de Plantas Medicinais, na Fiocruz. Os vídeos anteciparam o encontro síncrono da oficina com o público inscrito. Neles Juarez fala sobre por que a horta é para todo mundo, o poder de cura das plantas, o local da horta, adubo orgânico, plantar sementes, controlar pragas e hortas para animais de estimação.

Na oficina *Hortas contra o caos*, conversamos sobre como a horta é nossa aliada nesses dias de recolhimento e de crise provocados pela pandemia. Conversamos também sobre como cultivar hortaliças em um terreno ocioso da cidade, no quintal ou em uma janela; sobre como semear ervas de tempero e cura pode nos ajudar a enfrentar, com mais esperança, esses tempos difíceis; sobre como uma horta embeleza o espaço, alegra a alma, nos reaproxima e reintegra aos ritmos, cores, cheiros e sabores da natureza; e, finalmente, sobre como a horta ajuda a garantir a nossa soberania alimentar, pois quem planta o próprio alimento escolhe o que colher para comer.<sup>7</sup>



Com o farmacêutico Nilton Luz Netto Junior, propomos a oficina *Plantas medicinais, sua arte e ciência*, acompanhada de uma série de 7 vídeos curtos. Nilton atua há 29 anos no ensino, pesquisa e extensão nas áreas de plantas medicinais e fitoterapia, exercendo, sobretudo, atividades voltadas a iniciativas públicas em saúde. Ele é farmacêutico formado pela Universidade Federal de Goiás e é Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília. Trabalha há 29 anos junto à Farmácia Viva da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

Nos vídeos, Nilton apresenta a Farmácia Viva do Riacho Fundo (DF) e as plantas medicinais que cultiva, usadas na preparação de fitoterápicos: alecrim-pimenta, guaco, babosa, boldo, erva baleeira, confrei e funcho. Ele fala sobre as características de cada planta, seus usos medicinais, sua origem, seu cultivo e quais cuidados de manipulação elas requerem.

Na oficina *Plantas medicinais, sua arte e ciência*, conversamos sobre como o uso das plantas para a cura de diferentes males atravessa diferentes culturas.<sup>8</sup> Nilton apresentou a história, a arte e a ciência de plantas medicinais do Brasil e de outras partes do mundo, que contribuíram para a melhoria da qualidade de vida da população.

Com Líllian Pacheco, propomos a oficina *Cultivo de histórias com a Pedagogia Griô*, que pretende valorizar o vínculo afetivo e a ancestralidade. Líllian é escritora e criadora da Pedagogia Griô, além de idealizadora e coordenadora da Escola de Formação na Pedagogia Griô, do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, da Ação Griô Nacional e da Escola de Políticas Culturais. Na oficina, a educadora facilitou a conexão com memórias familiares e ancestrais com plantas que contam sobre histórias vividas e afetos que marcaram os corpos.

Os textos *Museu Cogumelo: tecendo redes por meio das plantas* e *Um breve ensaio sobre como escrever Cerrado* trazem outras reflexões sobre as oficinas.



---

7. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OQTIEeu8ym4&feature=emb\\_imp\\_woyt](https://www.youtube.com/watch?v=OQTIEeu8ym4&feature=emb_imp_woyt)

---

8. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rYfruNZJgTo>

# CARTAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO



A essência dessa ação mediativa é buscar interações entre múltiplas espécies, possibilitando percepções com a natureza pelo exercício da escrita reflexiva e poética. Por meio da escrita de cartas destinadas a entes não humanos, buscamos criar um espaço de sensibilização, em que os participantes puderam compartilhar suas memórias e entendimentos sobre o que é “natureza”. A proposta se fundamenta nas discussões abordadas por Ailton Krenak, convidado para inaugurar o 1º Ciclo Formativa.

O pensador e escritor, ao compartilhar as experiências dos povos Krenak e sua relação de intimidade com as árvores, as pedras, os rios e os lagos, convida-nos a pensar em como o modo de viver impulsionado pelo “antropoceno” nos afasta da perspectiva de “natureza” como companheira, levando-a não só à sua destruição como também à de nós mesmos.

Em sua fala no [webinário de abertura do 1º Ciclo Formativa](#), Ailton Krenak nos inspirou a criar uma ação mediativa que convoque adultos a se imaginarem como adubos, isto é, como entes férteis e regenerativos. Ao discorrer sobre a sociedade e sua relação com a natureza, Ailton considera a experiência social alienante e produtora de corpos adultos dissociados do mundo natural, cegos de sua própria construção. Krenak nos convida a virarmos adubo para uma sociedade que viva com a natureza e não contra ou dissociada dela.

Ele explica que, para além das ideias que foram socialmente construídas ao longo do século XX, hoje as instituições culturais são chamadas a cumprir uma nova função no campo da cultura, da arte e da produção de novos conhecimentos sobre a sociedade e sobre nós mesmos. Assim, Krenak nos convoca, como entes do Programa Educativa do Museu Nacional, a imaginar uma ação que convide corpos adultos a serem adubo para as gerações futuras, pensando um maior envolvimento da comunidade na aprendizagem.

Tem como imaginar experiências dialógicas e inspiradoras para trabalhar em um campo como esse do Programa Educativa e dos museus. Porque cada vez mais os museus são chamados a assumir para além daquelas ideias demarcadas de um museu que tínhamos até o século XX. Hoje os museus são convocados a cumprir outras funções no campo da cultura, no campo da arte, no campo da produção de novos conhecimentos sobre a sociedade, sobre nós. Então é muito interessante que, por exemplo, a gente imaginasse uma ação que convocasse esses corpos adultos, conscientemente, a gente quer convidar a ser adubo. (KRENAK, A. 2021)

Assim, surge a ação mediativa *Cartas para adiar o fim do mundo*, buscando promover a criação e a escrita de histórias com elementos da natureza. A ideia é simples: trata-se de uma grande troca de cartas em que cada um escreve uma correspondência para um destinatário não usual, um ente natural não humano (por exemplo, uma planta, uma pedra, um rio). Ao escrever essas cartas, contamos e criamos histórias, discutimos ideias e acessamos memórias que instiguem a reflexão sobre a natureza.

Como método da mediação cultural como pesquisa, antes de lançar a ação na esfera pública, experimentamos internamente uma oficina de escrita que fomentou um segundo momento interno, em que cada uma das mediadoras escreveu cartas às plantas que (elas, as mediadoras) representam no Programa. As cartas foram compartilhadas nas redes sociais e no site da Educativa como material de apoio e divulgação da ação. Esse processo interno de pesquisa e produção serviu para aprofundar as ideias, técnicas e propostas de exercício de escrita, que foram compartilhadas em uma [Oficina de escrita criativa](#) realizada no dia 28 de julho com os públicos interessados.<sup>9</sup>

Identificamos algumas etapas principais para a escrita das cartas:

- Escolha um(a) destinatário(a). Deve ser um ente natural não humano, de preferência algum elemento com que partilhe significados, talvez até histórias. Algo do nosso meio ambiente que instigue curiosidade, força

---

9. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vgZ\\_-KjEE3U](https://www.youtube.com/watch?v=vgZ_-KjEE3U)

ou sabedoria, como o mar, uma árvore, uma floresta, uma planta, uma montanha, a areia da praia, a pedra no leito do rio onde aprendeu a nadar, a Chapada, um cogumelo, as formigas do quintal de sua avó.

- Com a sua escolha em mente, feche os olhos. Conecte-se com uma memória ou uma história potente que envolva a(o) sua(seu) destinatária(o). Abra os olhos.
- Escreva uma carta à(ao) sua(seu) destinatária(o). Ponha a memória para dialogar com a imaginação, reflita e discuta com sua(seu) destinatária(o) sobre como podemos participar mais ativamente da educação de nossas gerações futuras, ajudando a preparar o mundo que irão receber, e ajudando a pensar de que maneiras essas práticas podem mediar a aprendizagem por meio do contato com a “natureza”.
- Sugerimos que você escreva, descreva, crie, induza as sensações que cada um desses pensamentos lhe causa. Lembre-se que o corpo também é paisagem, também é “natureza”, também é matéria criativa e também se transforma. Se necessário, veja os materiais de apoio produzido pelo Programa Educativa, como as cartas das mediadoras e a oficina de escrita criativa.

Nossa equipe de mediadoras, ao receber as cartas da ação, fez uma leitura atenta e uma redistribuição cruzada dessas cartas. Ou seja, cada carta foi remetida a algum outro participante da ação, e cada participante também recebeu uma carta escrita por outra pessoa. Cada uma das cartas teve um trecho destacado e relacionado com obras do acervo do MuN em um vídeo de encerramento da ação. Além das cartas enviadas individualmente, duas professoras que participaram do encontro de apresentação e estímulo à experimentação da ação das cartas desenvolveram esta atividade com seus estudantes. Das 49 cartas que recebemos, 13 foram de estudantes da Escola CIEP 358 Alberto Pasqualini, em Nova Iguaçu (RJ), e 29 foram de estudantes da Escola Estadual Professor Leopoldo Miranda, em Diamantina (MG). Como desdobramento dessa ação, também produzimos dois episódios da *Rádio Educativa* (que detalhamos adiante) conversando com as professoras sobre a experimentação da atividade e as cartas dos estudantes.

Os textos *Histórias para suspender o céu* e *Um breve ensaio sobre como escrever Cerrado* trazem outras reflexões acerca da ação das cartas.

## ACERVO DE PLANTAS



Esta ação mediativa aconteceu inicialmente nas redes sociais do Programa Educativa. Com a hashtag #acervodeplantas, buscamos abrir um canal de diálogo com os públicos sobre plantas, pandemia e a ideia de patrimônio artístico, material, imaterial e afetivo. A ação foi desenvolvida ao serem aprofundadas as reflexões sobre o eixo “planta e indivíduo” da pesquisa do acervo do Museu Nacional da República, que investiga caminhos possíveis da relação entre sujeitos e natureza, olhando para o contato íntimo, pessoal e afetivo dos indivíduos com as plantas.

Partimos das motivações da pesquisa para fomentar o exercício de contar histórias com as plantas do acervo e pensar como a arte e o museu podem conversar com as histórias e vidas das pessoas no período pandêmico, tendo as plantas como mediadoras.

Para tanto, postamos algumas imagens de obras do acervo do Museu Nacional da República que contêm plantas, convidando o público para identificá-las e encontrar pares dessas plantas em suas casas. Nesse processo, buscamos descobrir relações entre as plantas presentes no acervo do Museu e as plantas que as pessoas têm em seus lares ou encontram em seu entorno.

O público interessado em participar da ação postou imagens das suas plantas com a hashtag #acervodeplantas e, em seguida, a equipe do Programa Educativa propôs uma conversa com essas pessoas. Nas conversas, além de conhecer o público participante, procuramos saber qual

a história da pessoa com aquela planta especificamente, que uso faz dela e qual vínculo afetivo tem com as plantas em geral. Também conversamos sobre a ideia de acervo como patrimônio pessoal e afetivo e procuramos saber se sua relação com as plantas mudou durante a pandemia. As conversas foram gravadas com a autorização das participantes e serviram para identificar pontos de conexões em que as artes e as vidas se cruzam por meio das plantas.

A análise das conversas gerou um mapa de questões que, pensamos, poderia orientar o desenvolvimento de outras ações e materiais, a exemplo dos episódios da Rádio Educativa ou de conteúdos educativos a partir da conversa sobre o repertório de plantas do acervo do Museu e o acervo de plantas das pessoas. O texto *Museu Cogumelo: tecendo redes por meio das plantas* traz outras reflexões sobre esta ação e seus públicos.

## VER DE PERTO AS PLANTAS DO MuN



A ação mediativa *Ver de perto: as plantas do acervo do Museu Nacional da República* foi pensada como desdobramento da pesquisa do acervo do MuN. Partimos dos eixos do Programa para buscar relações entre a pesquisa do acervo, que identificou diferentes obras “com plantas”, e o cotidiano dos públicos. Com a série de vídeos *Ver de perto*, mostramos algumas dessas obras, acompanhadas de informações, para propor uma conversa com os públicos a partir de algumas perguntas que nos desafiamos a levantar com base em nossa abordagem de 4 perguntas.

Para participar da ação, bastava comentar as postagens dos vídeos nas redes sociais do Programa Educativa, respondendo, de algum modo, às questões propostas. Foram produzidos 13 vídeos da série *Ver de perto*, a partir das obras de 20 artistas modernistas e contemporâneos com as quais foi possível trabalhar uma variedade de temas e questões:

ARTISTA(S)	OBRA(S)	TEMA	QUESTÃO
Aldemir Martins	Sem título, óleo sobre a tela, 2003.	Marco identitário vegetal	Você conhece algum marco identitário vegetal na sua cidade?
Anita Malfatti	Sem título, óleo sobre a tela, 1955.	Espaço, vegetação e construção	Como você avalia a arborização e as áreas verdes no local onde mora?
Stéphane Couturier	Brasília, Melting Point, Fotografia, 2008.		
Antônio Cabral	Flores, óleo sobre tela, 2004.	Plantas e pandemia	Sua relação com as plantas mudou durante a pandemia?
Waldomiro Sant'Anna	Sem título, óleo sobre eucatex.		
Ralph Gehre	Jovem Sorridente com Bandeja de Frutas, desenho digital e impressão fine art, 2005/2012.	Corpo e paisagem: entre o sensorial e o imaginário	Como o seu corpo te permite se relacionar com a paisagem que te rodeia?
Laura Lima	Nômades, acrílica e óleo sobre tela, 2007 a 2009.		
Gisella Motta e Leandro Lima	I.E.D (Improvised Explosive Device), vídeo instalação monocal em looping, 2007.	Consumo, produção de lixo e destruição da natureza	Você identifica ações para diminuir a produção de lixo em sua comunidade?
J.Borges	Colheita de Bordeaux, óleo sobre madeira, 1989.	Trabalho com a terra e partilha de significados	Quais significados o seu trabalho cria com a terra?
Juarez Machado	Pastor de ovelhas, gravura. Xilogravura colorida sobre papel, 2011.		
Alex Cerveny	A criação — Lugar das delícias. Litogravura, impressão sobre papel.	Da criação ao futuro do mundo e da humanidade	Diante da banalização da vida e da morte na pandemia, o que te faz esperar futuros possíveis?
Amanda Naomi Yuki	Correntão. Bricolagem com corrente, galhos, vergalhões, pedaços de concreto, terra e cimento, 2019.	Paisagem retirada	Você identifica soluções restauradoras de áreas degradadas?

ARTISTA(S)	OBRA(S)	TEMA	QUESTÃO
Antônio Henrique Amaral	Ameaça. Gravura — serigrafia em cores, 1992.	Ameaça a diversas formas de vida	Você identifica modos de produção de alimento em equilíbrio com a conservação ambiental?
Pedro Mota	Estatuto da divisão territorial. Fotografia, 2012.	Monocultivo e insegurança alimentar	Você vê relações entre a monocultura e a fome?
Pedro Davi	Sufocamento. Série Madeira de Lei, Fotografia, 2012.		
Luara Learth Moreira	Registro da Performance “Flecha 2 talvez um raio”. Fotografia, 2017.	Devir planta	Você imagina a possibilidade de se tornar planta?
Uýra Sodoma	Registro da intervenção urbana “Ponto Final, Ponto Seguido”, 2021. Este trabalho não faz parte do acervo do MuN.		
Moraes Rego	Sem título. Calcografia. P/A tinta gráfica sobre papel, 2015.	Arte, ciência e natureza	Você já se inspirou nas plantas para resolver problemas?
Wagner Hermuche	Natureza VII — Estudo com Matrizes. Tinta sobre papel, 1980.	Natureza em rede	Quais são as suas redes de conexão com a natureza?

Tabela 2: Artistas, obras, temas e questões da ação *Ver de perto*. Fonte: Educativa

Reproduzimos a seguir três exemplos dentre os 13 roteiros que foram elaborados, trazendo informações sobre as obras do acervo, seus temas e as questões que serviram de conteúdo para o desenvolvimento da série de vídeos. Eles podem ser acessados no canal de [YouTube Educativa Museu Nacional](https://www.youtube.com/educativamuseunacional).<sup>10</sup>

10. Disponível no endereço: <https://www.youtube.com/educativamuseunacional>

EXEMPLO 1 — TEMA: ESPAÇO, VEGETAÇÃO  
E CONSTRUÇÃO



Imagem 17: Anita Malfatti, Sem título, óleo sobre tela, 1955.  
Foto: Taís Castro

A imagem reproduz uma pintura da artista Anita Malfatti. Nela vemos um lago, pessoas embaixo das árvores, algumas casas, montanhas. Nessa paisagem, a urbanização e a vegetação parecem ocupar o espaço de forma proporcional, em contraste com o que ocorre nas grandes cidades.



Imagem 18: Stéphane Couturier, Brasília – Melting Point, Fotografia –  
c.print, 2008

A fotografia de Stéphane Couturier mostra uma das quadras residenciais do Plano Piloto, em Brasília. Nela, apesar de ocuparem planos distintos, o jardim e a edificação parecem integrados.

Como toda cidade, Brasília possui contradições. Entre seus aspectos positivos, está a proximidade com a natureza que ela proporciona a seus habitantes. Fruto do projeto modernista, a previsão de espaços abertos e áreas verdes na trama da cidade configura a ideia de uma cidade-parque. Entre os aspectos negativos, está a exclusão dos trabalhadores que construíram a cidade e da população economicamente desfavorecida para regiões periféricas, com pouca infraestrutura e arborização.

Educativa pergunta: Como você avalia a arborização e as áreas verdes no local onde mora?

EXEMPLO 2 — TEMA: PLANTAS E PANDEMIA



Imagem 19: Antônio Cabral, Flores, óleo sobre tela, 2004.  
Foto: Taís Castro

A imagem reproduz uma pintura de Antônio Cabral. Nela vemos flores vermelhas e amarelas, marcadas por pinceladas fortes.

O artista apresenta uma impressão pessoal das flores, em cores muito vivas e sem uma definição completa.



Imagem 20: Waldomiro Sant'anna, Sem título, óleo sobre eucatex. Foto: Taís Castro

Esta outra imagem reproduz a pintura de Waldomiro Sant'Anna. Nela vemos um vaso de flores e uma carta. Há também uma janela por onde se observa, ao fundo, uma paisagem urbana.

As duas obras apresentam percepções individuais sobre flores e sua presença em nosso cotidiano.

Nossas vidas e dinâmicas sociais foram diretamente afetadas pela pandemia de Covid-19. Nesse contexto, cresceram os relatos de pessoas que passaram a cultivar e a se relacionar mais com plantas dentro de casa e no seu entorno.

Seja como forma de terapia, seja como forma de saúde física, mental e espiritual, a humanidade precisa da natureza não só por questões vitais, como respiração e alimentação, mas também por sua medicina, sua potência e pulso de vida.

Educativa pergunta: Sua relação com as plantas mudou com a pandemia?

### EXEMPLO 3 — TEMA: MONOCULTIVO E INSEGURANÇA ALIMENTAR



Imagem 21: Pedro Motta, Estatuto da divisão territorial, Fotografia, 2012. Foto: Taís Castro

Na fotografia de Pedro Motta, vemos um largo campo de gramíneas com um cupinzeiro transpassado por tubos brancos de PVC que vão até o chão. Ao fundo, vemos morros com algumas árvores. A paisagem parece uma área de pastagem.



Imagem 22: Pedro David, Sufocamento. Série Madeira de Lei. 2012. Fotografia. Foto: Taís Castro

Na fotografia de Pedro Davi, vemos uma árvore, provavelmente nativa do Cerrado, cercada por uma monocultura de árvores exóticas que parecem eucalipto.

As imagens fazem pensar sobre a exploração da terra pela monocultura animal e vegetal, no caso, a criação de gado e a produção de madeira. Em ambas, percebemos a resistência da natureza às alterações humanas da paisagem.

Diversos estudos apontam a expansão das fronteiras agrícolas no país, principalmente para produção de soja e milho, usados na alimentação de animais.

Em meio à pandemia de Covid-19, ao mesmo tempo que vemos o agronegócio bater recordes de exportação, a fome no Brasil aumenta, levando milhões de pessoas à situação de insegurança alimentar.

Educativa pergunta: Você vê relação entre a monocultura e a fome?

O texto *Contatos com um acervo recortado* traz outras reflexões sobre esta ação e seus públicos.

## RÁDIO EDUCATIVA



Considerando o conceito de mediação como pesquisa e prática documentária, criamos a *Rádio Educativa*, produzindo ações mediativas ondas sonoras. A escolha por conversas mediativas em formato de áudio ocorre pelo caráter do Programa, pensado para o meio virtual em tempos de pandemia, priorizando a facilidade de circulação pelas redes sociais e por aparelhos celulares.

A forma popular como a palavra “rádio” ocupa o imaginário social e as memórias coletivas marca o desejo do Programa de dialogar com diversos públicos, rompendo inclusive barreiras geracionais.

Encontramos também motivações para essa ação no webinar “As plantas como tema para a arte-educação”, com o educador e artista Jorgge Menna Barreto, que apresentou percepções relacionadas ao monopólio do olhar. Jorgge aponta uma percepção de muitos aprendizados que vêm das plantas e que estão para além do discurso, da intelectualidade, da visão e da ótica. As plantas nos ensinam a explorar outros sentidos além da visão, como o paladar. Elas nos convidam a apurar o tato, o olfato e outros sentidos de temporalidade.

Diversificar o nosso jeito de estar no mundo passa pela descoberta ou redescoberta dos sentidos, que, por vezes, são soterrados pela visão, abrindo possibilidades de entendimento sobre o que acontece para além do que pode ser alcançado pelo olhar.

Com esta ação mediativa por ondas sonoras, desenvolvemos e compartilhamos sete episódios de duas séries temáticas:

1. Pesquisa com escola: conversas com estudantes e educadores que participaram da elaboração e que experimentam os materiais educativos do Programa Educativa.
2. Ação das Cartas: conversas com pessoas que participaram da ação mediativa *Cartas para adiar o fim do mundo*.

No episódio de abertura da Rádio Educativa, intitulado *Uma escola da Natureza*, conversamos com educadores da Escola Parque da Natureza de Brazlândia, que compartilharam conosco processos e metodologias da escola. Conversamos sobre o que motivou a escolha por um projeto político-pedagógico voltado para a Educação Ambiental e qual a relevância do tema para a comunidade local. Conversamos também sobre como foi a interlocução com a Educativa para a EPNBraz e o que as(os) educadoras(es) pensam que pode ser feito para a construção de uma relação de afeto e interação dos seres humanos com as plantas, os rios e as florestas.

O segundo episódio foi intitulado *A experimentação do Material Educativa com as crianças da EPNBraz*. Nele conversamos com as crianças do INCRA 06 que compartilharam conosco suas percepções sobre a natureza e outros temas que surgiram na experimentação do material. No terceiro episódio, *A pesquisa e produção do Material Educativa*, as mediadoras compartilharam o processo de pesquisa e elaboração do Material Educativa e dos temas levantados a partir dele.

No quarto episódio da Rádio Educativa, o primeiro dedicado à ação mediativa *Cartas para adiar o fim do mundo*, conversamos sobre “arte e natureza” a partir da produção dos públicos de nosso Programa, que foram convidados a escrever cartas a elementos naturais não humanos.

Os episódios cinco e seis foram dedicados às *Cartas das escolas*. Neles conversamos com a professora Rosany Soares, da Escola CIEP 358 Alberto Pasqualini, em Nova Iguaçu (RJ), e com a educadora Parísina Ribeiro, da Escola Estadual Professor Leopoldo Miranda, em Diamantina (MG), que compartilharam conosco como foi desenvolver, com seus estudantes, a ação das cartas para elementos não humanos da natureza. No último episódio da série dedicada à ação mediativa *Cartas para adiar o fim do mundo*, a equipe conversa sobre as etapas, os processos e as reflexões que surgiram do desenvolvimento dessa atividade de escrever cartas a elementos como florestas, rios, árvores, frutas etc.

Os textos *Histórias para suspender o céu*, *Confluências entre mediação cultural e educação ambiental* e *Um breve ensaio sobre como escrever Cerrado* trazem outras reflexões sobre a Rádio Educativa.

## JOGO DO RIO MELCHIOR

O jogo do Rio Melchior é um material educativo ambiental, fruto de interlocuções entre educadoras do Programa Educativa do Museu Nacional da República e da Coletiva Filhas da Terra.

O jogo nasce do interesse do Programa Educativa em estabelecer interlocuções com agentes engajados, direta ou indiretamente, em questões que permeiam os debates socioambientais no Distrito Federal. Assim surgiu o convite à Coletiva Filhas da Terra para elaborarmos, de forma colaborativa, um material educativo-ambiental. Esse grupo é formado majoritariamente por mulheres negras de Ceilândia que atuam no território do Sol Nascente (DF) criando espaços de diálogo com a comunidade sobre questões socioambientais. A ideia é que esse jogo possa ser experimentado localmente e nas demais regiões do Distrito Federal e do Brasil, podendo ser utilizado em espaços como centros de cultura, escolas, programas educativos, projetos e lares.

Em decorrência do contexto de distanciamento social, a parceria com a Coletiva Filhas da Terra ocorreu por meio de encontros virtuais, com pesquisas, discussões e proposições sobre a dinâmica do jogo. Inspiradas pelo Jogo de Trilha Griô — um jogo colaborativo e comunitário da Pedagogia Griô, facilitadora de rituais de vínculo e aprendizagem entre a escola e a comunidade —, encontramos solo fértil para levantar questões a respeito do meio ambiente e refletir sobre a preservação do rio Melchior.

O Melchior é um importante rio do Distrito Federal. Ele divide geograficamente as regiões administrativas de Ceilândia, Samambaia e Taguatinga e deságua no rio Descoberto. Envolto de extensa diversidade vegetal, ele é abrigo de animais, plantas e opção de lazer e recreação para a comunidade próxima. No entanto, enfrenta sérios problemas ambientais, como despejo de esgoto tratado e clandestino, bem como de chorume do aterro de Samambaia. De acordo com a Adasa, o rio pertence à Classe 4 (CONAMA 357/2005), sendo impróprio para banho, irrigação e consumo. Atualmente, a comunidade, agentes e coletivos

solicitam a criação de um parque ecológico distrital na área adjacente ao rio para proteção de seu ecossistema.

As questões levantadas pelo Jogo do Rio Melchior são fundamentadas no conceito dos 7 Rs, são eles: Repensar, Respeitar, Responsabilizar-se, Reaproveitar, Reduzir, Reciclar e Reparar. Desse modo, o jogo busca incitar ações para uma prática cotidiana de refletir sobre os cuidados ambientais, a atuação do poder público como corresponsável pela preservação da natureza, a importância de o cidadão repensar seus valores e práticas, reduzindo o consumo exagerado e evitando o desperdício.

O jogo é composto por um tabuleiro, um livreto de instruções e 5 cartas que associam um elemento do rio Melchior (água, peixe, plantas, oxigênio e insetos) a problemas que precisam ser enfrentados, tais como a poluição da água; o vazamento de chorume do Aterro Sanitário de Samambaia, deixando o rio, os peixes e outros seres vivos contaminados; a erosão da mata ciliar; o crescimento e a multiplicação de algas nocivas à vida no rio; a presença de lixo nos arredores do rio, que pode se tornar foco de proliferação de insetos e mosquitos nocivos à saúde humana.

Cada carta propõe aos participantes dois desafios: uma “missão de agora”, para ser resolvida durante o jogo, e uma “missão de amanhã”, que convoca os participantes a ações futuras em relação ao meio ambiente. O objetivo do jogo é reconstituir o rio Melchior e a diversidade de vidas que o habita.

Com o jogo do Rio Melchior, convidamos as pessoas a pensar sobre os principais problemas enfrentados por este e outros rios na mesma situação, levando em consideração sua preservação e desenvolvendo saberes necessários para o seu cuidado.

Os textos *Museu Cogumelo: tecendo redes por meio das plantas* e *Confluências entre mediação cultural e educação ambiental* trazem outras reflexões sobre o jogo.

Tabuleiro  
42x30 cm (A3)



Cartas  
7x10 cm



Imagem 23: Panorama do Jogo do rio Melchior. Fonte: Educativa

# ACESSIBILIDADE

As atividades da Educativa são desenvolvidas com especial atenção às questões de acessibilidade. Todas as ações são pensadas no âmbito da Acessibilidade Atitudinal, ou seja, pretendem acolher os públicos em suas pluralidades, atentando-se sempre para uma percepção ativa para com o outro, optando por atitudes que impulsionam a remoção de barreiras. Também contamos com consultoria especializada, que contribui para a formação da equipe e para a orientação de dispositivos e estratégias de acessibilidade às ações e aos materiais desenvolvidos. Prevemos as seguintes ações de acessibilidade:

- o site e as imagens postadas no Instagram e no Facebook contam com textos alternativos, nos quais as imagens são descritas, e a descrição pode ser lida por ferramentas de leitores de tela como VoiceOver (iOS) e TalkBack (Android);
- entre as tecnologias assistivas adotadas, ressaltamos a orientação das mediadoras e palestrantes para ambientação e acolhimento dos participantes por meio de linguagem acessível e de fácil entendimento, autodescrição e descrição do ambiente;
- os webinários contam com intérprete de Libras, legendas automáticas e com tecnologias assistivas. As apresentações em slides PowerPoint compartilhadas pelos palestrantes foram disponibilizadas ao público cego mediante solicitação por e-mail ([educativa@tuia.art.br](mailto:educativa@tuia.art.br)). Elas contavam com uma configuração que possibilita seu acesso em leitores de tela (em desenvolvimento). A descrição das imagens é feita pela equipe do Programa a partir do material enviado pelo palestrante;
- as rodas de leitura e oficinas contam com intérprete de Libras e com tecnologias assistivas, mediante inscrição;
- os vídeos contam com legendas automáticas;
- o material educativo digital conta com uma configuração que possibilita seu acesso em leitores de tela, linguagem acessível, além de marcadores de autonomia para as atividades;
- a Rádio Educativa, por ser em formato de áudio, possibilita o desfrute por pessoas cegas. Pessoas surdas, por sua vez, podem se utilizar de ferramentas de descrição de áudio para acessar o material.

# EDUCATIVA EM NÚMEROS

Reunimos aqui as informações quantitativas da Educativa registradas até o dia 18 de novembro de 2021. Apresentamos as atividades previstas e efetivamente realizadas no desenvolvimento do projeto, bem como seus detalhamentos, além da quantidade de públicos inscritos (por meio da plataforma Sympla) e/ou participantes nas atividades por meio de encontros síncronos e/ou visualizações nos canais de comunicação da Educativa Museu Nacional (YouTube, Facebook, Instagram, Anchor).

## WEBINÁRIOS

Realização de 10 encontros formativos virtuais com intérprete de Libras e técnicas de audiodescrição.

CONVIDADA/O	TÍTULO	INSCRITOS	PARTICIPANTES / VISUALIZAÇÕES
Ailton Krenak	O que podemos aprender com a natureza?	360	2.566
Gisele Beiguelman	Museus e seus educativos no meio digital		492
Mercedes Bustamante	A destruição da natureza e a pandemia		365
Jorgge Menna Barreto	As plantas como tema para a arte e a educação		757
Alejandro Cevallos	Mediação comunitária e os desafios da colaboração		246
Antonio Bispo	Interações com a natureza e produção de significados compartilhados	74	105
Léa Tiriba	O papel dos espaços educativos no retorno à escola em pandemia	42	345
Ana Carolina Carmona	As plantas nas artes	66	188
Bruno Moreschi	Arte e documentação nas plataformas digitais	52	146
Gleyce Kelly Heitor	Qual o papel da arte, dos museus e seus educativos neste momento	59	131
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>653</b>	<b>5.341</b>
Previstos	10		
Realizados	10		

Tabela 3: Quantitativo Webinários. Fonte: Educativa

## RODAS DE LEITURA

Realização de 10 encontros formativos, síncronos com o público inscrito. As rodas de leitura não estavam previstas inicialmente no projeto, surgiram no processo de mediação como pesquisa.

ATIVIDADE	TÍTULO	INSCRITOS	PARTICIPANTES / VISUALIZAÇÕES
Rodas de Leitura	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Ailton Krenak	60	24
	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Gisele Beiguelman		
	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Mercedes Bustamante		
	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Jorgge Menna Barreto		
	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Alejandro Cevallos		
	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Antônio Bispo	58	21
	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Léa Tiriba		
	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Ana Carolina Carmona		
	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Bruno Moreschi		
	Roda de leitura em torno do estudo de materiais sugeridos por Gleyce Kelly Heitor		
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>118</b>	<b>45</b>
Prevista	0		
Realizada	10		

Tabela 4: Quantitativo Rodas de Leitura. Fonte: Educativa

## OFICINAS E AÇÕES MEDIATIVAS

Realização de 10 oficinas e ações públicas de mediação cultural diversas.

CONVIDADA/O	TÍTULO	INSCRITOS	PARTICIPANTES / VISUALIZAÇÕES
Juarez Martins	Hortas contra o caos	103	1369
Nilton Luz	Plantas medicinais, sua arte e ciência	122	3534
Líllian Pacheco	Cultivo de histórias com a Pedagogia Griô	90	84
Vitor Camargo	Oficina de escrita criativa	50	119
Não se aplica	Cartas para adiar o fim do mundo	Não se aplica	439
Não se aplica	Acervo de plantas	Não se aplica	245
Não se aplica	Ver de perto	Não se aplica	1194
Não se aplica	Rádio Educativa	Não se aplica	26
Não se aplica	Apresentação do Material Educativa para educadores	105	23
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>470</b>	<b>7033</b>
Prevista	10		
Realizada	10		

Tabela 5: Quantitativo Oficinas e ações mediativas. Fonte: Educativa

## VÍDEOS

Produção de 42 curtas-metragens com tecnologias assistidas de acessibilidade.

CONVIDADA/O	TÍTULO	PARTICIPANTES / VISUALIZAÇÕES
Não se aplica	Conheça o Programa Educativa	844
Pílula 1 - Juarez	Porque ter uma horta?	159
Pílula 2 - Juarez	Poder de Cura das Plantas	108
Pílula 3 - Juarez	Horta e Soberania Alimentar	126
Pílula 4 - Juarez	Horta é Pra Todo Mundo!	108
Pílula 5 - Juarez	A Escolha do Local da Horta	75
Pílula 6 - Juarez	A Escolha do Vaso	88
Pílula 7 - Juarez	Aprenda a fazer adubo orgânico	89
Pílula 8 - Juarez	Plantas Companheiras - Consórcio de plantas	173
Pílula 9 - Juarez	Aprenda a escolher e plantar semente	87
Pílula 10 - Juarez	Aprenda como aguar as plantas	100
Pílula 11 - Juarez	Controle de Pragas	77
Pílula 12 - Juarez	Hortas para Animais de Estimação	148
Não se aplica	Convite - Oficina Plantas medicinais	298
Abertura - Nilton Luz	Apresentação da Farmácia Viva	333

CONVIDADA/O	TÍTULO	PARTICIPANTES / VISUALIZAÇÕES
Pílula 1 - Nilton Luz	Alecrim Pimenta - Lippia sidoides	200
Pílula 2 - Nilton Luz	Pílula 02: Erva Baleeira - Cordia Verbenacea	296
Pílula 3 - Nilton Luz	Pílula 03: Guaco - Mikania glomerata	148
Pílula 4 - Nilton Luz	Funcho - Foeniculum vulgare	107
Pílula 5 - Nilton Luz	Boldo - Plectranthus barbatus	136
Pílula 6 - Nilton Luz	Babosa - Aloe Vera	2084
Pílula 7 - Nilton Luz	Confrei - Symphytum officinale	163
Não se aplica	Apresentação da Série Ver de Perto	153
1 - Série Ver de Perto	Você conhece algum marco identitário vegetal na sua cidade?	53
2 - Série Ver de Perto	Como você avalia a arborização e as áreas verdes no local onde você mora?	70
3 - Série Ver de Perto	A sua relação com as plantas mudou com a pandemia?	122
4 - Série Ver de Perto	Como o seu corpo te permite se relacionar com a paisagem que te rodeia?	99
5 - Série Ver de Perto	Você identifica ações para diminuir a produção de lixo em sua comunidade?	78
6 - Série Ver de Perto	Quais significados o seu trabalho cria com a terra?	60

CONVIDADA/O	TÍTULO	PARTICIPANTES / VISUALIZAÇÕES
7 - Série Ver de Perto	O que te faz esperar futuros possíveis?	333
8 - Série Ver de Perto	Você identifica soluções restauradoras de áreas degradadas?	84
9 - Série Ver de Perto	Você identifica produção de alimentos em equilíbrio com a conservação ambiental?	61
10 - Série Ver de Perto	Você vê relações entre a monocultura e a fome?	58
11 - Série Ver de Perto	Você imagina a possibilidade de tornar-se planta?	92
12 - Série Ver de Perto	Você já se inspirou nas plantas para resolver problemas?	28
13 - Série Ver de Perto	Quais são suas redes de conexão com a Natureza?	38
1 - Cartas	Apresentação da ação das cartas e convite para oficina de escrita criativa	423
2 - Cartas	Cartas para adiar o fim do mundo: Rosangela Guimarães	194

CONVIDADA/O	TÍTULO	PARTICIPANTES / VISUALIZAÇÕES
3 - Cartas	Cartas para adiar o fim do mundo: Karine Dull	196
4 - Cartas	Vídeo de encerramento da ação das cartas	Lançamento em Nov. de 2021
Não se aplica	Apresentação do Pequeno Guia da Botânica Modernista	53
Não se aplica	Apresentamos o site do Programa Educativa!	223
<b>TOTAL</b>	<b>42</b>	<b>8365</b>
Prevista	10	
Realizada	42	

Tabela 6: Quantitativo Vídeos. Fonte: Educativa

## RÁDIO EDUCATIVA

Produção de 7 episódios mediativos com escolas, educadores e crianças. A Rádio Educativa não estava prevista inicialmente no projeto, surgiu no processo de mediação como pesquisa e prática documentária.

CONVIDADA/O	TÍTULO	INSCRITOS	PARTICIPANTES / VISUALIZAÇÕES
Episódio 1	Uma escola da Natureza	Não se aplica	6
Episódio 2	A experimentação do Material Educativa com as crianças da EPNBraz		2
Episódio 3	A pesquisa e produção do Material Educativa		2
Episódio 4	Ação das Cartas		3
Episódio 5	As cartas das escolas - parte 1		8
Episódio 6	As cartas das escolas - parte 2		2
Episódio 7	"Making off das cartas"		5
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>		<b>28</b>
Prevista	0		
Realizada	7		

Tabela 7: Quantitativo Rádio Educativa. Fonte: Educativa

## SITE

Desenvolvimento de uma plataforma virtual (site) com conteúdos e recursos educacionais diversos.

CONVIDADA/O	TÍTULO	INSCRITOS	PARTICIPANTES / VISUALIZAÇÕES	
Não se aplica	Site	Não se aplica	3.331	
Não se aplica	Cartas das Plantas Mediadoras		29	
EPNBraz	Material Educativa		327	
Não se aplica	Árvore Perguntadeira		205	
Não se aplica	Árvore Conversadeira		8	
Não se aplica	Postagens mediativas a partir das leituras dos materiais das Rodas		53	
Coletiva Filhas da Terra	Jogo do Rio Melchior			Lançamento em Nov. de 2021
<b>TOTAL</b>				<b>3953</b>
Prevista	1			
Realizada	1			

Tabela 8: Quantitativo Site. Fonte: Educativa

## ENCONTROS DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Realização de 46 encontros semanais para orientação das pesquisas e produções desenvolvidas pela equipe de mediação.

## PUBLICAÇÃO

Desenvolvimento desta publicação, com relatos e documentações mediativas.

## INSCRIÇÕES

Para o público que optou receber o certificado de participação nas ações propostas, foi necessário a inscrição prévia por meio da plataforma Sympla. No formulário de inscrição havia perguntas referentes ao gênero, escolaridade, faixa etária, endereço, autodeclaração segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, informações sobre deficiências, áreas de interesse e perguntas específicas sobre cada atividade, como motivações ou perguntas mediadoras.

Ao longo dos meses de atuação do Programa Educativa, foram realizadas 1.043 inscrições na plataforma. Deste total, 661 inscrições referem-se às atividades do 1º Ciclo Formativa, ocorridas entre maio e julho, e 382 ao 2º Ciclo Formativa, ocorridas entre agosto e setembro. Percebendo o contexto dos dados quantitativos, no 2º Ciclo, além de um tempo menor de execução das ações, houve o avanço da vacinação e retomada das atividades presenciais, o que pode ter levado a diminuição das inscrições.

Neste recorte específico do público inscrito, pudemos, por meio dos formulários, identificar os participantes da seguinte forma: 15% têm idade entre 19 e 24 anos, 17% entre 25 e 29 anos, 12% entre 30 e 34 anos, 13% entre 35 e 39 anos, 14% entre 40 e 44 anos, 9% entre 45 e 49 anos, 8% entre 50 e 54 anos, 5% entre 55 e 59 anos e 4% acima de 60 anos. 75% das pessoas se declararam mulheres cis, 19% se declararam como homens cis, 4% como não binários e 2% não quiseram informar. 57% se declararam brancos, 22% pardos, 14% pretos, 1% indígenas, menos de 2% amarelos e 4% não quiseram informar. 45% informaram cursar ou ter cursado graduação, 20% especialização, 18% mestrado, 9% doutorado, 4% ensino médio, e 0,3% dos inscritos informaram possuir ensino fundamental. 14% das pessoas inscritas informaram residir na região nordeste, 12% na região sul, 19% na região centro-oeste, 3% na região norte e menos de

1% não quiseram informar. 14% dos inscritos informaram residir no Distrito Federal, sendo 37% residentes no Plano Piloto, 59% residentes nas Cidades Satélites e 6% na Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno. 99% das pessoas que se inscreveram informaram não possuir nenhum tipo de deficiência, e 1% informaram possuir algum tipo de deficiência, sendo 67% deficiência visual, 13% deficiência auditiva, 7% deficiência física e 13% não quiseram informar.

Ressaltamos que este recorte refere-se ao público inscrito, e não necessariamente ao público participante das ações, uma vez que não houve comprovação da participação dos inscritos nos webinários transmitidos ao vivo pelo YouTube, em que só era possível identificar os participantes caso eles interagissem pelo chat, sendo possível verificar a participação dos inscritos apenas nas ações que ocorreram no formato de sala online pela plataforma Zoom.

2

# TEXTOS DA EQUIPE DE MEDIAÇÃO

# MUSEU COGUMELO: TECENDO REDES POR MEIO DAS PLANTAS

## INTRODUÇÃO

No início do planejamento das nossas atividades, imaginamos o Museu como um cogumelo, que, por suas hifas e micélios, constrói uma rede de comunicação na floresta, por meio das raízes de árvores e plantas, além de transformar e decompor matéria orgânica que irá nutrir as plantas e fertilizar o solo. Percebemos o MuN dessa forma, tecendo uma rede de comunicação entre os públicos, conectando escolas, educadores, artistas, mediadores, pensadores, comunidades, entre outros, a partir das artes visuais e das plantas, que nos trazem inúmeras e férteis percepções, diálogos e reflexões.

Nós, como mediadoras(es) e educadoras(es), estávamos representadas(os) por árvores e plantas do Cerrado: Lua Cavalcante era a Sucupira-branca, responsável por fazer conexões e produzir material educativo com a Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz), representada pelo Baobá. Gisele Lima, que esteve na primeira etapa da pesquisa do acervo, e foi substituída por Matheus Furtado, na segunda etapa, era a Caliandra, cujas atuações estavam mais próximas ao museu. Geovana Freitas, a Pequizeira, em conjunto com Lua, esteve na mediação com as escolas. Além disso, Geovana esteve na descentralização das ações, buscando parcerias com coletivos locais, como a Coletiva Filhas da Terra. Eu, Priscilla Castro, a Candombá, e Vitor Camargo, o Jenipapo, transitamos entre o museu e os públicos — estes representados pelas formigas. Eu ficava mais na parte ambiental, enquanto o Vitor, mais em questões sobre patrimônio e sociedade.



Imagem 1: Ecossistema Museu. Da esquerda para a direita: Jenipapo, Candombá, Pequiadeira, Caliandras, Sucupira e Baobá. Em baixo, as Formigas. Ao centro, o MuN Cogumelo. As raízes simbolizam a interconexão e a simbiose entre plantas, públicos e MuN. Fonte: Priscilla Castro da Silva

As plantas são mediadoras do programa. É a partir delas e com elas que desenvolvemos grande parte das nossas ações com os públicos. As atividades foram desenvolvidas a partir dos eixos e da questão central do Programa Educativa, buscando trabalhar com temáticas sobre a relação individual com as plantas e a arte, a relação social, territorial e comunitária, além das diversas subjetividades e do “divino” do reino vegetal.

Assim, o foco foi trabalhar com as plantas nas obras do acervo do MuN. A partir delas e das ações elaboradas, podemos dialogar sobre arte, patrimônio, meio ambiente, saúde, cidadania, bem como as memórias afetivas dos públicos, seus projetos de vida, trabalhos diários, sentimentos e desejos diante um mundo pandêmico, que enfrenta desafios socioambientais.

Buscamos nos dirigir aos públicos em diversos meios e formatos: redes sociais, rodas de leitura, oficinas, ação

*Acervo de plantas* (considerando os repertórios dos públicos), webinários, ação *Ver de perto* (considerando os repertórios do acervo), Material Educativa (realizado em interlocução com a EPNBraz) e também um jogo ambiental.

Neste texto, considero as atividades de cujo desenvolvimento participei em maior parte e nas quais percebi uma construção conjunta de aprendizado. São elas:

- ação *Acervo de plantas*;
- oficinas;
- rodas de leitura e webinários com Antônio Bispo, Ailton Krenak e Mercedes Bustamante;
- Jogo Rio Melchior.

#### ACERVO DE PLANTAS

Com a pandemia e as reflexões que esse momento nos traz, percebemos que houve uma maior aproximação das pessoas com a natureza. Como não podemos afirmar isso com base apenas em nossas percepções, perguntamos para o público, por meio da ação *Acervo de plantas*.

A ação *Acervo de plantas* consistiu em apresentar fotos de obras do museu com plantas para o público das redes sociais — Facebook e Instagram. A primeira rodada trazia imagens de plantas como abacaxi (*Ananas comosus*), hibisco (*Hibiscus sinensis*) e a costela-de-adão (*Monstera deliciosa*), em uma publicação no estilo carrossel (com imagens em sequências) e algumas perguntas.

Esse método foi pensado por Gisele como um post ping-pong, isto é, uma publicação mediativa em que se “joga a bola” para o público, esperando que ele a devolva. A partir da hashtag #acervodeplantas, as pessoas nos respondiam publicando imagens das plantas em suas casas e, depois disso, convidamos essas pessoas para uma conversa por videochamada.

Para esse segundo momento, levantamos algumas perguntas:

- Qual relação você tem com plantas e cultivo delas?
- A relação que você tinha antes com as plantas mudou com a pandemia?
- Quais histórias e memórias você tem com as plantas? Possui algum vínculo afetivo?

- Quais saberes e fazeres você tem com as plantas?
- Como percebe a relação entre museu, artes e plantas?

Para essa conversa, tivemos 5 participantes. Foi uma conversa bastante fluida e intimista e, em alguns casos, as perguntas sequer precisaram ser feitas, pois as pessoas já as respondiam em sua apresentação.

As histórias de vida das pessoas em torno dos desafios da pandemia e suas relações com as plantas foram emocionantes e davam sentido para nossas ações e eixos de pesquisa.

Em um terceiro momento, fizemos um mapeamento de assuntos que surgiram na conversa e percebemos como os diferentes repertórios (dos públicos e do museu) se cruzam. A ideia inicial era que a conversa fizesse parte de episódios da Rádio Educativa; no entanto, não foi possível dar continuidade a esse planejamento em decorrência da saída de Gisele do Programa Educativa e de outras demandas do projeto.

Na sequência abaixo, apresento resumidamente relatos e percepções dessas conversas, com falas destacadas de alguns participantes:

### 1.1 WILLIAM EDUARDO

William é morador da Zona Norte de São Paulo e se auto-denomina designer biofílico. Trabalha com humanização dos espaços por meio de elementos naturais e busca deixar ambientes mais confortáveis e felizes. Realiza esse trabalho com a criatividade e afeto e se sente reconhecido, diferente de quando trabalhava em uma multinacional.

A natureza acolheu William quando ele estava só. As plantas foram companhia em um momento de profunda tristeza. Na pandemia, fez vários cursos online, entre eles um curso de cultivo de hortas em vasos (ocasião em que plantou abacaxi, por exemplo, a planta pela qual estabeleceu conexão com a Educativa). Ele disse: “você acha que cuida da planta, mas a planta é que cuida de você.”

William nos enviou também uma imagem da sua costela-de-adão e revelou que, nas plantas, viu um lugar para expressar sua criatividade e resgatar seu lado sensível (imagem 2).

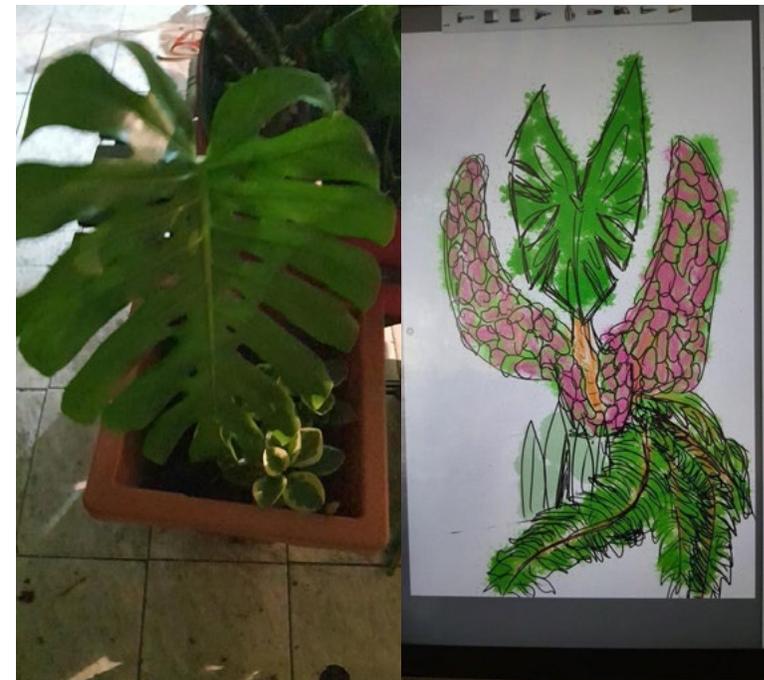


Imagem 2: Costela-de-adão e desenho inspirado na planta. Fonte: William Eduardo

### 1.2 THATIANA

Thatiana relata que, na pandemia, mudou para a casa dos pais, em Maricá, no Rio de Janeiro. Ela nos conta que sempre gostou de plantas, principalmente orquídeas, algo que aprendeu com a mãe, que já tinha o costume de plantar.

Na casa onde mora hoje, a mãe fez questão de ter plantas nativas e preservar a mata local. A região foi um dos caminhos de Charles Darwin durante sua expedição na América do Sul, o Morro do Elefante.

Nessa mudança de casa e com maior aproximação com a terra, Thatiana passou a cultivar plantas, por exemplo, a bortalha e o malvaisco, que come toda semana — o que melhorou sua alimentação. Agora ela cuida do jardim, observa os ninhos dos pássaros, o que está movimentando e fortalecendo mais seu corpo.

Ela contou que começou uma horta, em que planta a partir de sementes e talos da própria alimentação. Recentemente, fez workshops sobre composteira, abelha sem

ferrão, permacultura, aproveitamento de água e plantas alimentícias não convencionais (PANCs).

A planta que motivou a conversa foi o hibisco, cuja flor Thatiana arrancava, quando criança, escondida de sua mãe para brincar de bailarina, com as pétalas.

Ela percebe sua região como um acervo de plantas da vegetação de restinga e sente a necessidade, inclusive, de ter mais contato com pesquisas sobre as plantas locais, para identificar seu potencial medicinal.

### 1.3 KARINE DULL

Outra participante da ação *Acervo de plantas*, que nos acompanha em muitas outras ações, é Karine, que é professora de história na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Quando a pandemia começou, Karine pensou sobre o que poderia fazer para preservar sua saúde emocional, da família e de seus alunos. Assim, viu nas plantas um caminho e começou a se aprofundar no tema, nos benefícios de seu cultivo e a desenvolver projetos no seu dia a dia e na escola.

Sobre sua relação com as plantas, Karine, assim como a Thatiana, disse que sua mãe sempre cultivou plantas. Essa relação, iniciada pela mãe, se intensificou quando Karine se mudou de casa e sentiu a necessidade de plantar para aliviar o calor. Plantou acerola, limoeiro e cupuaçu.

Com o tempo, aproximou-se de estudos sobre agrofloresta com o objetivo principal de a “terra se cuidar sozinha”, por ela não ter tempo suficiente para se dedicar ao cultivo do jardim. Além disso, Karine gosta de jardins com uma composição mais orgânica, não tão organizada. Ela nos contou também que seus filhos a ajudam nos plantios.

A planta que motivou a conversa foi o abacaxi, fruto que foi plantado a partir da coroa de um abacaxi que ela havia consumido.

Ao perguntarmos sobre patrimônio afetivo com as plantas, Karine fala sobre um pé de limão e um de cinamomo, que nasceu sozinho. Diz que é uma árvore grande, que identifica sua casa. Esta árvore atrai pássaros, que comem os frutos. A filha de Karine é apaixonada pela árvore, tem um vínculo afetivo com ela e não quer mudar de casa por causa dessa relação. Nas palavras de Karine: “a história da gente se confunde com a das plantas.”

### 1.4 SAULO

Saulo tem 26 anos, é estudante de direito, homem trans e ativista da causa LGBT. Sempre teve contato com a natureza e é acostumado a plantar desde criança, pois os pais têm uma chácara.

Ele conta que se identificou com a imagem da obra do acervo com o hibisco, pois já plantou mais de 100 mudas dessa planta na chácara dos pais, quando ele tinha menos de seis anos (imagem 3). Hoje, os hibiscos têm mais de 20 anos, já são arbustos bem grandes e formam um corredor por onde os carros transitam. São espécies de cores variadas, cada uma com seu tempo de florescimento.



Imagem 3: Saulo, criança, plantando o hibisco. Fonte: Saulo

Saulo traz uma memória afetiva com o hibisco. Disse que, no fundo da flor, há um cabinho, cujo líquido, docinho, parecido com balinha, ele gostava de sugar quando era criança. Via que os beija-flores gostavam.

Com a pandemia, passou a morar sozinho e criou um elo maior com as plantas. Recentemente, começou a plantar várias suculentas e cactos. Dá nomes a cada um deles, conversa com eles e diz que gostaria de aprender mais sobre cultivo de horta e ervas. Além disso, gosta de usar as plantas como medicamento.

Ao perguntarmos se as plantas o inspiram a fazer arte, ele nos respondeu que não, porque a arte é fora do contexto de vida dele. Mas, nesse momento, surgiu um questionamento para nós, mediadoras, sobre o que é arte. A conversa o deixou pensar que a arte poderia, sim, estar presente na vida sem ele perceber, como decoração, música. Saulo disse então que se inspira com a decoração, que deixa sua casa mais agradável, renova o ar e filtra energias.

#### 1.5 DAY VIEIRA

Day Vieira mora no Rio de Janeiro, é professora e pesquisa museus. Achou interessante nossa ação por ela ter um vínculo com plantas, educação, arte e museus.

A planta que motivou o diálogo foi o abacaxi. Day postou uma foto semelhante com a do nosso post; no entanto, a planta da foto não é um abacaxi, mas sim faz parte da família das bromélias (imagem 4).



Imagem 4: Foto da publicação da Day. Fonte: Day Vieira

Ao nos contar sobre sua relação afetiva e mais próxima com as plantas durante a pandemia, Day afirma que tinha poucas plantas em casa, em relação à quantidade que tem atualmente.

No primeiro momento da pandemia, Day ficou sozinha em casa. Comentou que sentia falta de companhia e, com isso, começou a cultivar mais plantas e trazer mais vida para a casa. Sente as plantas como companheiras que foram essenciais para ela nesse momento.

Day mora em um local onde há pouca entrada de luz solar, então buscou conhecimento sobre quais plantas são mais adaptáveis à sombra e, hoje, sua casa tem várias delas.

Day conversa com as plantas, sente que elas precisam de amor e cuidados e sente as sente como filhas. Fala também sobre a dimensão decorativa que elas têm e como harmonizam os espaços.

Acredita que as plantas podem ser entendidas como patrimônio imaterial, pois elas guardam um caráter de memória que atravessa gerações, no sentido de se conectarem com os saberes populares. Day conta que, depois que começou a cultivar plantas, sente-se mais tranquila e que sua casa tem uma energia mais leve.

#### 1.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A AÇÃO

As plantas serviram como companhia para essas pessoas entrevistadas, e essa relação com o plantio veio, muitas vezes, pelo vínculo que a mãe ou a família já tinha com as plantas.

Uma imagem de uma flor, um fruto pode abrir diálogos sensíveis, acessar memórias de infância e evidenciar como isso está presente nos projetos de vida e trabalhos de cada pessoa.

Com esses relatos, percebemos desejos dos públicos em plantar, aprimorar seus saberes sobre plantas, bem como o quanto se sentem bem cultivando e como isso transforma seu dia a dia, com maior movimento do corpo e melhora na alimentação.

A relação entre arte e plantas foi vista como uma forma de inspiração para desenhar, decorar espaços, fazer poesias, entre outras atividades artísticas, principalmente neste período de pandemia, em que se atravessam perdas, luto, isolamento e mudanças de hábitos. Celso Honório, participante das rodas de leitura, comentou para nós a

importância da arte nesse período da seguinte maneira: “A arte atinge diretamente a resignificação da dor. Através dos símbolos, cores, trabalha-se o sensível”.

## 2.0 OFICINAS

Percebendo esse movimento de as pessoas buscarem conhecimento sobre cultivo de hortas, plantas medicinais, refletindo sobre o papel da arte do museu neste momento, pensamos em criar espaços de aprendizado sobre cultivos de plantas em casa, hortas, propriedades medicinais das plantas, seus usos e histórias, além de trazer práticas que acessem o lado íntimo dos públicos em relação aos temas que abordamos ao longo do programa.

Sendo assim, desenvolvemos as oficinas formativas, às quais nos referimos na abertura deste texto.

### 2.1 HORTAS CONTRA O CAOS, COM JUAREZ MARTINS

Na oficina do agricultor urbano Juarez Martins, tivemos pessoas inscritas de diferentes estados do Brasil: Distrito Federal, Bahia, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná, Pará, Santa Catarina e Pernambuco. A maioria delas já cultivava plantas ou tinha interesse em cultivar. Muitas estavam motivadas em aprimorar seus saberes. Essas informações nos foram obtidas por meio de um formulário de inscrição. A seguir, respostas dos participantes sobre o interesse na oficina:

Com a pandemia, pude estreitar laços com as plantas e tive uma hortinha. Mas me mudei e agora quero iniciar outra. Acho importante cultivar um pouco do que consumo, além de terapêutico.

Vontade de aprender mais para plantar e cozinhar o próprio alimento sem agrotóxicos e contribuir para a regeneração do planeta.

### 2.2 PLANTAS MEDICINAIS, SUA ARTE E CIÊNCIA, COM NILTON LUZ

No intuito de conversar e trazer saberes sobre plantas medicinais, arte e história, convidamos o farmacêutico Nilton Luz, que trabalha há 29 anos na Farmácia Viva do Riacho Fundo — Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

Antes da realização da oficina, divulgamos uma série de vídeos sobre as plantas medicinais da Farmácia Viva (como descrito no texto de abertura). Além disso, Nilton explica sobre o programa Farmácia Viva e como funciona a unidade onde trabalha.

Com o cenário da pandemia, rumores de privatização das Unidades Básicas de Saúde e com o aumento de pessoas precisando do Sistema Único de Saúde (SUS), ampliou-se o reconhecimento da importância do mesmo. Seguindo um movimento nacional com mais de um milhão de publicações no Instagram, na divulgação da oficina, utilizamos a hashtag #VIVAOSUS, como forma de manifestar nossa defesa ao Sistema Público de Saúde.

Na oficina online, Nilton apresentou estudos que comprovam a existência de conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas desde os Neandertais e o consumo dessas plantas para a melhoria da qualidade de vida do homem primitivo. A partir disso, Nilton apresentou diversas plantas e a relação entre povos, artes e ciência, bem como essa relação se apresentou na produção de fármacos, objetos, símbolos e mitos.

Nilton também é um grande colecionador de artefatos e instrumentos farmacêuticos dos séculos XIX e XX. Sabe a história de cada objeto e tem muita história pra contar. Ele expressa o desejo de um dia poder fazer uma exposição em um museu com a sua coleção. Ficamos curiosos em saber mais.

### 2.3 CULTIVO DE HISTÓRIAS COM A PEDAGOGIA GRIÔ, COM LÍLLIAN PACHECO

Na oficina de Nilton, falamos da história geral das plantas medicinais, em contexto nacional e mundial. Para trazer histórias com plantas medicinais de forma que cada indivíduo pudesse acessar, a fundo, sua própria memória, recorreremos às práticas da Pedagogia Griô.

Afinal, por que não acessar nossas lembranças de cura com plantas? Quem nunca sentiu um cheiro de erva cidreira, capim-santo e foi transportado para uma lembrança? Ou foi cuidado por alguém próximo com um banho de ervas, benzimento, chás?

A Pedagogia Griô é uma educação que valoriza o vínculo afetivo e a ancestralidade. Nesta oficina, a educadora Líllian Pacheco apresentou propostas de imersão que conectam os participantes às suas memórias familiares e ancestrais.

Foi uma atividade virtual, prática, de vivência e corporeidade, transmitida pela plataforma Zoom. Antes de iniciar a oficina, foi falado sobre a preparação do espaço em que as pessoas estavam, recomendando-se manter o local livre pra dançar e deitar, deixar a câmera e o coração abertos, trazer um copo d'água, um símbolo, uma erva, um cheiro, um instrumento musical. A oficina começou animada. Lillian estava acompanhada de mais duas educadoras: Priscilla Martins e Rosevânia Machado, dando boas-vindas ao público com música e dança. Em seguida, houve um momento de acolhimento do corpo, em que cada pessoa se deitou no chão de sua casa, como sementes. Lillian conduziu um exercício de imersão nas memórias sobre cura com plantas medicinais.

Após esse exercício, levantamo-nos aos poucos e compartilhamos nossas memórias em rodas virtuais de pequenos grupos, como prática de construção coletiva do saber. Esse momento foi bastante rico para o grupo. Não gravamos essa parte da interação em respeito à privacidade de cada pessoa.

Na finalização da oficina, Lillian apresenta uma música que aprendeu com Isabel de São Paulo, que, por sua vez, aprendeu com Valéria Pontes, atriz, umbandista e educadora negra da região da Casa Verde, Zona Norte de São Paulo:

Com o poder das águas te limpo, com o poder das ervas te curo, com o poder da fé eu te benzo... só com amor que se cura o mundo.

Com essas três oficinas, trabalhamos os três eixos em que as obras do acervo foram abordadas: planta e indivíduo, planta e sociedade e ecossujeitividade. As oficinas estão disponibilizadas no [Youtube](#) da Educativa por tempo indeterminado.

### 3.0 WEBINÁRIOS

Neste capítulo, destaco falas específicas dos webinários de Antônio Bispo, Ailton Krenak e Mercedes Bustamante, a fim de trazer uma dimensão macro da relação entre arte, natureza, sociedade, território e pandemia, abordando também os problemas socioambientais presentes: insegurança alimentar, modelos de agricultura, mudanças climáticas, urbanização, racismo ambiental e horizontes para os desafios encontrados.

### 3.1 INTERAÇÕES COM A NATUREZA E PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS COMPARTILHADOS, COM ANTÔNIO BISPO

Com o intuito de aprofundar a discussão sobre hortas, plantio, soberania e segurança alimentar, destaco algumas falas de Antônio Bispo, ou Nêgo Bispo. Durante o webinar, ele apresenta alguns questionamentos sobre o que a agroecologia pode se tornar quando tende para a institucionalização, a colonização e a mercantilização — por exemplo, com cursos caros, feiras agroecológicas realizadas somente nos centros das cidades, alimentos orgânicos com preço alto. Ele comenta ainda que, nesse sentido, a agroecologia não acaba com a fome, pois não está presente nas periferias. O alimento não tem acessibilidade a quem passa por situação de insegurança alimentar.

Nêgo Bispo foi questionado por um dos participantes sobre o papel das hortas urbanas — roças nas ruas —, e ele diz:

É preciso arrancar as gramas e plantar batata doce, [...] cana, [...] alface, coentro. O Estado gasta plantando grama, pra que serve a grama? O que é isso? Isso que é ser humano? Ser humano é coisa ruim, vamos desumanizar o mundo, animalizar o mundo.

### 3.2 O QUE PODEMOS APRENDER COM A NATUREZA?, COM AILTON KRENAK

Fazendo conexão com a fala do indígena Ailton Krenak, no nosso primeiro ciclo de webinários, Ailton também fala sobre a importância das pessoas no meio urbano para a criação de cidades agradáveis, vegetalizadas.

A verdadeira cidadania supõe você viver bem com a natureza, é o bem viver com a natureza, não para a natureza. [...] Tem muita gente que pensa 'Ah nós vamos sair da cidade e vamos todo mundo para floresta'. Por favor, fiquem aonde vocês estão, mas transformem esse lugar num lugar bom para viver, porque as cidades hoje são sumidouros de toda matéria prima, que são extraídas de outro lugar... O entorno das grandes cidades poderiam começar um grande processo de jardinagem, até que toda produção desses entornos dessas cidades se constituíssem num aroma tão agradável, que a experiência da florestania não seria exclusiva de quem

vive no no Cerrado, na Amazônia, mas seria também de quem vive num lugar habitável.

### 3.3 A DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E A PANDEMIA, COM MERCEDES BUSTAMANTE

Segundo a cientista Mercedes Bustamante, a humanidade enfrenta dois grandes desafios: alimentar 9-10 bilhões de pessoas até 2050 e mitigar as mudanças climáticas. Cerca de 60% da população brasileira, hoje, vive algum nível de insegurança alimentar. Casos de fome acentuaram sobremaneira durante a pandemia.

Questionamos sobre como o cidadão urbano pode contribuir para o enfrentamento de desafios como a fome, a produção de alimentos, mudanças climáticas e mudanças de qualidade de vida. Bustamante responde que “a primeira chave é a chave política que vem por meio da pressão da população” para ter direitos básicos atendidos.

Para além disso, assim como Nêgo Bispo e Ailton Krenak, Bustamante fala sobre a importância de plantar nas cidades, bem como sobre como podemos preparar as cidades para um futuro de eventos extremos que possam ocorrer. Ela fala também sobre como as cidades podem contribuir para serem agentes de redução de emissão de gases de efeito estufa:

Na própria discussão da pandemia, a importância, por exemplo, de áreas urbanas dedicadas à produção de alimentos, [...] desde que óbvio, né, ter esse controle da poluição atmosférica, controle da poluição do solo, para você produzir alimentos que sejam saudáveis [...] a escolha das espécies para você não trazer espécies que são invasoras — espécies que sejam, por exemplo, produtoras de recursos para fauna, então qual é a fauna que é importante que está dentro das cidades?.

Como ecóloga, Bustamante apresenta questões técnicas para pensar antes de plantar, por exemplo, como construir calçadas permeáveis para a decomposição de folhas, como evitar de as folhas irem para galerias de águas pluviais, como entender as demandas do local, tornando as cidades mais resilientes, sustentáveis, inteligentes e adequadas.

Além disso, outras questões que foram abordadas em diferentes reflexões do Programa — como a ação *Ver de*

*perto* (episódio Anita Malfatti e Stéphane Couturier) e o jogo ambiental —, que Mercedes enfatizou nesse webinar, foram sobre áreas verdes em regiões periféricas, locais que têm menos possibilidades de contato com a natureza — algo que é fundamental para identidade de um povo e sua qualidade de vida. Por fim, Bustamante menciona a importância de haver uma distribuição do verde nas cidades, de forma equitativa.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES WEBINÁRIOS

Os assuntos levantados nos webinários e os desdobramentos deles com as(os) convidadas(os) trouxeram-me questionamentos e mudanças de paradigmas de modo pessoal e profissional, o que me incentivou a identificar infinitas possibilidades de ações na região onde moro — Ceilândia, Samambaia e Taguatinga — e demais cidades do Distrito Federal.

Sendo adulta-ponte (termo utilizado por Ailton Krenak), busquei pessoas e coletivos que já estavam engajados em causas socioambientais. Primeiramente me juntei ao Coletivo Boca da Mata, em Samambaia, onde atuo também como adulta-adubo, exercendo cidadania e promovendo atividades de preservação do parque Boca da Mata.

Um segundo momento foi o conhecimento da Coletiva Filhas da Terra, em Ceilândia, que conheci por Geovana, mediadora do programa. Trata-se de uma coletiva de mulheres que lutam pela vida do rio Melchior/Belchior, que passa pelas três cidades supracitadas (imagem 5).

Percebendo a atuação da coletiva em diversas frentes socioambientais, culturais e raciais, bem como a importância desse rio, convidamos as Filhas da Terra para uma ação mediativa no Programa Educativa.

Tendo em vista os diversos problemas que esse rio enfrenta e sua importância para o Distrito Federal e o Brasil, nós o escolhemos como tema central para desenvolver um material educativo em conjunto com a coletiva.



Imagem 5: Rio Melchior. Foto: Priscilla Castro da Silva

#### 4.0 JOGO RIO MELCHIOR, COM A COLETIVA FILHAS DA TERRA

Logo nos primeiros encontros com as mulheres da Coletiva Filhas Terra, pensamos em formas lúdicas de abordar um tema tão complexo como é a preservação de um rio, que envolve conceitos ecológicos e parâmetros legais. Assim, surgiram dois formatos iniciais: um zine ou um jogo.

Optamos então pelo jogo, inspiradas pelo Jogo de Trilha Griô, da Pedagogia Griô, que traz diferentes tipos de desafios sobre histórias de vida da comunidade e do território, os quais devem ser resolvidos de forma cooperativa e com uma missão coletiva em prol de algo maior.

Definimos os elementos-símbolos que viviam no rio e os relacionamos aos problemas nele existentes, estabelecendo missões (missão de agora e missão de amanhã) pautadas nos Rs da sustentabilidade, assim como dito no texto de apresentação.

Para melhor visualização, organizamos os assuntos em uma tabela (Tabela 1), relacionando os elementos com as missões que as(os) jogadoras(es) teriam, algo que facilitou a continuidade do trabalho.

ELEMENTO	PROBLEMA	R	MISSÃO DE AGORA	MISSÃO DE AMANHÃ
Água	Esgoto	Responsabilizar-se	Exercício corporal — sentimento da água	Responsabilizar poluidor e poder público
Peixe	Aterro/Chorume	Reaproveitar	Utilização de restos de alimentos	Composteira
Plantas	Desmatamento/Erosão Fluvial	Respeitar	Exercício de dança	Plantio
Oxigênio	Poluição/Eutrofização	Repensar	Exercício de respiração	Fossa de bananeira
Insetos	Lixo	Reciclar	Observar o local, a relação entre plantas e lixo	Denunciar focos da dengue/Realizar Coleta Seletiva

Tabela 1 - Relação entre cartas do jogo, problema, R, missão de agora e missão de amanhã

A presença das integrantes da Filhas da Terra foi essencial para saber nitidamente os problemas do rio, bem como para adaptar, da melhor forma possível, os conceitos ao tipo de público do jogo.

A ideia é que o jogo seja uma brincadeira de aprendizado e conscientização, principalmente para a comunidade que vive próxima ao rio, e seja jogado por crianças, jovens e adultos.

## CONCLUSÃO

Por fim, tecemos uma rede de conteúdos que achamos importantes para esse período pandêmico, por meio da arte e das plantas, com discussões e formações sobre temáticas para adiar o fim do mundo e regenerar seus biomas.

O diálogo com o público permitiu perceber pessoas se aproximando das plantas durante a pandemia e o quão se sentem bem com isso. Essas pessoas passaram a se sentir inspiradas a viver, a fazer arte, a brincar, a defender e transformar o território em que habitam, com engajamento artístico, político e comunitário, construindo pontes e adubando solos.

Nós, enquanto humanidade, não estamos só passando por uma pandemia, mas sim por uma crise planetária, que traz ameaças a todas as formas de vida, à água, ao clima, ao alimento, à economia, à saúde. Sinto a necessidade não só de discutir essas temáticas, como de fato fizemos, mas também de colocar em prática as teorias, os materiais educativos, o jogo, as hortas, entre outros.

Cuidar da natureza diz mais sobre nossa própria sobrevivência do que o planeta em si. (Léa Tiriba)

**Priscilla Castro da Silva**

Mediadora – Educativa Museu Nacional

# CONFLUÊNCIAS ENTRE MEDIAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

## FALANDO DE UM LUGAR

Para começar este texto, sinto a necessidade de localizá-lo no tempo, uma vez que são as condições impostas pela pandemia que delinearam o mote do Programa Educativa e são elas que motivam meu desejo de investigar as confluências entre a mediação cultural e a educação ambiental. Convivendo em um contexto pandêmico, exercendo uma profissão que me pede sentido de vida e ligação com o mundo real, inicio estas reflexões desejosa de encontrar ferramentas que me/nos instrumentalizem para a construção de um mundo novo na pós-pandemia.

Escrevo do Distrito Federal, onde o retrato de contaminação do coronavírus se desenvolve de forma desigual. As cidades de Ceilândia e o Plano Piloto apresentam os maiores números de infecções por Covid-19. Elas estão separadas por cerca de 30 km de distância. Na primeira, a renda per capita é R\$ 1.116,10; na segunda, R\$ 6.778,00. Dados do boletim informativo da Covid no DF mostram que, no Plano Piloto, das 52.042 infecções, houve 758 mortes, enquanto que, em Ceilândia, das 56.017 contaminações, o quadro de óbitos quase dobra, com 1.666 mortes atestando que a questão social pesa sobre a vida e a morte.

A necropolítica<sup>11</sup> em curso, personificada pela figura de Jair Bolsonaro, afirma, em reunião com empresários, que “a economia não pode parar”. Tal economia seria sustentada por profissionais da manutenção — equipes de limpeza,

---

11. Conceito desenvolvido por Achille Mbembe, filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor universitário camaronês, para descrever o processo de dominação e controle pelo Estado, por meio do qual a submissão da vida pela morte está legitimada. Para Mbembe, a necropolítica não se dá apenas pela instrumentalização da vida, mas também pela destruição de corpos.

entregadores, motoristas de ônibus, seguranças, estratos mais baixos da pirâmide social —, que tiveram de enfrentar o dobro do risco de infecção comparativamente a pessoas mais ricas, segundo resultado prévio do estudo Epicovid-19 BR, realizado em 133 cidades brasileiras.

O contágio da doença, impulsionado pela falta de direito ao isolamento, ou de espaço domiciliar para o distanciamento, irmana-se às condições de trabalho que colocam pessoas mais pobres na linha de frente. Essa é a primeira questão que me atravessa: a desigualdade social, a morte, a fome e o desemprego me circunvizinham e, por isso, a prática da mediação cultural tem, para mim, um sentido para além da institucionalidade. Ela está atrelada à minha realidade.

#### UMA AÇÃO LONGITUDINAL

As plantas, crescendo em batentes de janelas, frestas de muros, em vegetais esquecidos na geladeira, em hortas comunitárias e nos cantos das casas tomaram, de forma silenciosa, as vidas das pessoas durante o distanciamento social. Movimento curioso, que parece remeter ao que Edward Wilson chamou de “biophilia”, conceito que explora a ideia de uma atração natural entre humanos e natureza. As plantas nascem no Programa Educativa como tema diretamente relacionado à pandemia, já que é no desequilíbrio ambiental, no afastamento da ideia de pertencimento à natureza que seres humanos, nós, a destruimos. Pandemias, endemias, enchentes, nuvens de poeira, secas e queimadas produzem noites em pleno meio-dia no Brasil, ao tocarmos a terra como donos e não como parte dela, interferindo em seu ecossistema.

Acompanhando o aumento da presença das plantas nas vidas, a aproximação com uma escola focada na natureza aparece sintonizada com nossos desejos em dialogar com os territórios e espaços educativos. Localizada a 50 km do Museu Nacional da República (MuN), a EPNBraz tem como principais campos epistemológicos a educação ambiental e patrimonial, bebendo de questões levantadas pelo território de Brazlândia, cidade marcada pela cultura da agricultura familiar e por manifestações culturais, entre elas a Festa do Morango, a mais popular.

Os projetos realizados pela escola estão voltados para a construção de laços afetivos com a terra e com a cidade. O domínio que as crianças têm sobre sua realidade social é notório e foi transformado em episódio na *Rádio Edu-*

*cativa*, ação do projeto voltada para o que foi chamado de “mediação por ondas sonoras”, que produziu conversas com professores, crianças e equipe do programa, visando espraizar os processos pedagógicos envolvidos na colaboração. As crianças conversaram sobre proteção à natureza, nos ensinaram a plantar, compartilharam suas vivências com animais e seus sentimentos relacionados ao retorno presencial das aulas e à pandemia. A consciência crítica a respeito da cidade em que se vive e a relação de cuidado com a natureza e de pertencimento a ela são frutos de ações entre a comunidade e a escola, que buscaram sintonia, tentando afetar, de forma positiva, a comunidade.

A relação com a escola, no projeto, foi planejada para que ocorresse de forma longitudinal. Entre fevereiro e outubro de 2021, em encontros online, presenciais e em trocas via WhatsApp, produzimos diálogos por meio de formações pedagógicas voltadas para reflexões a respeito da construção de um material educativo que confluísse trabalhos do acervo do MuN e trabalhos realizados pelas crianças da escola. A partir disso, fomos delineando algo que invade a fronteira da mediação cultural, assim como da educação ambiental. Produzimos uma superfície de contato para refletirmos sobre mediação cultural, educação, natureza, arte, patrimônio, pandemia. Orientadas pelo desejo de concretização do Material Educativa, conversas foram estabelecidas com Alejandro Cevallos, Mercedes Bustamante e Léa Tiriba.

O encontro entre Programa Educativa e EPNBraz, refletiu na práxis educativa da escola, segue relato da coordenadora pedagógica da EPNBraz, Mirelle:

[...] eu gostaria de agradecer o convite, a parceria e o compromisso da Educativa Museu Nacional com a EPNBraz. É uma parceria muito significativa, tanto para nós quanto para os estudantes, na construção coletiva de ideias e na construção do sujeito como pesquisador, e acredito que seja muito importante no processo de ensino e aprendizagem.

Este relato foi compartilhado na conversa pública de apresentação do Material Educativa e da ação *Cartas para adiar o fim do mundo*, em que recebemos pessoas interessadas em levar as reflexões levantadas no encontro para seus respectivos espaços de atuação.

Assumimos o objetivo de pensar *com*, de co-laborar, em seu sentido primeiro: “co” = “com”, + “laborar” = “trabalhar”; isto é, trabalhar com, trabalhar junto. Estabelecemos entre a EPNBraz e o Programa Educativa uma rede de diálogo, trabalho e afeto. Museu e escola, espaços com atuações profissionais distintas, quando juntos, parecem nos convidar a nos despirmos do comum, a nos distanciarmos de lugares automatizados e estranhá-los. Agora, com o terreno afofado, gostaria de compartilhar as perguntas a seguir, que foram verbalizadas de diferentes formas nos encontros formativos entre a Equipe Educativa e a EPNBraz. Elas me acompanham e parecem dar pistas sobre quais caminhos percorrer antes da reflexão sobre os resultados do encontro entre mediação cultural e educação ambiental:

- O que é (e o que não é) educação ambiental?
- O que é a mediação cultural?

Sobre elas, me debruçarei reflexivamente nas próximas duas seções.

#### (DES)EDUCAÇÃO AMBIENTAL

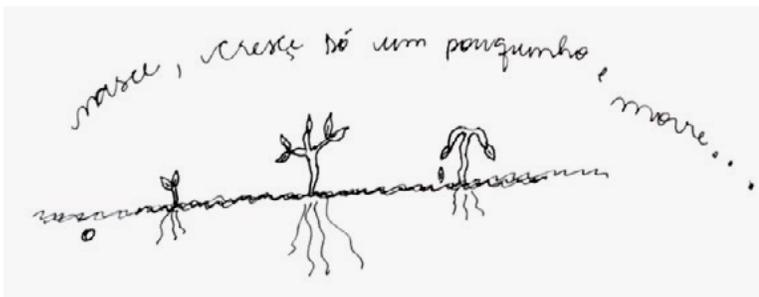


Imagem 1: (des)educação ambiental. Fonte: Geovana Freitas

Para falar da educação, começo com um relato pessoal de infância que representa um contraste e Para falar de educação, começo com um relato pessoal de infância que representa um contraste em relação ao que não deveria (ou não deve) ser a educação ambiental. Quando pequenininha, amava ir à escola e me lembro da experiência de destrinchar os livros didáticos de ciências assim que os recebia. Eu

amava olhar as ilustrações, os experimentos que eu faria nas aulas, ilustrações de partes do corpo humano, fotografias de animais peçonhentos... Olhava o livro uma, duas, em algumas ocasiões três vezes, página por página. Em contraste com esta animação, não me recordo das aulas, à exceção das aulas de plantio de grãos de feijão. Me lembro de plantá-las com a única orientação de manter o algodão úmido, o que permitiria manter a muda viva para acompanhar seu desenvolvimento.

O grãozinho se tornava mudinha, que se tornava plantinha, que morria ali mesmo, no algodão. Sem mais objetivos de vida.

De que forma esta experiência mexeu com a minha relação com as plantas? Me fazendo acreditar que não tinha “mão para plantas”. Só mais tarde tomei coragem de voltar a olhar para as plantas como minhas amigas. Hoje, a educação ambiental crítica busca nos (des)educar de exemplos como este, do que não pode (nem deve) ser a educação ambiental. Esta não deve mais ser reduzida ao ensino de conteúdos e conhecimentos biológicos, à pura transmissão de condutas “ecologicamente corretas”, ou à sensibilização individual e baseada na moral. Frases como “É feio jogar lixo na rua” ou “Não pode maltratar os animais!”, muitas vezes, não vêm seguidas de explicações de seus porquês.

Questões sociais, étnicas, políticas e econômicas e a admissão do ato educativo como postura que exige pôr a “mão na massa” é uma demanda tanto da mediação cultural como da educação ambiental crítica. Ambas exigem conhecimento de posições situadas (que não são neutras) na estrutura econômica e social, além das especificidades de cultura, de raça e de gênero que ocupamos.

No processo de formação e mediação nas ações propostas pelo Programa, os temas meio ambiente, natureza, plantas e ecologia demandaram leituras, reflexões, pesquisas e consultoria constante de pessoas especializadas na área. A mediadora Priscila Castro, formada em Gestão Ambiental, foi figura essencial nos processos de reflexão e partilha de referências, trazendo-nos informações técnicas e experiências educativas e reflexivas e nos guiando, em muitos momentos, em matas densas de dúvidas.

Nesse processo, me chamou atenção o movimento em busca do tornar-se “adultos-adubos”, que, na definição de Ailton Krenak, é a vocação daqueles que se propõem às

ações de transformação relativamente à natureza. Essa perspectiva nos desloca como indivíduos e como educadores. Como indivíduos, desloca-nos ao nos convocar para a ação, para o “mexer a terra”, para além da teoria. Como educadores, desloca-nos ao questionar a educação antropocêntrica, que chancela o domínio pelos humanos do que há na terra. Foi interessante observar como os textos, as conversas, os encontros, os webinários e as referências trocadas internamente e com interlocutores nos mobilizaram, nos sensibilizaram, nos verdejaram e nos reflorestaram um pouquinho, a ponto de, muito frequentemente, compartilharmos situações de redescobertas: “Passei a observar as árvores do meu bairro”, “Conheci uma Caliandra!”, “Plantei aqui, espero que vingue!”

Ter contato e oportunidade de colaborar para uma pedagogia emancipadora como a proposta pela EPNBraz foi um esperar em tempos sombrios. Presenciar o poder (e o amor) transformativo, em ações feitas no e para o território, levou-nos ao encontro da Coletiva Filhas da Terra, um coletivo de mulheres negras da cidade de Sol Nascente, no Distrito Federal.

Em colaboração, criamos outro material educativo, cujo tema dialoga com questões que dizem respeito ao território de Ceilândia, em que passa um rio que corta o DF, o Brasil e finalmente descansa na Argentina. Melchior ou Belchior, este rio latino-americano levanta questões sobre racismo ambiental, corporificando a negação de espaços verdes às cidades periféricas. O descaso do poder público atua de forma conivente com a poluição deste rio, que tem recebido, por anos, despejo de poluentes.

Como mediadora cultural e educadora popular, pensar o meio ambiente como agente, e não como tema, amplia minha percepção de atuação, de poder, de força comunitária e de luta por emancipação. Não é mais possível dissociar o direito à educação do direito à natureza.

**MEDIAÇÃO TEM QUE SER TERRA BOA PARA PLANTAR**  
A mediação cultural é conhecida pela atuação de educadores dentro de uma instituição cultural (muitas vezes demandada a facilitar sentidos de outras instâncias do campo da arte), apoiada, com frequência, na exigência de presença física de algo ou alguém. Mas, o que acontece quando ela é “suspensa” para o online do ponto de vista de quem medeia? Quando seu interlocutor passa a ser representado por uma foto ou um @ do Instagram? Houve, nesse processo de virada, instabilidades, umas positivas, outras negativas, mas também momentos catalisadores de potencialização da educação ambiental e da mediação cultural:

- transferência de formas de mediação próprias da pré-pandemia para o formato virtual;
- expansão dos limites físicos do museu;
- aumento da demanda pelo domínio de ferramentas digitais, como salas de reuniões e documentos na nuvem;
- sensação de invisibilidade em relação aos públicos;
- questionamento crítico e urgentíssimo a respeito da função social das instituições culturais e da mediação cultural;
- diminuição da sensação de companheirismo e coletividade, uma vez que cada pessoa está fisicamente em um ponto geográfico;
- redução dos momentos de ócio criativo que ocorrem presencialmente, em que a alternância entre exposições, tempo para leituras livres ou pausa para um café aconteciam.

Se, por um lado, a pandemia trouxe uma série de desafios para o campo da mediação cultural, por outro antecipou e intimou o campo a assumir sua prática e chamado: a viabilização de mudanças nas regras do jogo social, competência atribuída por Jean-Marie Lafortune (2016) à mediação.

A pandemia ocasionou, em razão do imediato fechamento físico das instituições, o aceleração de ações que há muito tempo vêm sendo ensaiadas por museus e centros culturais, tais como a digitalização de acervos, a necessidade de se discutir ampliação de perfis de públicos e a extensão de temas tratados pelas instituições culturais, em conexão com os territórios. Nesses termos, a junção entre os campos da educação ambiental e da mediação cultural no

Programa Educativa não só ampliou os campos de discussão e atuação do museu, como também possibilitou reflexões sobre a prática social, em contato direto e indireto com estudantes da rede pública. Possibilitou também a produção de uma série de recursos como rádio, conversas com artistas, educadores e pesquisadores por meio de webinários, pesquisa entre mediadores do programa, estudantes, professores e públicos.

Ao unir mediação cultural e educação ambiental, buscamos por respostas e direcionamentos para uma existência que reconheça a natureza como ente que jardina, inspira, alimenta, acalma e cura. É por meio dela que se realiza tudo o que existe no mundo. Descobrimos também que mediação não é só semente. Ela também precisa se fazer terra, enquanto organismo vivo, penetrável para acolher questões sociais, comunicar com os diversos atores e questionar e sermos questionadas(os) sobre práticas sociais.

#### **Geovana Freitas**

Mediadora – Educativa Museu Nacional

## REFERÊNCIAS

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) — Relatório do Distrito Federal.** Brasília, 2019. Disponível em: <<https://bitly.com/RvjRWI>>. Acesso em 20 nov. 2021.

CNN. **Economia não pode parar por causa do novo coronavírus, diz Bolsonaro.** São Paulo, 20 de março de 2020. Disponível em: <https://bitly.com/y3B3wM>. Acesso em 20 nov. 2021.

FAPESP. **Inquérito nacional indica que há várias epidemias de COVID-19 em curso no país.** Agência Fapesp. São Paulo, 27 de maio de 2021. Disponível em: <<https://bitly.com/BYXrAz>>. Acesso em 20 nov. 2021.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Informe epidemiológico nº 164.** Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Brasília. Disponível em: <<https://bitly.com/OJM4EA>>. Acesso em 20 nov. 2021.

HONORATO, Cayo. **Mediação como [prática documental] — textos, entrevistas e projetos.** Disponível em: <<https://bitly.com/zYsVUw>>. Acesso em 20 nov. 2021.

LAFORTUNE, Jean Marie. **Da mediação à mediação: o jogo duplo do poder cultural em animação.** Periódico Permanente, São Paulo, v. 7, n. 6, março, 2016. Disponível em: <<https://bitly.com/4DS1wS>>. Acesso em 20 nov. 2021.

RODA VIVA. **Silvio Almeida explica o conceito de necropolítica.** YouTube, 22 de junho de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/Dykkb5aCszk>>.

# CONTATOS COM UM ACERVO RECORTADO

O convite da coordenação do Programa Educativa propôs uma expedição inusitada, que exploraria as plantas existentes em um acervo museológico de arte. Esse convite foi feito posteriormente às definições que a equipe, formada cinco meses antes, já havia elaborado para o entendimento inicial do trabalho. E, em realidade, se tornou um experimento muito singular de aprendizagem e observação simultâneas, tanto para entender como se construíram as lógicas que amarravam o recorte — que propunha uma apresentação do acervo a partir de e com as plantas — quanto para entender o que diferentes olhares, de um grupo tão multidisciplinar, trariam para a percepção das obras.

Esse exercício duplo de observação foi realmente importante para entender cada proposta de produção de conteúdo a partir do contexto, da formação e da valorização de significados para cada membro da equipe Educativa. Consequentemente, também foi importante para perceber o impacto possível e as participações dos públicos que esse cenário traria. Associar/sugerir obra e interpretação, esperando que as mediadoras olhassem por si próprias o que era possível, garantiu maneiras muito variadas de imaginar a ação de compreensão e apresentação de obras de arte.

A partir desse contexto, esse desafio duplo se apresentou para a elaboração da presente pesquisa de entendimento dos diferentes olhares sobre o acervo e as lógicas escolhidas para apresentar e conversar tanto com plantas quanto com os públicos. Em primeiro lugar, escolheu-se o recorte temático para entender e explorar as obras de arte que compunham a coleção deste museu. Em segundo, a tarefa do trabalho de mediação, que, sem uma exposição, deveria nortear uma conversa entre públicos e recorte (plantas/vegetais nas obras do museu), com ações educativas, mais especificamente, tratando da ação *Ver de perto*, sem que a perspectiva da própria equipe se sobressaísse às experiências do público, e que abarcasse ainda diferentes formas/olhares sobre o processo.

## O QUE ERA O RECORTE?

Assim, a partir de uma reformulação do projeto pela equipe orientadora e idealizadora, que considerou a nova realidade de trabalho e a ação mediativa em razão da pandemia de Covid-19, um recorte vegetal foi definido por ser entendido como um mote temático que unificaria e democratizaria formas, saberes e realidades dos públicos. Foram 250 plantas, jardins, frutas, alimentos, paisagens, fotografias, cenas campestres, naturezas-mortas ou outras tipologias/gêneros que surgiram para efetivamente percebermos como parte de um conjunto de obras-plantas de arte neste acervo.

Como essas imagens, especificamente, foram selecionadas? Quais elementos se constituíram importantes? As principais perspectivas de entendimento desta inusitada seleção foram desenvolvidas por uma escolha essencialmente conceitual, mais que estética, pois não se preocupou com recortes cronológicos ou com técnicas e escolas, mas sim com um fruto de trabalho imaginativo e temático.

Embora as primeiras “incursões” sobre o acervo verdadeiramente se propusessem a olhar o todo com uma “mente aberta”, indiscriminadamente a estilos, técnicas e materialidade, elas tenham trazido principalmente, proposições de compreensão temática. No entanto, inicialmente, estilos tradicionais da pintura, por exemplo, o gênero de natureza-morta, não haviam ainda sido utilizados como influência para demais ações — algo que foi resgatado no desenvolvimento da ação mediativa *Ver de perto*.

Dessa forma, a compreensão temática foi escolhida, sendo ela uma janela consolidada e tradicional daquilo que se entende como ferramenta para se abordar um acervo. O olhar criativo “fértil” deste recorte, que teve um razoável campo para sua abordagem dentro do acervo, foi muito estruturado em eixos temáticos. Essas são ferramentas já muito trabalhadas por historiadores da arte e curadores, por exemplo, quando estes abordam obras cujas respectivas temporalidades são distantes uma da outra, ou quando as obras têm técnicas muito diferenciadas, ou ainda quando não parecem se relacionar de forma explícita. Em tais casos, temas e conceitos gerais são de fato um método recorrente na historiografia de arte.

Quanto às obras com plantas que presentes na coleção, com cerca de 250 objetos, cinco foram as formas de identificação: planta como ausência, planta como ideia, planta como

material, planta como programa e planta como representação. (Para mais informações ver página 35)

Segundo a equipe que iniciou a pesquisa, não foi possível perceber a categoria “programa” na seleção de obras durante o desenvolvimento da primeira incursão pelo acervo. Isso demonstra que foram conceitos delimitados previamente ao contato de fato com os objetos, e que seriam comprovados, observados e retrabalhados na medida em que as ações de contato com o acervo fossem desenvolvidas. Além desses elementos, em um segundo momento da pesquisa no acervo, três eixos temáticos principais foram construídos pela equipe Educativa, que iniciou a pesquisa sobre planta e sociedade, planta e indivíduo e ecossujeitividade.

Ainda sobre esses três eixos, o primeiro abordou obras que mostram plantas em contato com cidades, comunidades, que evidenciam uma preocupação coletiva, muitas vezes paisagística, científica e arquitetônica, até mesmo espiritual; o segundo abordou obras que exploram a relação entre a afetividade e o olhar pessoal, relações com o corpo, a memória, a sensorialidade, entre outras características; o terceiro tópicu voltou-se para um protagonismo vegetal, em que o ser retratado é também entendido como parte ativa da relação e da produção artística.

Todos os três eixos organizavam-se ainda em pequenas divisões internas. Essas eram categorizadas por elementos como comunidade e território, afetividade, paisagens, instrumentalização da natureza, arquitetura das florestas e uma diversidade de subtemas que se apresentariam pelos objetos e que seriam abordados por cada mediadora, dentro de sua área de interesse e de cada ficha de contato com o acervo, a ser detalhada mais adiante.

Esse panorama de divisões, categorias e temáticas já havia sido estabelecido e constituiu-se como a principal lógica narrativa de apresentação dos objetos de arte. Isso abriu a porta para o recorte (plantas/vegetais no acervo), e o desenvolvimento de demais ações do trabalho de mediação partiram, conseqüentemente, pela lógica, dessas concepções, na tentativa de aproveitar o quadro temático e o quadro de interesse que já estava apresentado. Colocar questões para as demais mediadoras, fazê-las enxergar possíveis novos significados associando recorte, discurso e apresentação foi uma das principais ferramentas para valorizar esses temas e produzir as fichas de contato.

## O ESPAÇO DAS OBRAS E O TERRENO PARA AÇÕES DE MEDIAÇÃO

O exercício de análise partiu de três primeiros pontos de contato. Em um primeiro momento, o contato a distância com as imagens do acervo, em decorrência do contexto de pandemia no DF e do encerramento de atividades presenciais nos museus, foi o método para encontrar formas de abordagem. Primeiramente, foram disponibilizadas imagens e tabelas em baixa resolução, após a escolha de cada mediadora (a partir do interesse pessoal); depois, foi possível uma nova seleção de imagens, já com melhor visualização. A partir disso, foi realizada uma nova visita para conferir as imagens que mais interessaram a equipe no desdobramento das pesquisas e das ações mediativas.

Em um segundo momento, fizemos uma análise direta sobre os objetos do acervo, a partir de uma metodologia dinâmica e integrada de entendimento da história da arte com um trabalho mais específico de Análise Iconográfica, como ensina Erwin Panofsky.

Em um terceiro momento, optou-se por confeccionar um objeto que consolidasse essa análise e, ao mesmo tempo, possibilitasse a produção de diferentes materiais para o exercício da mediação: as fichas de contato com o acervo, que são essencialmente uma base para desenvolver recursos. Elas serviram para a elaboração de roteiros de vídeos, de curtas, episódios para a Rádio Educativa, posts em redes sociais, entre outros.

1. Contato com o objeto - TÍTULO: Corpo e paisagem - sensorial e imaginário



Jovem Sorridente com bandeja de frutas  
Ralph Gehre, SD.



Nômade's  
Laura Lima. 2007-2009.

Imagem 1 - Exemplo de como era dividida e apresentada a ficha

A ficha produzida estabelecia os seguintes campos:

#### 1) CONTATO COM O OBJETO

Trata-se de um registro em imagem das obras trabalhadas em cada tema. Deveria ser disponibilizado na melhor qualidade possível para que a imagem pudesse ser observada e analisada por uma dupla de mediadoras durante o processo de elaboração de cada uma das fichas. Também serviria como ponto de referência visual para os demais campos, principalmente para que facilitasse o trabalho de cada pessoa que quisesse ter acesso ao objeto; caso contrário, as mediadoras teriam de acessar planilhas e pastas para consultar a obra, o que poderia gerar confusões no processo de preenchimento das fichas. Não havia de fato preocupações com uma possível alteração em sua conceituação, fosse por ser uma reprodução, fosse por ser a própria obra, já que, até aquele momento, essa imagem era para trabalho interno, que seria posteriormente desenvolvido.

#### 2) TEXTO DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste campo se desenvolveu uma pequena parte da descrição iconográfica de cada imagem e, ao mesmo tempo, uma breve definição de motivações e conceitos que elencariam a temática que poderia ser desenvolvida a partir da obra. Novamente surge uma compreensão da lógica temática, apesar de as fichas apresentarem características intrínsecas, extrínsecas e pictóricas dos objetos.

A exemplo da imagem 1, da ficha de trabalho para as obras de Ralph Gehre e Laura Lima. Por uma escolha da mediação, estabeleceu-se uma compreensão temática em que é possível identificar imaginário, visão e sensorialidade como formas de vivenciar a natureza. Esta abordagem permitia a associação e a descrição de cada objeto, dentro de um contexto bem estabelecido e em contato direto com as abordagens de interesse para cada mediadora.

#### 3) ASSOCIAÇÕES

No campo das associações, ocorria o processo de interpretação e desenvolvimento de relações mais abrangentes entre o objeto especificado na ficha e outros elementos. Em sua grande maioria, esses elementos consistiam em características da vida cotidiana, referências teóricas para a compreensão do trabalho, comparações com outras obras de arte. É interessante notar que também a interdisciplinaridade se colocava de modo mais amplo, envolvendo os diferentes olhares das mediadoras. Muitas das fichas abordaram questões da biologia (principalmente da ecologia), da arquitetura, da história, das artes, da antropologia, da música, da literatura, entre outras áreas.

#### 4) QUESTÕES

Este foi, provavelmente, o campo mais complexo e que mais vezes foi retrabalhado em toda as fichas para a ação *Ver de perto*. Um dos pilares do projeto visava uma metodologia específica de elaboração e recepção de questões em relação à mediação. Tratava-se de quatro perguntas fundamentais, que deveriam nortear a relevância e a realização de outras perguntas:

1. Quais perguntas são para nós, educativo e museu?
2. Quais perguntas não podemos responder sozinhos?
3. Quais perguntas nós só poderemos responder com os públicos?

4. De que modo elas também são perguntas para os públicos?

(Programa Educativa, 2021)

Isso fez que as perguntas estabelecidas inicialmente pela equipe de mediação fossem mais afinadas, tornassem-se as que seguem disponíveis ao público no produto final de divulgação do trabalho e de captação de respostas. Na museologia, que tem como fundamento e até mesmo prática de gestão a realização de estudos de público, conceber questionários de campos abertos é a prática mais comum para se entender os públicos. Muito embora, na imensa maioria das instituições, esses questionários não sejam voltados para a escolha de uma temática ou para exposições, mas sim para áreas técnicas, administração, experiência de visita, eles podem ser utilizados como ferramenta essencial para o trabalho educativo.

Até o presente momento, para a ação *Ver de perto*, realizou-se o que a equipe identificou como rastros dos públicos alcançados, sem de fato planejar um formulário ativo, de campos abertos, com questionamentos diretos que estabelecessem percepções mais claras do que o observador poderia colocar, por exemplo, “Que tipo de perguntas você imagina que devemos fazer para as plantas?”, “Quais perguntas sobre a sua relação com a vegetação você considera relevantes?”. Esses exemplos não seriam, necessariamente, aquilo que traduziria um olhar museológico sobre a “abordagem das quatro perguntas”, mas poderiam servir, se melhor elaborados, como um norte mais afinado e assertivo, na perspectiva museológica, que conjecturar internamente ao Programa e colocar em prática.

#### 5) PÚBLICOS INTERESSADOS

Inicialmente, a equipe de mediação responsável pela elaboração das fichas pensou que as perguntas levantadas poderiam ser destinadas a públicos específicos, tais como educadores, alunos de determinada faixa etária, entre outros. Desse modo, as perguntas iniciais, em cada ficha, tinham ainda uma relação de especificidade, que poderia ou não ser mantida. Para que uma melhor afinidade das questões com o público fosse mantida, a preocupação com a especificidade dos diversos públicos foi reestruturada, buscando por uma proximidade com os grupos que já haviam sido engajados e estavam envolvidos com as ações do projeto.

#### 6) EIXOS TEMÁTICOS EM CONTATO COM O OBJETO

No sexto campo, foram inseridos categorias e eixos temáticos com os quais cada mediadora imaginava que a obra de arte tivesse maior contato. A exemplo do que seriam tags, ou termos descritores de metadados para catalogações, caso houvesse alguma ferramenta desta natureza, eles poderiam servir também como um recurso de pesquisa e como em um “tesouro” da ação *Ver de perto*, em que:

- os eixos temáticos seriam termos genéricos, por exemplo, “Planta e Sociedade”, “Planta e Indivíduo”;
- os subtemas seriam termos específicos, por exemplo, “Território” e “Trabalho na terra”.

#### 7) REFERÊNCIAS

Muitas vezes a elaboração das fichas levava a pesquisas específicas, que exigiam leitura e trabalho de referências mais elaboradas, com profunda interdisciplinaridade, e a publicações que então eram referenciadas ao final de cada objeto.

As fichas foram uma proposta de abordagem ampla dos objetos de arte do acervo do museu. Houve apenas dois casos em que elas também se relacionaram com obras de fora do acervo. A produção de materiais para o projeto contava com o olhar de cada mediadora que entrou em contato direto com os objetos, considerando suas próprias questões, perspectivas e análises dos aspectos com que mais se identificavam em relação à temática do trabalho. Servindo como esqueleto para quaisquer outras demandas de produção de conteúdo que viessem a surgir, como citado anteriormente, essas fichas permitiriam o desenvolvimento de diferentes recursos para apresentar o trabalho de mediação, tais como: postagens em redes sociais, roteiro para possíveis debates, pranchas de mediação, exemplo de trabalho interpretativo.

Para a presente pesquisa, as fichas elaboradas foram usadas como recurso para produção de conteúdo em redes sociais. Construíram-se, a partir delas, roteiros de interpretação das obras e, com eles, foram produzidos 13 vídeos com cerca de 90 segundos de duração, com narração e descrição de temáticas e objetos para as redes Instagram, YouTube e Facebook.

A escolha por vídeos se deu por três principais motivos. Em primeiro lugar, pelo fato de um dos objetivos do projeto ser a produção de curtas-metragens. Em segundo, por vídeos serem uma mídia mais interativa, não tão estática como posts de divulgação, com imagens ou carrossel de fotos. Em terceiro lugar, pelas alterações nos algoritmos de destaque do Instagram, que, desde o início do ano de 2021, passou a dar mais visibilidade para postagem em formato de vídeos. Os cliques são colocados à frente de fotografias nos perfis, no que tange à ordem de visualização.

Outra preocupação que se fez presente foi o modo como o conteúdo era apresentado. Ele precisava ser acessível, de fácil compreensão e rápido, para que houvesse engajamento, isto é, participação ativa por meio das respostas dos públicos às perguntas levantadas.

Dessa maneira, nos vídeos havia uma estrutura mais simplificada, em que três principais pontos foram elaborados: breve descrição das obras que se apresentavam, contendo, no máximo, 3 a 4 linhas do roteiro; contextualização do trabalho frente à temática e ao cotidiano dos públicos, com 6 a 8 linhas, colocada como texto em parte do vídeo, acompanhando a narração; por fim, pergunta em encarte próprio e nos “Stories” do Instagram, a fim de obter respostas como maneira de abrir espaço a interpretações e realizar mediação das temáticas abordadas.

Além disso, cada postagem, em seu corpo, continha:

- um texto mais completo, com descrição e acessibilidade para pessoas com deficiência visual;
- um texto curto abordando brevemente o tema específico que era apresentado;
- uma contextualização breve sobre a ação como um todo.

O produto final contava então com três partes: um texto de mediação narrado, parte do vídeo; um vídeo propriamente dito, como objeto de apresentação; e um texto que acompanhava e contextualizava o trabalho.

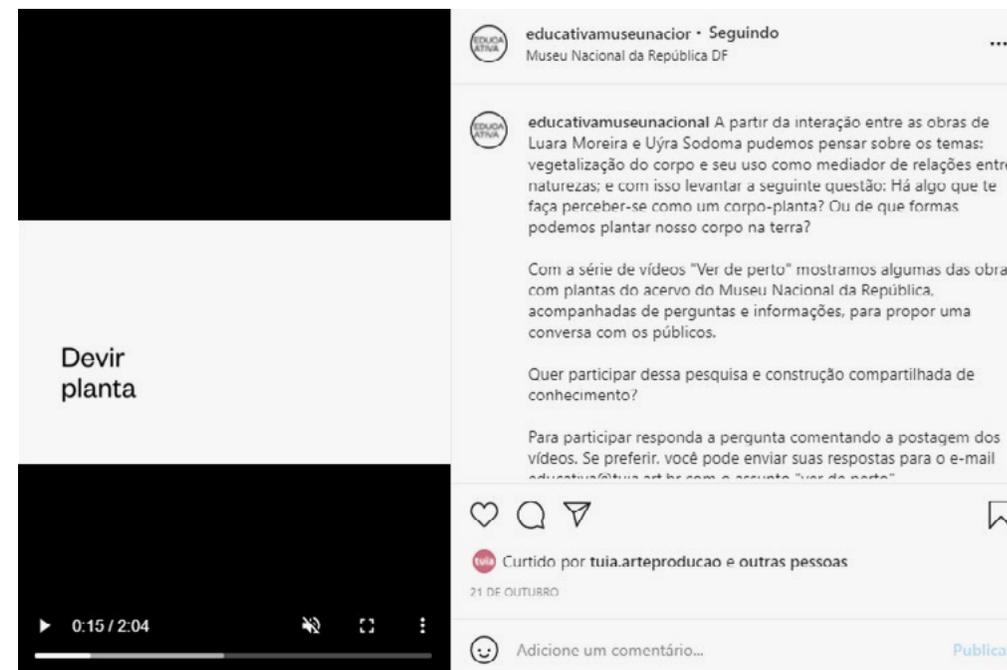


Imagem 2 - Postagem do vídeo, texto do post e detalhe com o tema

Cada um dos temas foi colocado a partir de um contexto de relações interdisciplinares, por cada um dos mediadores. Em alguns dos vídeos, foram trabalhadas temáticas de ecologia (como as relações entre as espécies e a produção de lixo); arte e educação (como a percepção individual sobre um objeto); botânica (como o entendimento do comportamento de plantas), entre outros, exigindo uma carga de leitura muito significativa para o trabalho como um todo, apesar de muitas das anotações e relações construídas por cada mediadora terem sido cortadas na versão final do produto, em virtude de tempo e da mídia selecionada. Uma efetiva pesquisa em conjunto foi realizada para a criação de cada roteiro. Livros, artigos e outras publicações como Atlas do Plástico, Criando Paisagens, Pequeno Guia da Botânica Modernista, Vozes Vegetais, Manual Herbário do INCT, *Taking Love Seriously in Human-Plant Relations in Mozambique*, *Habitat Selection and Human Aesthetic Responses to Flowers*, além de produções de autores pesquisados em outras ações do projeto, como Antônio “Nêgo” Bispo, Ana Tsing, Jorgge Menna-Barreto, Ailton Krenak, são só algumas

das várias referências usadas pela equipe ao longo do processo de leitura e produção das fichas.

#### OLHARES DO PÚBLICO PARA A AÇÃO *VER DE PERTO*

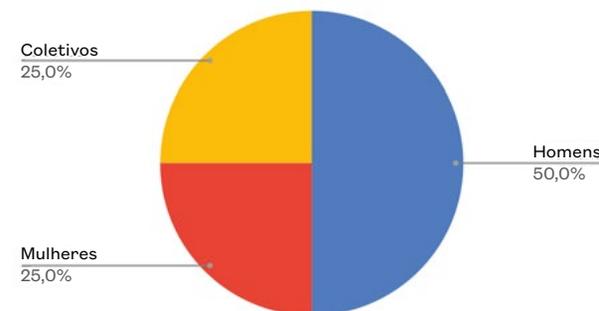
Após essa longa contextualização do terreno de preparação e de planejamento das bases para a ação, abre-se enfim espaço para o público. Com a seleção de obras e a produção da série encerradas, foi então publicada, com êxito e aos poucos, a série *Ver de perto — as plantas do Museu Nacional da República*.

A cada nova postagem, que tinha uma periodicidade de cerca de três postagens por semana, acompanhamos as respostas dos públicos por meio de uma sistematização, que possibilitou quantificar e planejar respostas para os engajamentos.

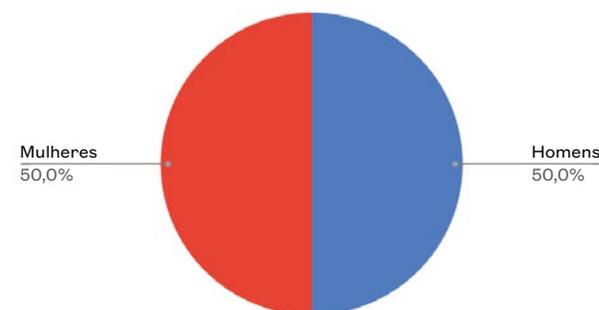
Ao todo, a ação obteve 18 respostas diretas dos públicos. Elas surgiram de duas maneiras específicas: como comentários nas postagens (seja pelo Instagram, seja pelo YouTube) e como respostas nas caixas de perguntas da ferramenta “stories”. Os tipos de respostas podem também ser divididos em duas categorias: 4 respostas objetivas “sim e não” e 14 respostas subjetivas.

Uma coisa chama a atenção: a forma como se dividem os gêneros na participação dos públicos. Os homens representam 50% das respostas, tanto objetivas quanto subjetivas. As mulheres, em contrapartida, tiveram uma participação subjetiva mais detalhada, produzindo relatos mais engajados e pessoais à medida que escreveram. As respostas de coletivos referem-se a contas de projetos sociais, comunitários, em que não se identifica um gênero propriamente dito.

Participação em respostas objetivas

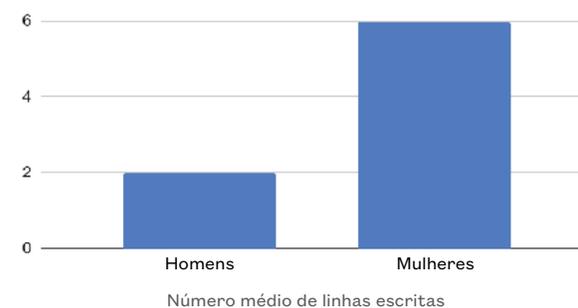


Participação em respostas subjetivas



Pelo caráter pessoal das perguntas, foram obtidos relatos que apontavam elementos da infância, histórias do cotidiano, percepções muito pessoais do ambiente, das plantas e das relações sociais que rodeiam cada uma das participações.

versus Número médio de linhas escritas



Para exemplificar algumas das participações e respostas coletadas, no vídeo com a temática “Espaço, vegetação e construção”, que relaciona os trabalhos dos artistas Stéphane Couturier e Anita Malfatti, a participante 1 respondeu à pergunta “Como você avalia a arborização e as áreas verdes no local onde mora?” da seguinte forma:

Nossos bairros devem ter mais cultivo de plantas e arborizações. Como vamos Respirar com tanto tóxicos no AR? No meu tempo em 1965 para as próximas décadas plantávamos muitas Árvores Frutíferas, Floríferas ou não, mas sempre plantávamos muitas árvores... Ecoporanga, Pancas, Colatina, vitória. Agora tiram as Árvores para Arranhaceus, túneis, Estradas. Tudo bem: é o Progresso. Porém não temos Saúde Respiratória!

A participante 2, ao responder à mesma pergunta, relata:

Aqui na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, ainda temos áreas arborizadas, resquícios de mata secundária, e algumas praças com propostas de reflorestamento. Porém, também temos aglomerados humanos, várias comunidades com infraestrutura precária e nenhuma arborização. São os grandes contrastes de uma cidade maravilhosa que foi urbanizada sem igualdade de oportunidades.

Nas duas participações, percebemos a descrição do cotidiano, a observação atenta dos problemas comunitários e do acesso ao verde. Apesar de serem de diferentes cidades do Brasil, ambas percebem uma mesma problemática, levantada pela ação de mediação.

Já o participante masculino com a resposta mais elaborada respondeu à pergunta do vídeo que apresentava a obra dos artistas Pedro Motta e Pedro Davi: “Você vê relações entre a monocultura e a fome?”

Eu enxergo na monocultura a desigualdade, pois a monocultura agrícola é uma monoculturalização mental. O monocultivo, por focar em uma cultura, cultiva a intolerância, logo a diversidade cultural é inibida.

Um outro participante, ao responder à mesma pergunta, disse:

A produção de monoculturas está atrelada ao mercado, sem intenção de sanar a fome.

Mais que responder à pergunta propriamente, eles fazem, como as mulheres, uma relação direta com causas e consequências do tema como problemática, para apreender a realidade que enxergam. Neste último caso, mostram que a monocultura não apenas prejudica o âmbito nutricional, alimentar, mas também se infiltra e planifica o pensamento; além disso, o monocultivo é corresponsável pela fome, como estratégia mercadológica.

Percebe-se um engajamento nas participações dos públicos. Essas respostas foram um dos principais elementos norteadores do processo de produção da ação. Alcançá-las desta forma demonstra que a qualidade do trabalho foi levada em consideração ao longo de todo o processo, em vez de focar na quantidade de visualizações.

A reformulação das questões para o público foi ponto-chave para que houvesse esse tipo de participação e de relatos coletados. Ainda que as respostas objetivas não fossem esperadas dessa maneira, elas serviram para demonstrar que as próprias perguntas possuíam uma abrangência que possibilita esse tipo de interação e serviram como indícios quantitativos de participação.

O “desafio duplo” a que nos referimos sobre o recorte já existente e a mediação no contexto de pandemia, sem contato direto com as obras, resolveu-se da maneira aqui exposta. A equipe atuou com muita atenção na conjuntura do trabalho realizado, com preocupação real com acessibilidade conceitual para que a mediação executasse um trabalho crítico, aberto e que fugisse dos moldes das ações educativas tradicionais do MuN.

**Matheus Furtado**

Mediador – Educativa Museu Nacional

# HISTÓRIAS PARA SUSPENDER O CÉU

## SOBRE OS INÍCIOS

Nem sempre está claro onde as coisas começam. Muito dessa percepção se deve ao fato de que raramente algo tem início num instante preciso, numa centelha que traça um muro impermeável entre o momento em que aquilo nunca havia existido, em nenhum grau ou variação, e o momento seguinte, em que a centelha se estabelece e queima suas primeiras moléculas de oxigênio, transformando o mundo à sua volta pela primeira vez. O mais comum é que os nascimentos das coisas sejam processos, que elas existam antes, mesmo que em partes, em fragmentos que carreguem outras formas da substância do que virá a ser. Afinal, na natureza, nada se cria, tudo se transforma. Mesmo o Big Bang é só o marco fundador do universo como o viemos a conhecer. Se toda a matéria estava concentrada em um único ponto, havemos de reconhecer a sua existência, mesmo que instável, ainda antes da explosão.

No caso deste relato, as coisas poderiam começar em muitas quartas-feiras diferentes. Talvez pudesse vir de uma noite de maio de 2021, em meio a diálogos inquietos com Ailton Krenak. Ou poderia partir da tarde em que experimentamos a dinâmica de uma oficina de escrita, restrita à equipe do programa, na intenção de investigar e testar as premissas da ação que estávamos desenvolvendo. Poderia até mesmo ser em uma outra noite de quarta-feira, mais de dois meses adiante daquela conversa desassossegada, quando nossa oficina de escrita recebeu os primeiros participantes da ação, produziu com eles, compartilhou de suas reflexões e inaugurou a fase aberta da ação *Cartas para adiar o fim do mundo*.

Nenhum desses momentos, no entanto, foi a opção que escolhemos tomar aqui como ponto de partida. Optamos, antes, por uma proposta mais ousada, que busca marcar o início deste relato não pela pesquisa e circunscrição do momento de origem absoluto da ação das cartas — o seu

Big Bang, por assim dizer. Compreendendo que o relato da ação e ação em si são experiências diferentes, decidimos começar pela composição de dois momentos distintos, mas que configuram, juntos, a pulsão de pesquisa por trás das *Cartas para adiar o fim do mundo*. O primeiro deles aconteceu antes mesmo que a ação fosse sequer sugerida nos nossos radares. O segundo, já depois que a ação estava lançada aos públicos que quisessem participar.

## OS INÍCIOS DO RELATO

Logo nos primeiros encontros do período de formação, em fevereiro, na inauguração das atividades do Programa Educativa, ao menos para a equipe de mediadoras, nós conversávamos sobre uma das proposições mais desafiadoras do projeto. Enquanto montava um diagrama na mesa diante de si, com a câmera do laptop apontada para o espaço vazio que ia preenchendo, Cayo Honorato traçava uma linha argumentativa que começava da pesquisa com as obras de arte do acervo do Museu e se estendia até a pesquisa com os públicos. Usando avatares que representavam cada uma das mediadoras da equipe, o próprio museu, a escola e os públicos, ele comentava o papel de cada um no tabuleiro, enquanto um barbante vermelho ia circulando todos os totens, materializando o que havia imaginado para o grande campo de pesquisa que seria o programa.

O desafio proposto consistia em desenvolver ações e esforços de pesquisa que buscassem não apenas ligar os dois extremos da coluna de mediadoras, mas também trabalhar pela apreensão de uma comunidade<sup>12</sup> que encontrasse seus laços na relação dos públicos com as plantas, durante a pandemia, e as obras de arte.

Ao longo dos meses seguintes, discutimos, em muitas oportunidades, sobre as maneiras possíveis de atender àquele chamado. Muitas ações incidiam nesse campo, mas a proposta que de fato era alimentada por essa pergunta de pesquisa, fundamentada por ela, não foi possível de se desenvolver como planejada. A ação da adoção de mudas,

---

12. “Estamos acostumados a pensar que a função da mediação é ligar arte e público ou, quem sabe, proporcionar uma troca de experiências entre arte e público; mas não que a mediação pudesse, como a amizade, coincidir com o momento em que acontece uma ‘comunidade’ dos que são meados pela experiência da arte.” (HONORATO, 2012, p.745)

transpassada pelo momento tenebroso de intensificação das dinâmicas da pandemia de Covid-19, precisou esperar, até ser considerada inaplicável e ser reconfigurada como adubo para outras ações.

Em fins de agosto, já com a chamada para as cartas publicizada nas redes do programa e realizada a oficina de escrita criativa com os participantes da ação, nossa equipe do Programa Educativa apresentava para a equipe do Museu Nacional da República, em mais uma reunião virtual, algumas das novas ações que vínhamos desenvolvendo naquele momento. Entre elas, estava a ação das *Cartas para adiar o fim do mundo*. Surgiu então uma pergunta que poderia ter sido prevista pela nossa equipe, mas sobre a qual não estávamos pensando explicitamente até aquele ponto: os públicos vão escrever cartas endereçadas a elementos da natureza, ótimo, mas o que isso tem a ver com as artes visuais?

Imediatamente, a imagem do diagrama apresentado nos primeiros dias de trabalho veio ao nosso socorro, dando suporte à elaboração de relações que, até ali, trazíamos como intuitivas. Na resposta, revelamos nosso interesse em promover e pesquisar as conexões entre diferentes subjetividades, que são também um ponto de partida do trabalho artístico, sua matéria-prima.

Em muitas tradições ameríndias, é fundamental a constante observação do movimento do céu. Quanto mais o povo se dissocia das demais vidas no planeta, mais baixo o céu vai ficando. Há muitos rituais, que as variadas etnias desenvolvem, com o propósito de evitar a queda do céu quando ele está já muito baixo. No caso do povo Krenak, últimos Botocudos do Leste, habitantes da margem esquerda do Rio Doce, em Minas Gerais, o *taru andé* acontece na entrada da primavera, e é basicamente com muitos cantos e muita dança que eles conseguem suspender o céu novamente, como nos conta Ailton Krenak:

Alguns povos têm um entendimento de que nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres. O meu povo, assim como outros parentes, tem essa tradição de suspender o céu. Quando ele fica muito perto da terra, há um tipo de humanidade que, por suas ex-

periências culturais, sente essa pressão. [...] Então, é preciso dançar e cantar para suspendê-lo, para que as mudanças referentes à saúde da Terra e de todos os seres aconteçam nessa passagem. Quando fazemos o *taru andé*, esse ritual, é a comunhão com a teia da vida que nos dá potência.

Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo, você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho. E as relações, os contatos tecidos no mundo dos sonhos continuavam tendo sentido depois de acordar. (KRENAK, 2020, p. 45-7)

O canto e a dança são algumas expressões desse tipo específico de beleza a que alguns de nós, seres humanos, nos últimos anos de nossa presença sobre a Terra, temos chamado de arte. Suspender o céu também é possível por outras formas de expressão, por meio de outras maneiras de fazer arte, como a contação de histórias. Se o fundamental para se impedir que o céu caia é buscar compreender o mundo, narrar o mundo, conectar e dar-se conta das conexões que as subjetividades estabelecem com o mundo, a produção cultural é um caminho privilegiado. Esta percepção sempre esteve por trás da energia da ação das cartas. A sua conexão com a arte começa na ideia de conectar e reconhecer subjetividades.

Minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. (KRENAK, 2019, p. 27)

Fosse em seu estágio intuitivo, fosse nos estágios mais avançados da ação, em que já o nomeávamos com mais clareza, nosso interesse de pesquisa por trás da ação das *Cartas para adiar o fim do mundo* sempre esteve relacionado com uma investigação das maneiras como se podem pensar os enunciados do mundo, com as formas de contar, sobretudo, a enorme parcela desse mundo que se relaciona com as plantas, mas também com os demais elementos não-humanos da natureza.

Assim, com algumas dessas reflexões já efervescendo, chegamos naquela noite de quarta-feira de maio para diálogos inquietos com Ailton Krenak, no webinário de abertura do nosso Ciclo Formativa. E é da inquietude da prosa, nossa, dele e do público que assistia, que surge uma provocação a pensar o que as gerações de hoje podem fazer, apartadas que estamos dos demais elementos da vida na natureza, segundo concordávamos ali. Não julgávamos possível uma radical transformação de costumes e filosofia capaz de fazer com que os adultos desconectados de hoje pudessem completar essa jornada de um giro cosmológico tão radical. Ailton nos incita então a imaginar experiências dialógicas e inspiradoras, a construí-las, inclusive pelo Programa Educativa e o Museu Nacional da República, por meio dos quais os corpos adultos de hoje pudessem se oferecer como adubo para que as gerações futuras possam florescer.

Foi daí que surgiu, nos dias seguintes ao webinário, a proposta da ação mediativa *artas para adiar o fim do mundo*. Ela é concebida a fim de cultivarmos uma terra fértil para as próximas gerações, de abrirmos um pouco mais os caminhos para as transformações que são necessárias na percepção de mundo e na forma de dialogar com ele. Inclusive na maneira de se colocar, de manejar e de interagir com a terra, para que as próximas gerações possam ter mais caminhos que a nossa geração encontrou. E assim sucessivamente, na expectativa de participarmos de uma transformação das coisas. A ação das cartas é a nossa forma de adubar.

#### DEPOIS DOS INÍCIOS, AS OFICINAS

Agora que tínhamos uma ideia, era necessário desenvolver os passos de sua aplicação. A adubação é um processo, não basta despejar o material (em nosso caso, a ideia e sua intenção) sobre um solo qualquer, de um jeito impensado. Há que revolver a terra, prepará-la, compreender suas características e necessidades, para que o adubo oferecido seja o adequado ao caso específico, escolhido entre a tamanha biodiversidade. Há que planejar.

Dessa forma, enquanto pensávamos de que maneiras poderíamos operacionalizar nossa ideia, ganhou espaço a vontade de fazer uma oficina de escrita com os públicos. Seria uma maneira de compartilhar as muitas reflexões que animavam nossos debates internos, de experimentá-las

para além dos nossos viveiros, testar no mundo algumas premissas, aprender com as incontáveis relações possíveis que só os participantes fariam, às quais não nos seria possível chegar sem a colaboração dessas pessoas e, claro, conhecer o quanto nossa terra estava disposta a ser adubada, e de que maneiras.

Se a oficina marcava um ponto importante na operacionalização da ação das *Cartas para adiar o fim do mundo*, operacionalizar a própria oficina também era um processo por si só. Tornou-se fundamental para nossa dinâmica, então, a preparação e a experimentação de uma versão-piloto da oficina de escrita. Uma versão desenvolvida apenas com, e para, a própria equipe, que nos permitisse não apenas afinar e ajustar as proposições e sugestões de colaboração que lançaríamos aos públicos, mas também conhecer o processo que estávamos estruturando para nossos interlocutores.

E assim aconteceu. Em uma tarde de quarta-feira, a equipe se reuniu em nossa habitual sala no Zoom para lançar a uma experiência de investigação coletiva das subjetividades que se encontravam no Programa Educativa. A estrutura da oficina se dividiu entre dois momentos principais. No primeiro, partimos de uma apresentação do que era uma oficina de escrita em geral, mas, mais importante, do que seria aquela oficina em particular, seus objetivos e pressupostos. Nos dedicamos então a debater as reflexões que tanto nos inquietavam, muito menos de forma a apresentá-las em uma construção lapidada e estruturada como resposta a qualquer questão, e muito mais em forma de perguntas, de pontas soltas a serem percorridas e investigadas também pelas nossas escritas.

A segunda parte da oficina era prática. Uma série de sugestões de exercícios foram apresentadas, para que cada participante escolhesse uma e escrevesse um parágrafo a partir da provocação que mais lhe tivesse tocado. Garantia-se um tempo de privacidade em que cada um mergulhava por alguns minutos em sua produção, de câmera e microfone fechados. Depois voltamos todos, nos alternando na leitura de nossos textos e comentando uns aos outros, à luz do debate que havia sido travado no momento anterior.

Ao fim do encontro, o combinado foi que nos voltaríamos cada um para a escrita de sua carta, animados pelas discussões e pela experimentação dos exercícios. Todas

as mediadoras escreveríamos, portanto, uma carta a um elemento não humano da natureza, exatamente nos moldes que propúnhamos na ação para os públicos. Essas cartas estariam hospedadas no site do Programa Educativa, com acesso livre, no intuito de funcionarem como apoio, referência e inspiração para todas as pessoas que quisessem fazer essa consulta ao desenvolverem suas próprias cartas.

No início dos trabalhos da equipe de mediação do programa, nós havíamos escolhido plantas que nos pudessem representar, como avatares. As escolhas se relacionavam de maneira livre com a própria personalidade da mediadora que escolhia, mas também com os eixos temáticos do programa e com a função que essa mediadora desempenhava. Foram essas plantas que nos representaram em várias das comunicações que preparamos, como o vídeo de apresentação da equipe do programa aos públicos, ou o vídeo de lançamento do nosso site, quando ficou pronto. Ficou combinado então que cada mediadora escreveria sua carta destinada à sua planta de representação.

O processo de escrita das cartas foi bastante revelador. Restou claro para todos nós que uma coisa é propor uma ação mediativa, pensar suas possíveis etapas, estruturar as conexões. Outra coisa é participar. Diante da tarefa de escrever, de transformar a página em branco em uma fruição comunicativa que conecta nosso íntimo com uma subjetividade tão radicalmente outra e inédita, nossas percepções variaram muito. As estratégias textuais que cada mediadora adotou foram diversas e cada uma propunha desafios particulares, desde a busca por performar uma escrita em lugar não humano até textos de metalinguagem comentando a própria penitência diante do desconhecimento e desatenção que a remetente cultivava em relação à sua destinatária até aquele exercício.

Muito discutimos sobre o quanto gostaríamos de induzir ou limitar a experiência dos públicos quando a ação fosse para a rua. Muito discutimos sobre a dimensão que havia de antropocentrismo e, por vezes, de antropomorfismo em relação aos destinatários, em algumas abordagens da escrita epistolar. Algo que nos preocupava era como nos esquivar dessas armadilhas. Trocamos experiências, conversamos sobre nossos processos individuais e assim sentimos que chegávamos cada vez mais perto de compreender e nomear a ação mediativa que queríamos propor. Voltamos

a nossas cartas depois disso para reescrevê-las. Só depois desse processo é que publicizamos o convite para a oficina de escrita com os públicos.

O encontro aconteceu na noite de 28 de julho, outra quarta-feira marcante para a ação *Cartas para adiar o fim do mundo*. As inscrições haviam terminado com dois dias de antecedência, por esgotarem-se as vagas, e a presença também foi alta. A estrutura da oficina foi a mesma da versão-piloto. Começamos falando sobre nosso objetivo com a oficina não ser ensinar as pessoas a “escreverem bem”, mas sim incentivar a criatividade que todos nós já temos, e, para isso, queríamos trabalhar com a diversidade, a irregularidade, o desvio e o susto. Nossa concepção de uma oficina criativa seria “a experiência corajosa de ir, com a bagagem mais íntima, ao encontro de outros que, por sua vez, trazem e partilham a sua própria intimidade” (ASSIS BRASIL, 2011).

Comentamos sobre as cinco habilidades primordiais para escrever: a imaginação, a memória, a observação, a leitura e a escrita. Destacamos que nos interessava conversar, sobretudo, a respeito das três primeiras. Buscamos fazer relações com o que os poderes de imaginar e observar, alinhados com a capacidade de acessar a memória para fazer associações, seriam capazes de nos inspirar, abastecer nossos esforços de escrita e de abertura de si para reconhecer e dialogar com as subjetividades de nossas destinatárias não humanas. Toda essa primeira parte da oficina está gravada e acessível em nosso canal no YouTube.

A segunda parte da oficina consistiu nos exercícios e não foi gravada. Optamos dessa maneira por entender que seria um momento mais íntimo, de partilha de memórias e sensações dos participantes. E estávamos corretos, foi nessa parte que a mágica começou a acontecer. A partir das sugestões e provocações que apresentamos em forma de exercícios de escrita, as pessoas participaram em massa. Escreveram, leram suas produções para o coletivo, comentaram as leituras dos companheiros e partilharam de suas intimidades. E dialogaram, sobretudo, conosco, programa Educativa, sobre suas percepções a respeito das formulações que discutimos e das formas que demos a elas. Abriram-se, enfim, não apenas para nosso esforço de pesquisa, mas também para a partilha de experiências, sensações, classificações e formas de compreender e estar no mundo.

O impacto que sentimos, ao ter contato com as pro-

duções dos públicos no momento da oficina, nos deixou perseguir aquele momento de comunidade entre os partidos ao meio pela experiência da arte. A leitura dos textos dos participantes estimulava, nos componentes da equipe do programa, associações com as obras do acervo do Museu Nacional da República com as quais vínhamos trabalhando. Havia casos de conexões quase imediatas, quase óbvias e, nas reuniões seguintes, identificamos que essas imagens surgiram para vários de nós.

Nós selecionamos, então, dois desses trechos (Texto de Karine Dull sobre a obra de José Antônio da Silva / Texto de Rosângela Guimarães sobre a obra de Anita Malfatti), gravamos nossa leitura dessas produções e a sobrepusemos às imagens das obras em vídeo, buscando dar também algum dinamismo na forma como o olhar da câmera percorria as pinturas, fazendo com que cada frase da narração apresentasse uma seção em particular da imagem.

Para nós, esses vídeos representam talvez momentos em que os enunciados do mundo são construídos no coletivo, nesse momento de comunidade entre os íntimos dos participantes da ação, da equipe do programa e das obras de arte, conectados em torno das suas relações com as plantas, em diferentes níveis. Tudo isso representado em uma plataforma digital.

#### FOMENTANDO NOVOS INÍCIOS

O Programa Educativa do Museu Nacional da República, entre suas várias ações, desenvolveu conteúdos e recursos educacionais online e gratuitos. Sempre atentos ao conceito de mediação como pesquisa e prática documentária, os materiais educativos foram desenvolvidos para serem compartilhados e experimentados em contextos educacionais diversos. No dia 31 de agosto, nós realizamos um encontro no Zoom com o intuito de apresentar para escolas, professoras, educadoras, pedagogas — e todas as pessoas interessadas — um desses materiais, produto dos nossos esforços de pesquisa-brincadeira com a Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz), o Material Educativa. Para mais informações sobre a pesquisa com a escola, ver página 40.

O intuito principal era oferecer e convidar as profissionais (e demais atoras) da educação a conhecer o material e experimentá-lo também em suas práticas educacionais.

Uma vez que o Material Educativa se apresentava como algo a ser adotado mais no contexto da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, nos pareceu que a ação das *Cartas para adiar o fim do mundo* poderia ser experimentada também no ensino médio e nos anos finais do ensino fundamental. Assim, nossa apresentação contemplou as duas ações, na perspectiva de ampliar o alcance de nosso diálogo com as redes de educação.

No caso da ação das cartas, pudemos contar com retornos muito importantes de duas professoras da rede pública, uma de Nova Iguaçu (RJ), e outra de Diamantina (MG), que nos escreveram dizendo que levaram a ação para suas salas de aula, dispondo-se a compartilhar conosco os resultados. Toda a experiência foi registrada em episódios da Rádio Educativa, dedicados à conversa que tivemos com as professoras, nos quais discutimos suas impressões a respeito da experimentação com seus alunos, com direito à leitura de algumas das cartas dos estudantes.

Foi especialmente interessante para nossa equipe perceber as particularidades que a ação assumiu em cada um dos diferentes contextos, o quanto as professoras e os estudantes se apropriaram do cerne de nossa proposta e a adaptaram de acordo com suas realidades e seus interesses. O caso suscitou, em nossas reflexões, a especulação a respeito de quantas experiências mais poderiam ter ocorrido sem que a notícia tenha chegado ao Programa Educativa, bem como quantas novas experiências podem ainda surgir inspiradas nas nossas proposições e nos relatos que produzimos da ação e daqueles desdobramentos que pudemos acessar.

#### NEM SEMPRE VAMOS ALÉM DO INÍCIO

No desenvolver da ação das cartas, entendemos que seria importante ampliá-la no sentido de buscar uma diversidade de públicos e de visões de mundo, estendendo nossa capacidade de diálogo a interlocutores que talvez se encontrassem em espectros bastante distintos das formas que estávamos propondo de pensar a natureza e se relacionar com ela. Parecia-nos muito importante conhecer e promover mediações entre diferentes percepções da natureza, por isso pensamos em uma parceria com uma instituição de ensino ligada ao agronegócio.

Para tanto, fizemos contato por e-mail e promovemos

uma conversa pelo Zoom para apresentar a ideia de uma possível parceria entre o Programa Educativa do Museu Nacional da República e essa instituição de ensino, com o objetivo de desenvolver a ação das *Cartas para adiar o fim do mundo*, em conjunto com os corpos docente e discente da instituição.

No dia 25 de agosto, conversamos então com o coordenador de educação a distância, o coordenador administrativo financeiro e a pessoa que cuida de ações de comunicação e relacionamento com os estudantes. Durante essa reunião, eles agradeceram o contato e a oportunidade de ofertar essa formação à comunidade acadêmica. Manifestaram também entender a parceria como uma atividade de extensão interessante e pertinente, que corroborava para o que trabalham nos cursos de graduação, de extensão e pós-graduação. Eles explicaram que a reunião visava entender como funcionaria a operacionalização da parceria e para explicarem o que é a instituição que representam, para que nós pudéssemos entender se era pertinente a parceria ou não.

Nós apresentamos o Programa Educativa, ressaltando a centralidade das plantas e da natureza para as ações com os públicos e apresentamos a ação das cartas, seus objetivos e como pensamos que ela se alinharia nessa possível parceria. Também apresentamos os pontos de diálogo entre a Educativa e a instituição de ensino do agronegócio.

Na sequência da conversa, eles nos apresentaram algumas perguntas que surgiam das preocupações em relação a uma possível parceria conosco. Questionaram qual seria o público da ação, e, ao respondermos que a ação estava aberta a todos que quisessem participar, indagaram se haveria algum tipo de mediação do material pela equipe do programa, pois eles se preocupavam com a possibilidade de que surgisse, nas cartas, um conteúdo que eles chamaram de político ou agressivo. Nossa ideia, como equipe do Programa Educativa, não era dar vazão a qualquer discurso preconceituoso. Havia, sim, a garantia de liberdade de expressão e pensamento a respeito do mundo, mas não para favorecer qualquer tipo de preconceito, e foi isso o que garantimos na resposta à pergunta.

O coordenador administrativo financeiro da instituição explicou, então, que a instituição tinha confluência com os objetivos da Educativa no sentido da preservação ambiental,

ressaltou que o curso de gestão do agronegócio se preocupava explicitamente em ensinar gestão de uma empresa rural que respeite as leis trabalhistas, ambientais, contábeis e administrativas. No entanto, ligada a uma entidade que representa os produtores rurais de todo o País, a instituição se preocupa em não alimentar a visão pejorativa que percebe em alguns discursos sociais, sobretudo aqueles que identificam no produtor rural um vilão nacional, responsável pela destruição da natureza. Sua preocupação mais direta era a da instituição, por conta dos termos firmados na parceria, se ver obrigada a participar da divulgação de um texto que reforçasse a narrativa que vilaniza os produtores rurais que a instituição representa.

Nesse sentido, ficou combinado que eles apresentariam a ideia para as instâncias superiores, inscreveriam a ação das cartas entre as atividades de extensão e investigariam a necessidade de assinatura de um termo para o nosso acordo que resguardasse os pontos que julgavam delicados. Nós garantimos que, para o Programa Educativa, não havia nenhum problema, e nos colocamos então à espera do retorno deles com uma primeira versão do acordo para prosseguirmos.

Após essa reunião, a equipe do programa Educativa aguardou e, mais tarde, voltou a buscar contato com a instituição de ensino ligada ao agronegócio. Nossas investidas nunca mais encontraram retorno, nem mesmo para declinar da parceria.

## O FINAL TEM SEMPRE A VER COM O INÍCIO

Os finais são formas de encontrar sentido na experiência.  
Sem finitude não há verdade. (PIGLIA, 2004, p. 100)

O fechamento da ação *Cartas para adiar o fim do mundo* começou com a leitura e uma espécie de fichamento de todas as dez cartas recebidas dos públicos do programa. Para nós, era importante catalogar, de cada uma das cartas, não só informações como quem eram as autoras e as destinatárias, claro, mas também os principais temas abordados em cada uma das correspondências, como esses temas se relacionavam com os eixos de pesquisa do Programa Educativa e que obras do acervo do Museu poderiam dialogar com cada um dos escritos. Foi importante também

ressaltar nessa catalogação a forma como cada carta havia sido escrita, uma vez que recebemos textos em uma grande diversidade de gêneros e propostas, desde cartas escritas em forma de acrósticos até mesmo obras em vídeo.

Vencida a etapa de fichamento, as informações destacadas nos serviram de guia para propor o cruzamento das cartas. Uma vez que a proposta da ação não era apenas que os públicos escrevessem cartas endereçadas a elementos não humanos da natureza, mas sim que trocassem essas cartas, era importante promover uma redistribuição desses textos. Nesse ponto, era preciso um equilíbrio, uma vez que não se tratava de apenas relacionar cartas que tivessem afinidades temáticas óbvias, sob o risco de limitar as possibilidades de relações surpreendentes, inesperadas. Mas também não era o caso de propor aleatoriamente os cruzamentos, pois era necessário garantir algum grau de interlocução entre as peças trocadas. A escolha de qual carta enviar a qual participante demandou, então, essa atenção especial.

Nós também destacamos um trecho de cada uma das cartas. Escolhemos aquelas passagens que mais tinham nos tocado, prendido a atenção, e recortamos como citações. Gravamos, nas diferentes vozes da equipe do programa, todos esses trechos e mesclamos o áudio das leituras às imagens das obras do acervo que havíamos relacionado com a carta de onde havíamos colhido aquele trecho em específico. Assim nasceu um **vídeo de encerramento**, com todos os trechos selecionados, lidos sobre as imagens de todas as obras que resgatamos. Enviamos esse vídeo para todos os participantes, junto com uma mensagem escrita que, além de agradecer a participação na ação, trazia um parágrafo escrito por nós, em que compartilhávamos, com a autora de cada carta, as reflexões que nos fizeram relacionar sua carta com aquela obra do acervo em particular.

Por último, a mensagem trazia, anexa, uma carta escrita por outro participante e o convite para que cada um, caso se sentisse à vontade ou com vontade, respondesse àquela correspondência. Assim, pensávamos oferecer uma segunda etapa da experiência de conexões entre as subjetividades humanas e não humanas envolvidas na troca de cartas. Primeiro, cada participante passou pela tarefa de escrever a algum elemento natural. Depois, teria a oportunidade de performar um outro elemento natural, ao responder como se fosse esse elemento a carta endereçada a si.

Como equipe, podemos dizer que fomos atravessados pela ação mediativa *Cartas para adiar o fim do mundo*. Nós oferecemos uma ação na qual estávamos diretamente implicados, propondo, desde o primeiro passo, botar em jogo a nossa função como programa educativo de museu de arte, mas o caminho pelo qual escolhemos talhar essa abertura foi a exposição de nossas individualidades.

O milho krahô é mais do que um organismo vivo, sua “cultura” é também um modo de vida, que entrelaça as histórias de vidas humanas, não humanas e de seus ambientes, não sendo possível traçar separações rígidas entre domínios naturais e culturais.

[...] os conhecimentos indígenas se articulam a uma verdadeira política cósmica, que, baseada na negociação com diversos seres e agencialidades, inspira novas formas de pensar, agir e de resistir aos “fins de mundos” característicos do nosso tempo. Nos cantos e histórias do milho *põhypej* ecoam as vozes de muitos seres que coabitam o Cerrado, e através de suas festas e cantorias os Krahô ajudam a manter a respiração e a vitalidade do seu universo. (LIMA, KRAHÔ & ALDÉ, 2020, p. 299-300)

Não apenas os tópicos de pesquisa que baseavam a nossa ação das cartas nos interessavam, mas a troca, o diálogo, a conexão também, uma vez que era com o íntimo de cada mediadora envolvida que a subjetividade dos participantes vinha conversar. Assim, pensamos novamente naquela nossa inspiração em ritos de comunidades indígenas preocupadas em suspender o céu por meio da beleza e da conexão de seus modos de vida à agência e aos saberes do mundo natural não humano, e pensamos que a ação das cartas pode, sim, ter nos ajudado, a todos, a adiar um pouquinho o fim deste mundo.

**Vitor Camargo de Melo**

Mediador – Educativa Museu Nacional

## REFERÊNCIAS

ASSIS BRASIL, Luiz Antônio. **Oficina literária: Escritor e ministrante de oficinas de produção de textos criativos, o professor Luiz Antonio de Assis Brasil faz uma reflexão sobre a pertinência dessas oficinas na escola.** 2011. Disponível em: <<http://www.ondajovem.com.br/acervo/18/oficina-literaria>>

HONORATO, Cayo. **Usos, sentidos e incidências da mediação/questões de vocabulário.** XXI Encontro Nacional da ANPAP. Rio de Janeiro, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Ana Gabriela Morim de; KRAHÔ, Creuza Prumkwyj & ALDÉ, Veronica. *Histórias e cantos do milho krahô: as muitas vozes do cerrado.* In: OLIVEIRA et al., Joana Cabral de. **Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.** São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

# UM BREVE ENSAIO SOBRE COMO ESCREVER "CERRADO"

Eu ainda não plantei as sementes que recebi no primeiro dia de trabalho.

Presente sofisticado.

Seria esse um bom final, né? Plantá-las.

Decidido o final, pensemos no começo.

Devo começar com uma imagem? Ou com uma planta? Começo pelas cobras desesperadas? Essa noite sonhei com elas.

Resolvido. Começo do meio da floresta. Ou melhor, do Cerrado. Estou em busca de rastros. Ouço sussurros, canções, risadas e dizeres. Sinto cheiros. Cheiro de mato, barulho de água.

Você sabe o que é Cerrado? Uma breve pesquisa em sites na internet me disseram isto:

A palavra Cerrado tem origem no Espanhol significando "fechado". Ela vem tentar traduzir a característica geral do bioma, de uma vegetação densa de arbustos e *gramíneas*, com árvores baixas e tortuosas que ali ocorrem. É um termo de múltiplos sentidos: além de nomear o bioma, também designa seus tipos de vegetação (...).

Legal, mas não é assim que eu percebo o Cerrado... Na verdade, pra mim, Cerrado é tudo o que cresce dentro da gente, que nem raiz profunda em busca de água.

O começo foi, sim, no meio do mato! Fomos a um dos viveiros da Novacap, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Adevalter foi nosso guia. Olhos e ouvidos atentos, uma pequena imersão na flora do Cerrado.

Os primeiros sussurros começam a ganhar forma de palavra.

Fomos muito bem recebidos pelo seu Adevalter, achei incrível conhecer o viveiro, pois dali saem as plantinhas que

embelezam a cidade e ele nos explicou o funcionamento de tudo e nos apresentou as pessoas envolvidas. O que mais me marcou foi ter conhecido as pessoas que trabalham lá e suas histórias de vida. É por conta do trabalho delas que a cidade fica florida e bela, e elas têm todo cuidado com a separação de cada semente e muda, tem umas que são tão miúdas, cada uma tem um ambiente certo de adaptação. Inclusive fomos numa área maior com as plantas na terra mesmo, era uma mata e bem próximo tinha um rio largo, a água corria forte, pois estava em época de chuva. (Memória de Priscilla sobre a visita ao viveiro.)

A meu ver, o viveiro parecia um grande jardim de infância de seres-plantas que um dia virão a crescer. É preciso uma imensidão de terra para hospedar tantas sementes e mudas. Ainda bem que tem muito Cerrado para acolhê-las. Me pego pensando sobre a extensão de solo que existe no planeta. Não chego a lugar nenhum, só fico perplexa mesmo. É muita terra. Dá pra fazer muita roça, como diria Antônio Bispo.

Outro pensamento me ocorre:

O que é preciso para aconchegar as sementes no chão vivo?

Esse chega em algum lugar.

Primeiro é preciso despertá-las!

Eu despertei quando deitei meu corpo no solo. Quando me rendi ao chão frio e escutei a respiração que brotava do que é mais profundo. Mas isso aqui não é apenas sobre mim.

Para despertar as sementes, a gente quebra a sua dormência, o que pode ser feito de diversos modos: escarificação manual com lixa, embebição em água, variação de temperatura, exposição a ácidos etc.

Ao escrever esse trecho, fiquei imaginando, com toda a licença, Ailton Krenak fazendo alguma metáfora sobre pandemia, dormência e humanidade. Talvez ele diria algo como “A humanidade está como semente adormecida, algo precisa quebrar essa dormência. Talvez a gente precise de uma exposição a ácidos para despertarmos.” E então ele iria. Mas, depois eu falo mais de Ailton.

Voltemos às sementes e à nossa visita à Novacap. Novacap é uma empresa do Distrito Federal que tem como missão assegurar a gestão das terras públicas de forma sustentável, com responsabilidade social, ambiental e econômica. A empresa faz toda a manutenção da vegetação em Brasília. Nós conhecemos o Seu Adevalter, que trabalha

lá desde sempre, o homem até já morou no viveiro. Ele nos apresentou os ambientes onde são preservadas as mudas com as espécies de plantas do Cerrado, nos mostrou as estufas, os lugares que abrigam as sementes e também árvores já plantadas e crescidas. Seu Adevalter parecia saber tudo sobre toda a flora do Cerrado. Até hoje fico meio passada com aquela quantidade de informações, ainda tô decantando esse dia. Das coisas mais bonitas que eu já vi na vida foi Seu Adevalter nos ensinando como plantar uma semente na terra. Eu vou tentar descrever a imagem, mas sinto muito, meu querido leitor, só presenciando a cena pra sentir a boniteza real da coisa. Deixo abaixo duas fotografias, na tentativa de alcançar o que foi o momento. Foi mais ou menos assim: estávamos em uma sala que eu vou chamar de berçário de sementes, pois havia um armário com centenas de sementes a serem preservadas. Só isso já tirou um pouco o meu fôlego. Foi quando veio o pensamento sobre a quantidade de chão no mundo. Dá pra plantar muitas sementes. Seu Adevalter nos mostrou algumas das sementes e nos contou como despertá-las.

Pausa para mais um pensamento: eu achava que era só jogar as sementes na terra, colocar uma aguinha, botar no Sol e tava pronto o plantio. Que nada!, tem todo um processo. As sementes que não germinam (brotam), mesmo quando as condições ambientais são favoráveis, são as sementes adormecidas. Então, para quebrar essa dormência, é necessário algum tratamento anterior à germinação, como eu já falei ali em cima. Na natureza, sementes de diversas espécies de plantas costumam adormecer por alguns períodos. O “repouso” é uma forma de garantir sua sobrevivência para quando voltarem aos trabalhos. Olha, a metáfora sobre a pandemia faz cada vez mais sentido. Seria o vírus nossa quebra de dormência? Acho que nem todo mundo acordou.

Mas voltando ao Seu Adevalter: depois de nos contar como despertá-las, ele perguntou se a gente sabia plantá-las, se a gente sabia como colocar a semente na terra. Você já se perguntou isso? Qual o jeito certo de colocar uma semente para germinar? A gente enterra? Só coloca sobre a terra? Enterra a metade? Coloca de lado? Qual o lado? Semente tem lado? Nessa hora, a ansiedade já tinha batido, o coração acelerado, e a pergunta “Semente tem lado certo?”, “Semente tem lado certo?”, “Semente tem lado certo?”

“SEMENTE TEM LADO?” , repetindo em minha mente como se fosse um furacão. Uma pergunta tão simples, como é que eu não sei a resposta? Até que ele interrompeu os pensamentos confusos, explicando: “Você pega a semente que pretende plantar, se posiciona onde quer que ela caia, segura ela na altura de seu umbigo e em seguida você a solta. A semente sozinha vai cair do jeito certo. O lado que ela cair é o lado ideal.”

Meu amigo, nesse momento eu fiquei pasma. Eu não sei se me impressionou mais a sabedoria de Seu Adevalter ou a sabedoria das próprias sementes. Elas sabem o melhor jeito de se aconchegar na terra. Eu achei isso bonito demais, é tecnologia muito refinada! Ai, ai, humanidade, a gente complica demais a vida.



Imagem 1: Berçário de sementes. Fonte: Bruna Neiva



Imagem 2: Adevalter (de costas) conversando com equipe da Educativa. Fonte: Bruna Neiva

A essa altura, já deu pra perceber que eu sou um pouco deslumbrada com as coisas, né? Mas não se preocupe, não, que a viagem só tá começando.

O “nós” a que eu tanto me refiro é a equipe de mediadores culturais do Programa Educativa. E o que a gente faz? A gente media! Medeia? Media? Os dois? Enfim... Mediar, no sentido mais corriqueiro, é dividir ao meio, ou estar no meio. Mas, assim, parece que não há agência do mediador, e isso não é verdade. A mediação cultural não é neutra ou passiva, por isso eu tentarei achar outros sentidos para explicar nosso trabalho.

Será possível pensar que o trabalho da mediação cultural é o de espalhar sementes por aí?

Eu sempre compreendi a mediação como pedra lançada no rio. Assim como uma metáfora trazida pelo educador Gandhi Piorski, quando eu atiro a pedra, ela cai e vai formando ondas circulares que se irradiam até desaparecer. Mas o movimento remexe a água toda, ainda que não se perceba a olho nu. Contudo, apesar do movimento, a pedra vai para o fundo do rio e não posso atestar se algo acontece para além disso, apenas torço para que sim.

Agora, após a experiência com o Programa Educativa, acho que a coisa deve estar mais no campo do plantio. A gente joga as sementes e cuida para que elas possam crescer, virar árvores e depois espalhar mais sementes. Nem todas germinam, mas o que fica, para mim, é o desejo de se fazer adubo, oxigênio, terra fértil, semente, água, Sol. É tudo sobre não desistir da semeadura.

Pensemos então as ações do nosso programa como sementes plantadas. As ações contam com alguns responsáveis, representados por algumas plantas. Vamos a elas.

A Caliandra.

O Pequizeiro.

A Candombá.

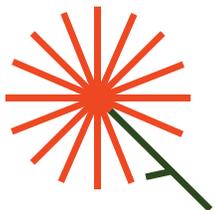
O Jenipapo

E a Sucupira no meio de todas.

A partir de agora, a gente se imagina como planta.

Elas são as mediadoras.

#### A CALIANDRA.



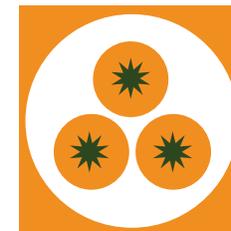
Mais conhecida como a flor do cerrado, aquela que aparece quando todas as outras adormecem. A que brota da seca colorindo a savana do planalto central. (...). (Trecho da carta de Gisele Lima para a Caliandra)

Eu aprendi que as Caliandras nascem do sangue de Laiá. Mas isso é história pra outro dia.

A Caliandra é nossa investigadora. É ela quem adentra os segredos profundos do grande cogumelo branco que chamamos de Museu. Ela entra no interior, em seu acervo (*α-ser-vô*) observando suas obras como paisagens, imagens, formas e cores, procurando a natureza que ali habita, pesquisando as informações sobre as obras. A Caliandra tem o poder de brincar com objetos que ela encontra, tecendo histórias sobre eles, criando modos de se tornarem coisas novas, de dizerem coisas outras com os discursos propostos nas ações, buscando conectá-los ao cotidiano dos humanos, trazendo-os como chão-base, por onde todos nós firmamos tudo o que acontece nesse Programa. Caliandra faz curadoria e até curanderia.

Tão curandeira, que se transformou em outro no meio do processo. Virou dois. Brotou de novo do chão seco, fazendo as imagens-perguntas chegarem aos humanos através das caixinhas virtuais que eles carregam por onde vão, permitindo-os “ver de perto” o que há dentro do Museu.

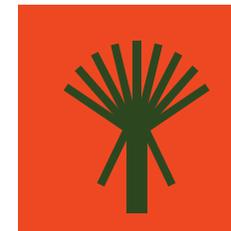
#### O PEQUIZEIRO.



Vi bem fincado na terra, tu bem lindo!  
Bem umas boas palmas e meia de altura,  
retorcida feita tuas irmãs e irmãos  
desta terra vermelha. Tua flor, que  
boniteza tem de monte, dá infusão boa  
pra pigarro na garganta, inflamação do  
corpo e frieza nas partes baixas, eita  
que fiotagem aqui não é pouco! Ave  
floragem linda! Bem que falam de tuas  
florzinhas como lírio do cerrado. Parece  
bem contigo mesmo! (Trecho da carta  
de Geovana ao Pequizeiro)

O Pequizeiro traz a ciência do aprender e do ensinar! Aqui, ele é o grande companheiro do fazer e do brincar. Até rimou, porque ele é poesia! Ele convida a experimentar a terra observando bem os passos que a gente dá! Convida a estarmos atentos ao que está à nossa volta. Ele nos diz: “A natureza é brinquedo!”. O Pequizeiro é o melhor amigo das crianças, é guardador das infâncias, é protetor das Árvores Pergunteiras, das Árvores Conversadeiras e das Marias Faceiras. O sábio Pequizeiro nos convoca a respirar fundo, a fincar-se em si e então desfrutar do gosto de habitar o próprio corpo. Ele conecta o Cogumelo-Museu à Escola-Árvore, aos Humanos-Adubos-Frutos e seus territórios, conhecendo e percebendo todos esses em suas individualidades e potencialidades.

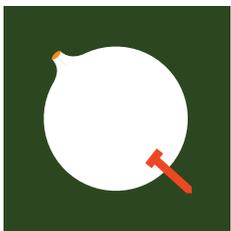
#### A CANDOMBÁ.



Tô precisando aprender essas coisas,  
sobre memórias, adaptação e paciência  
no processo de alcançar o céu. Será que  
você tem essa percepção que cresce  
devagar? (Trecho da carta de Priscilla  
ao Candombá)

A Candombá tem o conhecimento sobre as plantas em sua forma, digamos, mais científica. É ela quem nos conta sobre as histórias que a natureza guarda. Candombá se embrenhou tantas vezes na mata, que ninguém sabe mais onde começa uma e acaba outra. Mas não é só da natureza que ela entende não, ela também conhece um bocado de pessoas, nos apresentou a uma grande rede, na curadoria de convidados possíveis para as oficinas. E assim a gente aprendeu tantos saberes e fazeres, até horta para animais surgiu na conversa! Foi ela quem contribuiu com os cruzos das memórias de naturezas-pessoas que aconteceram no Programa.

#### O JENIPAPO

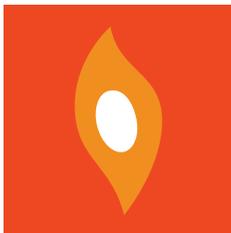


Te conto esta história, meu amigo, para dizer que, se não é com o desenho da tua tinta sobre a minha pele que eu ouço a voz educativa dos ancestrais, se não é com o grafismo geométrico do teu negro que eu respiro a sabedoria, o poder da cura e a proteção dos seres vivos do planeta vivo que é nossa mãe (...).  
(Trecho da carta de Vitor ao Jenipapo)

O Jenipapo é entendido mesmo é dos humanos, sabe? Gosta de observar bastante as pessoas até grudar um pouquinho de cada uma em si mesmo. Só assim pra saber dizer tanto sobre elas a partir das palavras escritas. Ele é tão das palavras, que, no Programa, elas o encontraram em forma de cartas trocadas!

Por fim, falemos da Sucupira, aquela que vos escreve e que estava junto de todas as outras, um “cadinho” em cada canto.

#### A SUCUPIRA.



Me pego agora, a imaginar quanto tempo você levou para compreender que precisava concentrar uma camada de óleo que ajuda a evitar uma desidratação. Ou foi coisa que já nasceu sabendo? Será que você, em algum momento, já

fez pirraça e se pôs a reclamar do calor e da seca do Cerrado, ou apenas aguentou firme, confiando que logo a chuva chegaria? Ou ainda, já rezou para São José clamando pela chegada das águas? As plantas teriam fé? (Trecho da carta de Lua a Sucupira)

A Sucupira-Eu fica bem no cruzo entre arte e educação. Tanto que, às vezes, nem a própria entende se o que tá fazendo é um ou outro. O webinar com Gleyce Kelly me ajudou a borrar ainda mais os limites entre eles. Sem aperreios, eu gosto de habitar os extremos. No webinar, Gleyce apresenta algumas reflexões sobre o contexto dos educativos, considerando os desafios da pandemia. Ela traz seis principais tópicos de discussão, são eles:

- a busca por novas finalidades para os programas educativos;
- o anseio por um decrescimento, no sentido de ir contra uma quantidade exacerbada de públicos para se consolidar a relevância dos educativos, movimento muito comum nas instituições;
- a ideia de desconcentrar, no sentido de descentralizar;
- a produção de conhecimento elaborada pelos educativos;
- o reconhecimento e a redistribuição;
- os educadores como políticos e criadores.

Você pode aprofundar essa discussão conosco, assistindo o vídeo do webinar no YouTube. Aqui eu pretendo adentrar a última temática apresentada nos tópicos acima.

Como eu já disse, a mediação cultural não é neutra. Quando Gleyce coloca os educadores como atores políticos e criadores, eu não consigo deixar de associar essas posições a um fazer artístico. Por muitas vezes, dentro do Programa, eu me perguntei se o que eu propunha era uma ação artística ou educativa, ou os dois. Em muitos momentos, o processo de criação das atividades vinha de questionamentos que eu carregava dentro das minhas experiências no campo da arte. Por exemplo, a ideia da ação das *Cartas para adiar o fim do mundo* veio a partir de um processo pessoal em que eu trocava cartas com um amigo, no intuito de desenvolver textos escritos sobre uma investigação do meu trabalho enquanto artista. O que eu quero dizer é que é muito difícil, pra mim, delimitar fronteiras entre os processos criativos.

Eu entendo o fazer de arte e de educação como dispositivos, como caixas de ferramentas infinitas que são mobilizadas a fim de elaborar modos de relação e reflexão sobre o mundo, com métodos que podem se aproximar e distanciar. Não faz muito sentido para mim tentar separá-los, não sinto necessidade de compartimentar a minha agência enquanto mediadora. Antônio Bispo diz que uma das principais ferramentas de colonização é a denominação, por isso, prefiro me entender assim, sem me preocupar muito com os nomes. Existo como artista e educadora, arte-educadora, mediadora, ou só gente. Se bem que ele também diz que a gente precisa se desumanizar... Mas isso já é outro assunto.

Outro exemplo: agora, neste exato momento, enquanto escrevo este texto, eu mesma não sei se ele é mais artístico ou pedagógico. O que você acha?

Por isso, reafirmo que escolho habitar a fresta entre arte e educação. Gosto de ser um pouco dos dois, há liberdade nos limites.

#### AÇÕES-SEMENTES

Estive com o Pequizeiro na pesquisa com a Escola Parque da Natureza de Brazlândia e no desenvolvimento do Material Educativa. Fiz parte da pesquisa do Acervo do MuN com a Caliandra. Criei a ação das *Cartas para adiar o fim do mundo* junto ao Jenipapo, com quem também contribui bastante para a escolha dos convidados dos webinários. Colaborei para o desenvolvimento do Jogo do Rio Melchior junto à Candombá, ao Pequizeiro e à Coletiva Filhas da Terra, entre outras ações. Não pretendo contar como foram os processos de pesquisa em sua perspectiva metodológica. Isso você pode encontrar em outras partes desta publicação. Gostaria de falar sobre como eu acredito que as plantas estavam no controle de tudo.

No momento do projeto em que começamos a pesquisa, nós tínhamos acesso apenas a uma planilha com imagens, em baixa qualidade, dos trabalhos que compõem o Acervo do Museu Nacional Honestino Guimarães, em Brasília. A pandemia de Covid-19 nos privou da relação presencial com as obras, o que dificultou um pouco o processo. Eu começo este texto falando que estou à procura de rastros, mas, na verdade, essa é a grande busca no Programa inteiro. Ao olhar a planilha, sem conseguir identificar, com certeza, a presença ou não de vegetação nas obras, tudo o que nós

tínhamos também eram rastros. O segundo momento foi a catalogação das obras que nós achamos que tinham plantas. A catalogação nos deu alguns vestígios dos temas que poderiam ser transversais ao Programa. Ao olhar para as pistas do que as imagens nos diziam, começamos a desenhar as possibilidades de discussões que poderíamos apresentar em nossas ações. Dentre as pistas, surgiram os assuntos delimitados em três categorias: (1) **planta e sociedade**, que aponta para possíveis provocações sobre a relação macro entre sociedade, território e vegetação; (2) **planta e indivíduo**, que investiga caminhos possíveis da relação micro entre sujeitos e natureza, olhando para o contato íntimo, pessoal e afetivo de cada indivíduo com as plantas; e (3) **ecossujeitividade**, que pensa a extracorporeidade das relações, tendendo à conexão com o divino e o sagrado, assim como a fabulação de outros protagonistas, por exemplo, as plantas como sujeito.

A partir dessas categorias, nós propusemos os possíveis convidados para os webinários, para as oficinas e as abordagens para a elaboração do Material Educativa, em uma pesquisa conjunta com a Escola Parque da Natureza de Brazlândia, a EPNBraz.

Elaboramos o material partindo de reflexões sobre o lugar das plantas e suas relações com saúde, arte, patrimônio, educação e cidade, integrando estes assuntos às infâncias dos estudantes. Tudo foi feito em uma construção coletiva, tendo os docentes e as crianças da escola como copesquisadores, baseando-nos nas diversas possibilidades de expressão dadas pela natureza, concebendo e difundindo práticas educativas, colaborando para a fertilização de experiências e vivências pedagógicas.

Com o desejo de trazer um pouco mais do que foi a pesquisa com a escola — e a ação das *Cartas para adiar o fim do mundo* — para os públicos, nós criamos a Rádio Educativa, uma proposta de mediação por ondas sonoras. Nos episódios da rádio, nós apresentamos relatos dos copesquisadores e reflexões nossas e dos interlocutores sobre os processos. Poder ouvir a voz das pessoas que estavam conosco e contribuíram tanto para o Programa me permitiu sentir-me perto delas. Mesmo sem conhecê-las pessoalmente, me senti conectada a elas de algum modo.

Rastros podem ser marcas ou pegadas deixadas pela passagem de pessoas ou animais ou podem ser sinais que

nos conduzem a alguma coisa ou a alguma pessoa. Procurar por essas marcas das plantas, no acervo, talvez tenha nos ensinado a procurar pelos públicos também. Lidar com a virtualidade foi um grande desafio para a mediação, e eu entendo o rastro como essa virtualidade de algo que é vivo e presente, mas que não alcanço em sua totalidade. Tenho apenas partes ou vestígios.

Porém, foi a partir dos rastros que conseguimos acessar o outro. De pouco em pouco, juntando os sinais, cria-se uma imagem um pouco mais concreta. Acredito que a ação das trocas de cartas traga essa imagem. O movimento de conclusão da ação foi encontrar trabalhos do acervo que se aproximassem das cartas. Em alguns casos, parecia que a obra do acervo foi feita para acompanhar a carta.

Para mim, a união dos rastros dos públicos com os rastros das obras cria um encontro que se materializa de forma muito concreta, superando a virtualidade, de novo, me fazendo sentir próxima de todos os interlocutores.

Acho que tá aí o controle das plantas. Elas deixaram rastros para nos fazer chegar até as outras pessoas e suas histórias.

Ah! Eu prometi que falaria mais de Ailton Krenak, certo? As plantas, espertinhas que são, nos fizeram chegar até o Ailton. Acho que o ponto mais marcante da minha existência dentro — e talvez até fora — desse Programa foi quando eu pude conversar com ele. Ao me preparar para essa conversa, pesquisando mais sobre a vida de Ailton, achei alguns relatos dele sobre as memórias de infância:

Memórias de passar peneira, andar em balaio no lombo de burro, ficar enfiando cana na “engenhoca” com medo de puxar a mão lá pra dentro, memórias dos tios pegando vasilhas de garapa, jogando nuns caldeirões enormes, botando um monte de lenha pra queimar e fazer melado, memórias do cheiro de cana moída, de café, da natureza mudando em cada época do ano. (Trecho da Louvação a Ailton Krenak, escrita por Priscilla Castro e Lua Cavalcante, feita para o webinar com Ailton)

Sinto como se eu pudesse acessar essas memórias ao ouvi-lo. Reconheço, com meu próprio corpo, o cheiro da cana moída, por exemplo. É motivo de muita alegria para mim, que sou aprendiz da Pedagogia Griô — falarei mais

dela em breve —, poder ouvir as histórias de Ailton com tanta proximidade! Ele é um grande mestre em minha vida, e contemplar a presença dele no mundo me faz ter ânimo para seguir respirando quando eu esqueço de me perceber enquanto parte da natureza.

Lembrei-me de outra história, do Gandhi Piorski! Diz ele que a gente não escuta com os ouvidos, mas sim com parte da nuca próxima a eles, por isso, quando a gente quer ouvir melhor, vira a cabeça de ladinho, para que as palavras cheguem à nossa nuca e façam cócegas nela! Assim foi a conversa com Ailton e outras tantas que tivemos na Educativa, como os webinários, as rodas de leitura e as oficinas. Conteí essa história do Gandhi quando perguntada sobre as mudanças trazidas pela pandemia e a necessidade de relacionar-se e trabalhar via internet. Durante minha entrevista para entrar no Programa, afirmei que esse novo modo trazia mais chances de escutar com a nuca. É bom ver que isso se fez presente na rotina.

Houve muitos webinários, cheios de dizeres, partilhas e cócegas. Nós conversamos com Ailton Krenak, Giselle Beiguelman, Mercedes Bustamante, Jorgge Menna Barreto e Alejandro Cevallos no 1º Ciclo Formativa do Programa Educativa. E, no 2º Ciclo, com Antônio Bispo, Léa Tiriba, Ana Carolina Carmona, Bruno Moreschi e Gleyce Kelly Heitor. Os webinários tiveram diversas conexões entre si e entre os eixos do Programa. Acredito que as discussões perpassaram muitos temas apontados pela pesquisa no acervo e pelos eixos levantados a partir dela. Outro encontro que me foi de grande importância foi com Jorgge Menna Barreto. O que mais me lembro dessa conversa foi a sensação de que ele e eu éramos velhos amigos, falando sobre a vida madrugada adentro. Ficou marcado em mim o modo tão sensível e cuidadoso como Jorgge se referia às plantas. Fiquei com vontade de ser um pouquinho mais como ele, de me entregar um pouco mais à selva, de me resselvagizar.

Algo que me chamou a atenção foi o fato de Ailton, Jorgge e Alejandro terem apontado a importância de se contar histórias em suas falas. Entendi que são as histórias, as verdadeiras, que vêm dos lugares mais honestos e íntimos de nós, são elas que operam fazendo a manutenção do meu existir no mundo. Isto se tornou uma bússola para o meu trajeto: ir à procura das histórias. Acho que foi esse o impulso que me levou à Pedagogia Griô, um pouco antes

de adentrar o Programa. Coincidência? Talvez as plantas já estivessem me preparando para o contato com esses assuntos a partir da Educativa, por isso direcionaram os meus caminhos para a Pedagogia Griô, preparando-me para o que viria. A Pedagogia Griô, de acordo com sua idealizadora, Líllian Pacheco

(...) é uma pedagogia facilitadora de rituais de vínculo e aprendizagem entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais e de gênero, territórios de identidade, saberes ancestrais de tradição oral e ciências, artes e tecnologias universais, por meio de um método de encantamento, vivencial, dialógico e partilhado para a elaboração do conhecimento e de um projeto de comunidade/humanidade que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração do direito à vida.

As práticas da Pedagogia Griô propõem um enraizamento do processo de elaboração do conhecimento por meio da identidade, da ancestralidade e da celebração do direito à vida, ressignificando suas histórias, o próprio lugar social e a própria missão profissional diante da história do Brasil. Essa é a força das histórias, é recuperar um pouco de si, acessar a si, a partir das palavras que saem da boca do outro.

Com a Pedagogia Griô, eu passei a investigar minha própria história e a me conhecer de um jeito muito honesto, porque comecei a me perceber mais no outro, encontrando lugares de acolhimento. Convidamos a Líllian para ministrar uma oficina sobre o cultivo de histórias. Esse foi um dos momentos mais difíceis para mim dentro do Programa. As práticas da Pedagogia Griô perpassam as conexões com memórias pessoais, de infância. Nessa oficina eu me lembrei muito da pequena-eu, lembrei de como os corpos das outras crianças atravessavam a minha experiência de infância, me dei conta que eu tinha muita mágoa das crianças por causa de algumas violências. Veja só, uma educadora com mágoa da infância, isso tem tudo pra dar errado. Mas, ao mesmo tempo, entendi que é exatamente o contato que se dá por meio das práticas educativas que reverte essa mágoa. Nesse sentido, percebi também uma mágoa com os professores que eu tive na infância, por não oferecerem o suporte que eu precisei. Mas, de novo: isso já se reverteu. Embalada pelas canções de Líllian, eu achei conforto para olhar o que

dói, sem me prender a isso, mirando também o que alivia a dor. Compreendi que meu próprio fazer pedagógico reparou os ruídos da minha trajetória. Por isso, não posso deixar de concordar com Ailton Krenak quando ele questiona alguns dos modos como é feita a educação no Brasil. Ainda há muito a se percorrer.

Essa foi apenas uma das reflexões em uma das oficinas que aconteceram. Nem me atrevo a escrever sobre cada coisinha que acontecia, quem sabe em outro momento. Nas oficinas, tivemos conosco Juarez Martins, nos mostrando que as hortas são uma potente ferramenta contra o caos. Nilton Luz nos encantou com sua Farmácia Viva e Vitor Camargo — mais conhecido por você, leitor deste texto, como Jenipapo — nos convidou para uma troca de cartas nada comum, na oficina de escrita criativa “Cartas para adiar o fim do mundo”. Cada uma dessas oficinas nos proporcionou diversas prosas, risadas e muita emoção.

A oficina de escrita teve origem no webinar com Ailton Krenak. O pensador e escritor nos convocou a ser – adultos-adubos. A partir dessa provocação de Ailton, nos sentimos intimados a propor ações que respondessem, de algum modo, à provocação. Eis o desafio: pensar jeitos de refletir sobre a intimidade entre homem e natureza, de modo virtual, durante a pandemia. Depois de muito tempo matutando sobre o que poderia vir a ser a ação, e depois de procurar por muitas referências, chegou até mim, via Instagram — sorte ou coincidência? —, um post divulgando o livro *Cartas para o Bem Viver*, organizado por Suzane Lima Costa e Rafael Xucuru-Kariri, um livro de “cartas-urgentes”, composto por correspondências de pessoas indígenas e não indígenas em uma conversa em torno de um desejo de encontro com o Bem Viver. São, ao todo, 50 cartas, algumas escritas somente com imagens, sem palavras, e assinadas por nomes como Ailton Krenak, Angela Mendes, Sônia Guajajara, Graça Graúna, Tim Ingold, Denilson Baniwa, Antônio Bispo, entre outros. Não é sorte nem coincidência, é confluência! Saudações, Antônio Bispo!

Ao entrar em contato com a ideia de trocar cartas para o bem viver, nós pensamos: por que também não trocar cartas para adiar o fim do mundo? Somada à experiência pessoal de troca de cartas que trago nos parágrafos acima, nasceu nossa proposta de diminuir as distâncias físicas entre as pessoas e as distâncias simbólicas entre humanos e natureza, ou entes naturais não humanos.

A ideia da ação foi bem simples (não gosto de nada muito complexo): uma grande troca de cartas em que cada um se conecta, de modo imaginário, a um ente natural não humano. Ao escrever essas cartas, contamos e criamos narrativas poéticas diversas. Em seguida, as cartas foram trocadas. Todo mundo que mandou uma carta recebeu outra, como se fosse um elemento não humano. Nosso desejo com a ação era dilatar um pouco as percepções sobre o que constitui a humanidade e a natureza, ligando e desligando-se um do outro, e também conhecer mais histórias, ora!

Recebemos cerca de cinquenta cartas — eu acho de uma sensibilidade e generosidade absurdas uma pessoa se propor a escrever uma carta para uma planta, coisa chique mesmo. Houve algumas professoras que experimentaram a ação com estudantes em contexto escolar, outra chiqueza, por essa eu nem esperava. Adolescentes escrevendo cartas para adiar o fim do mundo? Isso é um renovador de esperanças para mim! Talvez o caminho a se percorrer seja mais curto do que eu imagino.

As cartas tinham diversos destinatários como o mar, a luz, o rio Paraguai, a Pedra da Gávea... eu hein, por que eu fico só falando? Eu vou é mostrar um pouquinho!

Tem alguns cheiros que pegam a gente de assalto e fazem o dia mais bonito. Cheiro de bolo quentinho. Cheiro de pão quando a gente passa em frente a padaria.

Cheiro de mar.

O mar tem dois tamanhos: o que a gente pensa e o que ele quer ter, eu li isso uma vez. Mas ele também se disfarça, de tão antigo, de tudo aquilo que é bonito e azul — ele se veste de céu e a gente se despe do dia pra encontrar com ele.

E quando a gente encontra, ele tem gosto de lágrima. Não as lágrimas que se derramam pelo que não volta, mas as lágrimas quentes de quando a gente cai na real.

Cair na real é igual tomar um caldo do mar. (Trecho da carta de Emanuel ao Mar)

A carta de Emanuel chegou em mim igual a memória da

cana moída de Ailton. Se eu me concentrar, sinto o cheiro de mar. Só deus sabe a força que isso tem pra quem mora no Cerrado, mas passou a infância na beira da praia. Sinto tanta falta do mar, que às vezes até dói os ossos, eu juro! A carta de Emanuel ajudou a aliviar um pouco essa saudade, me levou pra perto d'água, encurtou a distância.

Bem, para vocês não dizerem que eu só fico de cá a tentar tecer palavras com gosto de açúcar, talvez até numa estratégia de fuga da dificuldade que me é escrever sem esses devaneios todos, trago um trecho de Eugênia, um trecho não de sua carta em si, mas de um recadinho que acompanha o texto, direcionado ao “pessoal que organiza essa troca maravilhosa de cartas”.

Linda proposta! Meu abraço bem luminoso e terno.

Refletindo sobre a questão do limite entre o que é uma coisa da natureza e outra coisa humana, me deparo com esse verbo, refletir, na direção de pensar, e ser essa ação — o pensamento — uma das expressões mais emblemáticas da tênue linha que distingue natureza e não natureza.

Sermos adubos, propõe Krenak, nós os adultos, adiaría o fim do mundo, ou pelo menos, do mundo que conhecemos como sendo o nosso.

Dentre as coisas que o pensamento faz, tomo as que são feitas a partir da luz como constituindo esse mistério, aquilo que torna fecundo esse adubo. (Trecho que acompanhava a carta de Eugênia “à Luz”)

É bom não estar só na confecção das palavras açucaradas. Eugênia também o faz! É nisso que me apego para finalizar este ensaio-relato-tentativa de viagem pelo Cerrado.

Agora escrevo pensando sobre a sensação de não estar mais só.

CONCLUSÃO OU SOBRE O GOSTO DOCE DE ESTAR JUNTO

Durante todo o tempo do Programa, muitos questionamentos nos acompanhavam. O que mais me intrigava, no entanto, era a pergunta sobre qual seria o papel da arte

e dos museus nesse momento? Diante de tantas dores geradas pela pandemia, confesso que, em muitas situações, eu não consegui enxergar se a arte desempenha algum papel efetivo em nossas vidas nesse contexto. Acho que, nos momentos de real desespero, é bem difícil estender as esperanças para além do que tá bem na nossa frente. Os olhos embaçados de lágrimas também atuam contra a vontade de procurar por novas perspectivas e, às vezes, a gente precisa mesmo é encarar a dor de frente. O que também não é simples. Então, qual é o papel da arte quando o caos se instaura e nos priva de qualquer sensação de segurança? Quando o período de seca atinge o seu máximo no Cerrado, é bem difícil lembrar como é a sensação de chuva, difícil recordar qual o tom de verde das tantas plantas que aqui habitam. Mas daí, cai uma chuvinha, e tudo se transforma. De novo, os milhares de tons de verde assumem seus lugares. Talvez o papel da arte e dos museus seja o de se fazer como a primeira chuva que faz rebrotar a cor na paisagem. Talvez isso pareça meio clichê, meio romântico demais. Vamos tentar de novo.

Durante todo o tempo do Programa, muitos questionamentos nos acompanhavam. O que mais me intrigava, no entanto, era a pergunta sobre qual seria o papel da arte e dos museus nesse momento? Será que existe resposta para essa pergunta? Como a arte apareceu, ou não, em sua vida nesse período? Ah, eu tô fazendo aquilo de tentar responder uma questão com outra. É que foi assim que eu aprendi a fazer mediação. Aliás, a gente discutiu bastante sobre isto: o que é fazer mediação cultural, afinal? É mesmo espalhar as sementes? Eu não sei se cheguei a uma conclusão. E também não sei se é bem esse o propósito do meu fazer dentro da mediação, e muito menos o propósito deste texto.

Sim, mas onde é que tá o gosto doce de estar junto no meio dessa bagunça?

Calma, vou tentar uma última vez.

Durante todo o tempo do Programa, muitos questionamentos nos acompanhavam. O que mais me intrigava, no entanto, era a pergunta sobre qual seria o papel da arte e do Museu nesse momento? A pandemia levou minha sensação de solidão para níveis que eu jamais imaginei acessar, e de onde eu achei que não conseguiria sair. Não é apenas sobre estar ou não perto de outras pessoas fisicamente, é sobre uma outra solidão. Uma que faz rasgo dentro do peito por

saber que tanta gente não teve a chance de ver a chuva cair novamente, de ver as cores, de sair de casa com um mínimo de alívio por estar vacinado. Definitivamente, eu não dou conta de responder a essa questão, não sozinha. Mas, ainda assim, vou tentar dizer sobre o que isso significa para mim.

Acredito que a agência da arte e do museu é me lembrar que, apesar de parecer que eu seria engolida pelo meu próprio eu-sozinho, havia gente em algum lugar. Eu ainda não sei se já consegui sair dos lugares de solidão que encontrei, mas acho que o exercício mental de pensar sobre isso tudo já é algum indício bom, né? Haja terapia. Enfim, na primeira exposição que visitei, pós-vacina, me dei conta de que o que mais importava ali não eram os trabalhos apresentados em si — sem querer retirar a importância dos mesmos, eu também sou artista, não me leve a mal —, mas sim o desejo de que o coletivo pudesse contemplá-los. É isso que sinto! O papel da arte e do museu é de trazer à memória a força que habita na **coletividade**. Foi isso que a gente tentou fazer durante todo o Programa, nos manter juntos! Manter firme a liga que nos conecta enquanto humanidade pertencente à natureza. É unindo as potências coletivas, compartilhando entre muitos o que é feito por muitos, que a gente consegue sustentar o céu mais um pouquinho. Foi isso o que eu senti depois de todas as rodas, todos os webinários, todas as conversas com os professores da EPNBraz. Era disso que a gente falava, da nutrição que o sentimento de estar em comunidade nos proporciona. É esse o papel da arte, lembrar que é junto!

Ainda muito emotivo?

Bom, disseram que a narrativa mobiliza as interlocuções e ações como uma dança, então acho que tá funcionando. Mas o que me interessa mesmo, nessas últimas palavras, é dizer que Cerrado não se escreve.

Cerrado se vê.

Cerrado se respira.

Cerrado se sente.

Cerrado se planta.

Eu me plantei no Cerrado.



Imagem 3: Pé de perna. Fonte: Lua Cavalcante

Bom, pelo menos uma parte do que já fui eu.

Encerro com uma imagem. Outro dia conto sobre o sonho com as cobras desesperadas.

Até a próxima! Quem sabe as plantas não cruzam nossos caminhos outra vez?

Agora vou ali plantar as sementes.

**Lua Cavalcante**

Mediadora – Educativa Museu Nacional

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA Carina. Tudo o que você precisa saber sobre dormência em sementes. **O blog da Aegro**. 9 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://blog.aegro.com.br/dormencia-em-sementes/>>. Acesso em: 22 set. 2021.

O QUE É O BIOMA CERRADO. **O Eco**. 1º set. 2014. Disponível em: <<https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/28602-o-que-e-o-bioma-cerrado/>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

QUER CONHECER A HISTÓRIA DE LAIA E CALIANDRA? O MITO DO CALANGO VOADOR. 20 jun. 2019. **Youtube: Seu Estrelo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IWlaZeMKvI8>>.

3

# ΕΠÍΛΟΓΟ

# MEDIAÇÃO EM PANDEMIA: AS PLANTAS NO DIGITAL

Não foram poucos os desafios vivenciados durante a pandemia que nos lançaram em um contexto de trabalho completamente diferente do que se praticava até então, levando-nos a repensar e rever as experiências que tínhamos de mediação cultural em museus e exposições de arte. A migração para o digital é um dos desafios que discutimos neste texto a partir da experimentação da Educativa Museu Nacional, ao longo de 2021. Também refletimos sobre a prática da mediação tendo as plantas como referência principal para a pesquisa e produção compartilhada de conhecimentos com os públicos.

Nada disso teria sido possível sem a existência e funcionamento dos fundos públicos de políticas culturais, neste caso, do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), um mecanismo de apoio direto a pessoas físicas e jurídicas, que gera trabalho e renda para diferentes agentes da cultura. Num momento em que a taxa de pessoas ocupadas no setor cultural brasileiro registrou queda de 11,2% em 2020 relativamente a 2019, acompanhada de redução da participação do setor no total de ocupados no país de 5,8% para 5,6%, conforme pesquisa do IBGE<sup>13</sup>, a importância dos fundos públicos é ainda mais reforçada.

No caso da Educativa Museu Nacional, o financiamento de um programa educativo proposto por agentes que não fazem parte da estrutura do Museu constitui por si só uma inovação conceitual em termos de políticas culturais, permitindo que projetos de mediação cultural possam se desenvolver como uma linguagem específica, de forma interdependente, a partir das suas próprias questões e não mais como um simples serviço adicionado a outras instâncias da produção cultural.

---

13. Estadão. Cultura encolheu em 2020 e deixou de empregar 700 mil pessoas no Brasil, 08 dez. 2021. Disponível em <<https://bit.ly/3dDORRF>>. Acesso em 10 dez. 2021.

## AS PLANTAS COMO MEDIADORAS

Como dissemos na Apresentação, nossa decisão de adotar as plantas como medidas se deu em meio às circunstâncias de reformulação do projeto com a pandemia, por sua qualidade agregadora das várias questões que pretendíamos abordar. Mas no processo entendemos que elas nos permitiam adotar um ponto de partida duplo, localizado ao mesmo tempo na arte e nos públicos. Desse modo, elas nos possibilitam praticar uma concepção de mediação cultural eventualmente diversa das expectativas mais consolidadas a respeito do papel que essa atividade deve desempenhar.

De um modo geral, espera-se que a mediação amplie a participação da arte e do patrimônio na vida das pessoas, ampliando por extensão o uso social do museu. Essa expectativa tem a sua legitimidade, não só em razão das múltiplas experiências e aprendizagens que possam derivar dos encontros entre arte e públicos, como também, circunstancialmente, diante das guerras culturais a que fomos lançados, nas quais tanto a arte quanto a educação têm sido projetadas como uma diferença a ser eliminada. Em contraponto, arte e educação são pensadas por aquela expectativa como um direito a ser defendido, ou ainda, como práticas da diversidade e da diferenciação, em vista de um coletivo mais rico e pulsante de vidas.

Mas se pensada em um contexto no qual diferentes valores e práticas culturais coexistem, devendo ser reconhecidos e respeitados, aquela expectativa merece ponderação. Seus pressupostos podem estar assentados em um tipo de unidirecionalidade, segundo o qual arte e patrimônio são pensados como um valor cultural *a priori* a ser afirmado diante dos públicos, desconsiderando que aqueles bens culturais eventualmente resultam de experiências históricossociais específicas. Mas se os públicos também são praticantes e fazedores da cultura, não necessariamente segundo os critérios da arte e do patrimônio legitimados, aquela expectativa pode – inadvertidamente ou não – redundar em uma atitude colonial, empenhada na sobreposição (hierárquica) de um valor cultural sobre outros.

A mediação cultural deve, portanto, estar atenta a essas ambiguidades. Mas não é simples se desvencilhar dessa unidirecionalidade. Ela pode persistir mesmo quando a mediação se pensa e opera com base no diálogo. Nesse caso, os públicos já não são mais pensados exclusivamente como

destinatários da arte, de maneira estritamente unidirecional, mas como pontos de passagem de um circuito que, embora contenha idas e vindas, como se fosse bidirecional, começa e termina na arte, reproduzindo a unidirecionalidade no mesmo gesto que pretende desfazê-la. Postular, em vez disso, que a mediação pode partir simultaneamente da arte e dos públicos sugere, portanto, outro ponto de chegada; um que implica o deslocamento ou transformação tanto da arte (e do museu) quanto dos públicos (e da mediação).

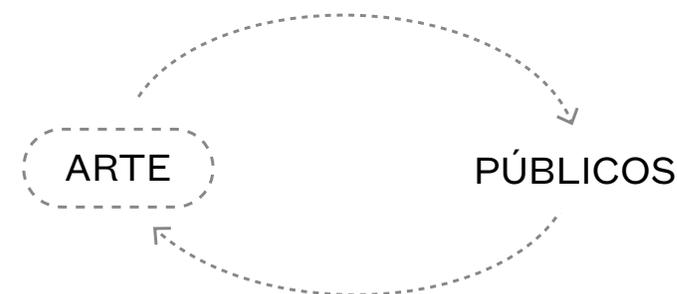


Imagem 1: Diagrama da mediação com ponto de partida e chegada na arte. Fonte: Educativa

Desse modo, não só “democratizar” a arte, isto é, fazê-la chegar aos públicos – como se eles fossem destituídos de arte, cultura, subjetividade, sensibilidade etc. – merece ponderação, como também simplesmente satisfazer demandas recolhidas de antemão entre os públicos – como se eles fossem sujeitos empíricos concluídos, separados de um processo de transformação de si mesmos. A isso se dedicam muitos estudos de público, que eventualmente têm a sua legitimidade, muito embora possam desse modo redundar em uma atitude populista. Assumir um ponto de partida duplo implica navegar por essas ambiguidades, buscando coibir tanto uma vontade civilizatória (colonial) quanto um tipo de paternalismo ou demagogia (populista).

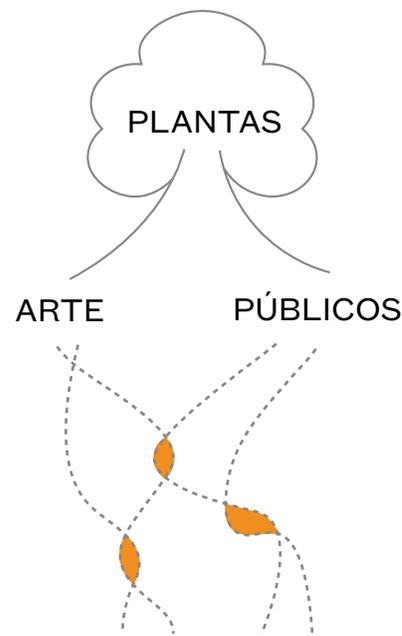


Imagem 2: Diagrama da mediação com ponto de partida duplo. Fonte: Educativa

É portanto em referência a certa ideia de encontros (não hierárquicos) entre arte e públicos que trabalha a mediação com ponto de partida duplo. Mesmo assim, não é simples se desvencilhar da unidirecionalidade. Na prática, estamos quase sempre partindo ora da arte, ora dos públicos, produzindo uma espécie de paralelismo, sem garantia de que esses caminhos irão se cruzar em algum ponto. Assim, muitas vezes, esses cruzamentos terminaram sendo produzidos por nós. De modo mais interessante, porém, eles apareceram em um processo generativo, por meio do qual novas ações foram concebidas a partir das respostas dos públicos, à maneira de uma conversa longitudinal. Em nosso horizonte estava a ideia do momento em que “duas rãzinhas” se encontram. A imagem é uma apropriação indébita de um texto da Sandra Corazza. Em nosso caso, ela pressupõe que algo salte ao mesmo tempo da arte dos públicos, fazendo “ploft” no meio – outra imagem para aqueles encontros não hierárquicos.

À medida que a pesquisa da mediação se desdobrava, buscamos interlocutores que nos permitissem aprofundar

as questões surgidas no processo, assim como desenvolver outras ações e materiais. A conversa mais próxima e longitudinal que tivemos foi com a comunidade da EPNBraz, envolvendo educadores(as), crianças e seus familiares na pesquisa sobre as infâncias e as brincadeiras com a natureza. O Material Educativa exemplifica alguns cruzamentos entre as manifestações artísticas das crianças e as obras do acervo. Por sua vez, os episódios da Rádio Educativa são fruto de um processo que derivou tanto da pesquisa com a comunidade da escola quanto da ação *Cartas para adiar o fim do mundo*. Finalmente, a compreensão segundo alguns participantes da ação *Acervo de plantas* de que as plantas cuidam das pessoas, no sentido de que certos objetos atuam sobre os sujeitos ou de certo modo também são sujeitos, ou ainda, de que as plantas constituem uma espécie de patrimônio imaterial são ideias que encontram correspondência no campo das práticas artísticas.

Nosso ponto de chegada, portanto, não estava pré-determinado. Desse modo, a mediação como pesquisa, informada pelas plantas como mediadoras, tem como parte de seu processo a formação de uma sensibilidade para aqueles encontros inesperados. Registrar esses encontros e seus efeitos de deslocamento ou transformação é um dos objetos da mediação como prática documentária, que também experimentamos com a Educativa. Além disso, as plantas também significaram um espaço próprio de problemas, a partir do qual inclusive selecionamos um conjunto específico de obras do acervo, sem com isso entender que estávamos fazendo curadoria. Nota-se que, desse modo, a mediação não se reduz a um serviço de difusão de conteúdos, mas se estende como produção compartilhada de conhecimentos.

Compartilhar uma produção envolve uma disposição especial, tanto em termos de abertura quanto de acompanhamento. O critério de autoavaliação que chamamos provisoriamente de “metodologia das quatro perguntas” nos lembrou disso o tempo todo. Seu propósito é também o de favorecer um processo que não seja exclusivamente autorreferente, sem deixar de ser autoimplicado, nem se sustente apenas teoricamente, sem deixar de ser reflexivo. Chamamos a prática dessa produção compartilhada de “cogumelar”, em referência ao caráter associativo dos fungos. A propósito, as micorrizas (associações simbióticas entre fungos e raízes) são imagens potentes para se pensar

tanto a disposição para a produção compartilhada quanto os cruzamentos entre arte e públicos. Certamente, corresponder às exigências daquela “metodologia” não é simples e, por vezes, nossas ações não puderam alcançá-las.

Mas o que as plantas têm a ver com as artes visuais? Essa pergunta nos foi feita em diferentes ocasiões. Vitor, um dos mediadores da Educativa, considerou que as plantas medeiam modos diversos de se relacionar com a subjetividade. Entender que tanto as práticas artísticas quanto o cotidiano mobilizam essas relações, ou ainda, que tanto a arte quanto as plantas pressupõem um exercício da sensibilidade ou mesmo uma relação com a alteridade, dispõe um território em comum, onde as passagens entre esses diferentes lugares podem se dar de maneira menos hierárquica. Mas a pergunta pela presença das artes visuais, a par de sua pertinência, pode sugerir uma demanda por autorreferencialidade da qual o museu parece não poder abdicar. Nesse sentido, as plantas também levantam uma pergunta sobre a disponibilidade de instituições como essa para, diante da excepcionalidade das questões abertas pela pandemia, deslocar-se de suas tarefas tradicionais.

De resto, as evidências apresentadas pela comunidade científica sobre as mudanças climáticas tornam inadiável a criação de outras formas de se relacionar com o mundo, capazes de mitigar a exploração destrutiva dos bens comuns naturais. Várias disciplinas para além da ecologia, ou mesmo campos de estudo emergentes, recorrendo muitas vezes ao conhecimento dos povos tradicionais, têm se deslocado de seus problemas disciplinares para problematizar os efeitos das associações entre a modernidade, o colonialismo e o antropocentrismo. De diferentes maneiras, eles buscam criar condições para que as assembleias de humanos e não humanos, os encontros “mais que humanos” ou as relações multiespecíficas sejam reconhecidos de modo consequente. Os desafios que isso acarreta são enormes, na medida em que exigem de nós humanos, em um curto espaço de tempo, uma drástica reprogramação das nossas formas de sentir, pensar e agir, incluindo a construção de outro coletivo. Assim, qual pode ser o papel da arte e da educação nesse processo?

## A MEDIAÇÃO NO DIGITAL

Com a pandemia, a migração forçada da mediação para o digital trouxe questões imprevistas para quem, nesse processo, pensou que estaria em jogo uma simples mediação, no sentido da mudança de uma mídia para outra. Em muitos casos, era evidente na oferta de conteúdos digitais o caráter suplementar da experiência presencial, cuja experiência havia sido repentinamente suspensa. Isso denota que parte daquelas questões sequer foi notada, muito menos desdobrada pelos diferentes projetos e instituições. Certamente, não podemos pressupor as condições para se fazer essa migração. O Museu Nacional da República, por exemplo, sequer dispunha de um site nesse momento. Do mesmo modo, a Educativa só veio a publicar o seu meses após o início do projeto.

Assim, mais do que uma discussão sobre como aproveitar as possibilidades da internet, algumas circunstâncias terminaram condicionando boa parte das ações da Educativa. Muitos viram nessa migração a oportunidade de alcançar um público maior, geograficamente diverso, sem no entanto discutir o que isso representou em termos sócio-demográficos ou de envolvimento. Também as novas condições de atuação que isso acarretou foram pouco discutidas, por exemplo, o fato de a internet ser um lugar altamente competitivo, onde tanto o museu quanto a mediação tinham pouca experiência. Outra circunstância foi ter de trabalhar nas redes (ou mídias) sociais, que submetem conteúdos muito diversos a uma mesma lógica de interação e circulação, terminando por homogeneizá-los de certa forma.

No caso da mediação, a mudança para o digital suspendeu boa parte dos saberes que essa atividade vinha elaborando nas décadas anteriores, por exemplo aqueles relacionados à presença e deslocamento do corpo no espaço, ao uso de sentidos como o tato, o paladar e o olfato, ou ainda, aqueles ligados às situações em que um pode observar a atuação do outro ou à realização de conversas em roda – estes parcialmente recuperados pelos encontros síncronos em plataformas virtuais, ainda que sob outros formatos e dinâmicas, tal como pudemos experimentar com as *Rodas de Leitura*. A propósito, as *Rodas* foram criadas para “mediar” os *Webnários*, favorecendo alguma possibilidade de aprofundamento nessas situações, que haviam se tornado uma oferta recorrente – e em boa medida unidirecional – por parte de inúmeros projetos.

Também nossa percepção de que, apesar da promessa de interatividade, havia na migração para o digital um risco de se reduzir a mediação a um simples *delivery* de conteúdos, se não de corroborar sua própria descartabilidade, fez com que, no caso das redes sociais, buscássemos diferenciar postagens informativas de postagens “mediativas”, recorrendo para tanto à “metodologia das quatro perguntas”, entre outros critérios. A série *Ver de perto* é a que mais experimenta essa tentativa – sem contornar obviamente o fato de que as redes sociais parecem favorecer interações rápidas e pontuais. Aqui também tentamos minimamente deixar claro que estávamos utilizando reproduções digitais, em vez de obras originais, empregando recursos do vídeo tais como “movimentos de câmera”, ampliações etc.

Outro desafio foi trabalhar na internet com um acervo específico, fisicamente localizado, temporariamente inacessível. A par das circunstâncias que não nos permitiram investigar adequadamente o acervo do museu, a remediação digital de conteúdos artísticos que, aparentemente, só poderiam ser experimentados de forma presencial, fez com que o trabalho se mantivesse ironicamente “analógico”, sem considerar as transformações que estavam sendo processadas no âmbito da recepção agora intensamente mediada pela internet. De um modo geral, perguntamos principalmente como o museu pode estar no digital, mas não quais transformações a internet pode trazer para o museu. Em última análise, a cultura digital poderia reconfigurar os próprios museus, na medida em que ela própria se apresenta como uma espécie de “museu distribuído”.

Na internet, as obras de um determinado acervo ou exposição ou, melhor dizendo, suas reproduções são feitas do mesmo material (digital) e circulam pelos mesmos canais (sites e redes sociais) que todas as demais imagens, de modo que o recorte determinado por aquelas instâncias tende a se tornar arbitrário. Nesse caso, que diferença faz trabalhar com o que está neste ou naquele museu? Não temos uma resposta conclusiva, mas entendemos que isso nos solicita pensar que não basta atender ao apelo centrípeta de determinada instituição, desconsiderando o caráter centrífugo das imagens em circulação, e que além disso as práticas de recepção e consumo são transmidiáticas e transculturais, isto é, que elas ocorrem por mídias diversas, cruzando sistemas culturais diversos – o que nos cobra outras formas de endereçamento e interlocução.

A expansão do digital desafia, portanto, os próprios modos de representação sustentados pelos museus. Sem uma reflexão sobre as implicações culturais das mídias que eles empregam e o modo como nos relacionamos com as representações, os museus de arte podem se reduzir a simples expressões das plataformas, submetendo-se a processos de datificação, classificações algorítmicas, termos de serviço etc. Tudo isso, sem falar nos problemas de desigualdades de acesso, que não se limitam a quem não tem acesso à internet, mas passam pela reconfiguração imediata dos públicos, a partir da diferença entre públicos “presenciais” e “virtuais” – já que a iniciativa de se relacionar com um museu pela internet não é imediatamente acionada pelo simples fato de se ter acesso à internet.

**Cayo Honorato e Viviane Pinto**

Educativa Museu Nacional

## PROJETO

### MEDIADORAS

Geovana Freitas  
Gisele Lima  
Lua Cavalcante  
Matheus Furtado  
Priscilla Castro  
Vitor Camargo de Melo

### COORDENAÇÃO GERAL

Bruna Neiva

### COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Viviane Pinto

### CONSULTOR E FORMADOR

Cayo Honorato

### CONSULTORA DE

#### ACESSIBILIDADE

Bárbara Barbosa

### PRODUÇÃO

Camila Pires

### GESTÃO ADMINISTRATIVA

Elisa Mattos

### ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Natália Botelho

### COMUNICAÇÃO

Amanda Marinho

### DESIGN

Felipe Cavalcante  
Gabriel Menezes  
(Molde.cc)



@EducativaMuseuNacional

www.educativamuseunacional.com

## PUBLICAÇÃO

### ORGANIZAÇÃO

Cayo Honorato  
Viviane Pinto

### AUTORES

Bruna Neiva  
Camila Pires  
Cayo Honorato  
Geovana Freitas  
Lua Cavalcante  
Matheus Furtado  
Priscilla Castro da Silva  
Sara Seilert  
Vitor Camargo de Melo  
Viviane Pinto

### COLABORAÇÃO

Natália Botelho

### REVISÃO

Juliana Amorim

### PROJETO GRÁFICO

Felipe Cavalcante  
Gabriel Menezes  
Cecília Cartaxo  
(Molde.cc)

### FONTE

Founders Grotesk

### PAPEL

Offset 120g/m<sup>2</sup>  
Cartão 240g/m<sup>2</sup>



# EDUCA EDUCATIVA ATIVA

Este projeto é realizado com  
recursos do Fundo de Apoio à Cultura  
do Distrito Federal.

**FAC** FUNDO DE APOIO À  
CULTURA  
DO DISTRITO FEDERAL

**tuia** arte  
produção

 MUSEU  
NACIONAL  
DA  
REPÚBLICA

Secretaria de  
Cultura e  
Economia Criativa

